

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

“... denunciando os males do comunismo” : o anticomunismo na revista
Seleções Reader’s Digest (1950-1960)

LENITA JACIRA FARIAS RAAD

FLORIANÓPOLIS, FEVEREIRO DE 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

“... denunciando os males do comunismo” : o anticomunismo na revista
Seleções Reader’s Digest (1950-1960)

LENITA JACIRA FARIAS RAAD

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Joana Maria Pedro.

... Às ausências presentes
Aos meus filhos, Diego e Tiago

AGRADECIMENTOS

Agradeço à vida, que nos dá a oportunidade do recomeço, independente de tempo, espaço e revezes sofridos. Também a ela agradeço e atribuo a oportunidade de conhecer pessoas especiais e de transformar estas relações em amizades profundas e verdadeiras. A estas amizades devo o convívio extremamente prazeroso nestes anos de intenso aprendizado e atividade acadêmica.

À minha orientadora Prof^ª Dr^a Joana Maria Pedro, meu particular agradecimento por ter oportunizado meu contato com a pesquisa e pela leveza e constante disponibilidade na orientação deste trabalho.

Às professoras Maria Teresa Santos Cunha e Maria de Fátima Piazza, dos Departamentos de História da UDESC e UFSC, respectivamente, pelas pertinentes sugestões para a conclusão deste trabalho. À professora Tânia Regina de Luca, do Departamento de História da UNESP, por aceitar o convite para participar da banca examinadora.

À Mariana, colega de pesquisa, por indicar e intermediar meu acesso à coleção da revista **Seleções**. A Dona Frida, sua avó, que prestimosamente franqueou o acesso ao seu “valioso” acervo, cedendo-o por empréstimo e facilitando enormemente meu trabalho de pesquisa.

Aos amigos, Milton, Janine e Cláudio, pela inestimável ajuda nas leituras e correções dos textos.

Ao 63º Batalhão de Infantaria do Exército, sediado em Florianópolis, representado na pessoa do Tenente Renzo Dias Lira, que gentilmente permitiu o acesso à Biblioteca desta Instituição, disponibilizando importante material para minha investigação.

Ao CNPq, que deu apoio a este trabalho através da concessão de uma bolsa de pesquisa.

A todas as pessoas que, de alguma forma, deram sua contribuição para que este trabalho se realizasse.

A familiaridade com o objeto leva quase necessariamente a indiferença. E o seu testemunho, como tantos outros, elucida, não acerca do que na realidade viu, mas que seu tempo se julgava ver.

Marc Bloch

Deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a visitar as leituras mais importantes da juventude. Se os livros permaneceram os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo.

Italo Calvino

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO p. 01

CAPÍTULO 1

O ANTICOMUNISMO NA REVISTA SELEÇÕES DO READER'S DIGEST p. 07

A emergência do “perigo vermelho” p. 24

A paranóia anticomunista norte-americana p. 28

O comunista – o “mau outro” p. 33

CAPÍTULO 2

**FIDEL CASTRO E A REVOLUÇÃO CUBANA NAS PÁGINAS DA
REVISTA SELEÇÕES** p. 49

A revista muda de opinião p. 55

A concretização da suspeita p. 68

O modelo comunista cubano p. 76

CAPÍTULO 3

**A REVOLUÇÃO CUBANA E A AMÉRICA LATINA NA REVISTA
SELEÇÕES** p. 85

Por uma política intervencionista na América Latina p. 92

A Aliança Para o Progresso – O Plano anti-Castro p.100

O Brasil em **Seleções** p.104

CONSIDERAÇÕES FINAIS p.129

FONTES

p.132

Revistas

Jornais

Revistas da UFSC

Artigos

Acervos pesquisados

Documentos eletrônicos

BIBLIOGRAFIA

p.133

Locais de Pesquisa

Arquivo Edgard Leunroth – Campinas – SP

Arquivo do Estado de São Paulo – SP

Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa – Porto Alegre/RS

RESUMO

Palavras-chave: revista **Seleções do Reader's Digest**, anticomunismo, Guerra Fria, América Latina.

Este trabalho tem por objetivo analisar o anticomunismo na revista **Seleções do Reader's Digest**, nas décadas de 1950 e 1960, quando emergiu uma nova onda de temor comunista, em decorrência da socialização da Revolução Cubana. A partir desse acontecimento, esta revista passou a empreender uma campanha de denúncia, advertindo sobre o “perigo vermelho” que ameaçava a América Latina, agindo em consonância com um discurso anticomunista dominante e liderado pelos Estados Unidos. Nos embates que envolveram a disputa pela hegemonia mundial, no período da Guerra Fria, a revista foi utilizada como valiosa aliada na divulgação da ideologia do *american way of life*.

ABSTRACT

Keywords: The Readers's Digest magazine, anticommunism, cold war, Latin America.

The objective of this study is to analyse the anticommunism in the Reader's Digest magazine in the 1950 and 1960 decades, when a new wave of communism fear arises from the Cuban Revolution move toward socialism. From this event, the magazine will undertake a denunciation campaign, warning about the "red scare" that was threatening Latin America, acting in consonance with a prevailing anticommunist discourse headed by United States. In the fights that involved the dispute for world hegemony, in the Cold War period, the magazine was used as a valuable ally in the propagation of the american way of life ideology.

INTRODUÇÃO

Minha infância foi assombrada por temores que recordo com perfeita nitidez: o de ser raptada por ciganos ou por comunistas. Dos primeiros, estaria a salvo se não me desprendesse da mão firme e protetora de minha mãe; mas dos comunistas, não sei porquê¹, eu tinha a noção de um poder maior, acima de minha família: o poder do Estado. Portanto, o comunismo teria que ficar bem distante do meu país. Poderia haver destino pior para uma criança que ser “arrancada” de seus pais, pelos comunistas, e ser internada indefinidamente num internato estatal, sem chances de evadir-se? Pois, como eu poderia fugir da “cortina de ferro”? No meu imaginário, todos os países comunistas estavam segregados e agrupados em um “bloco” e cercados, literalmente, por pesadas, imóveis e inexpugnáveis cortinas de ferro, que impediam as pessoas de entrarem ou saírem. Isoladas de tudo e de todos, era a imagem da falta de liberdade que os comunistas infligiam aos “povos escravizados”.

Estes temores eram acrescidos por leituras que compartilhava com meu irmão, como uma espécie de cartilha ilustrada, onde contava a história de um personagem que lembrava o matuto “Jeca Tatu”, de Monteiro Lobato. Representado na figura de um pobre camponês magro e descalço, este tinha sua humilde propriedade invadida e tomada pelos comunistas que, de tão perversos, levaram sua única “vaquinha” para ser “socializada”. E assim, neste contexto, cresci temendo o comunismo e admirando o *american way of life*.

Ao historicizar o anticomunismo na revista **Seleções do Reader's Digest**, objetivo deste trabalho, vejo que meus medos infantis não eram infundados. Na prazerosa leitura de seus exemplares, concluo que a revista colaborou significativamente na construção deste imaginário, através de leituras repassadas pelos adultos e, mais tarde, por leitura própria.

¹ Este medo “difuso”, mas onipresente, está muito bem retratado no trabalho desenvolvido sobre a “recepção” do discurso comunista. Ver, RODEGHERO, Carla Simone. (*et. alli*). **Contribuições para o estudo do anticomunismo sob o prisma da recepção**. Porto Alegre : Ed. UFRGS, 2003. p. 29.

Meu contato com a revista, agora na fase “madura” da vida, ocorreu com a retomada de meus estudos e conseqüente ingresso no Curso de História, da Universidade Federal de Santa Catarina, em 1998. No ano seguinte, tive a grata oportunidade de participar do projeto de pesquisa coordenado pela Prof.^a Dr.^a Joana Maria Pedro, denominado “A medicalização da contracepção: conhecimento – e autonomia. 1960-1970”. Como bolsista de Iniciação Científica, coube-me investigar o tema “A Interferência Estrangeira no Controle da Natalidade no Brasil”, encontrando, nas páginas de **Seleções**, valiosos subsídios para minha pesquisa. Do aprofundamento deste tema resultou meu Trabalho de Conclusão de Curso, que tomou o título “**Seleções do Reader’s Digest e a Questão Demográfica: o discurso antinatalista no interior da Guerra Fria**”. Neste encadeamento, e motivada pelo prazer da pesquisa, continuei a análise deste periódico, que se converteu nesta Dissertação de Mestrado: “*... denunciando os males do comunismo*”: o anticomunismo na revista **Seleções do Reader’s Digest** (1950-1960)”, que desenvolvi junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFSC.

Este reencontro com a revista **Seleções** faz lembrar Roger Chartier quando diz: “A cada leitura, o que é lido muda de sentido, torna-se outro”.² Acrescentam-se a estas afirmações as oportunas reflexões de Ítalo Calvino: “[...] as leituras da juventude podem ser poucos profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência da vida”.³ Nesta releitura estava ausente a ingenuidade dos tempos passados e somava-se, agora, o olhar crítico e questionador da historiadora. Foi possível perceber, no desenrolar da investigação, que o temor do comunismo permeava o discurso desta revista, enquanto o capitalismo era permanentemente exaltado. Segundo Maria Lígia Coelho Prado: “*Seleções* não é uma mera revista de entretenimento, pois foi idealizada como instrumento propagador de uma ideologia que partia do suposto de que a hegemonia mundial dos Estados Unidos seria o corolário natural do destino manifesto”.⁴

Na busca pelos exemplares de **Seleções**, para dar andamento à pesquisa, fui encontrá-la no que Pierre Nora chamaria de “lugares de memória”, que também serão

² CHARTIER, Roger; GOULEMOT, Jean Marie Goulemot. **Práticas de Leitura**. São Paulo : Estação Liberdade, 2000 . p. 116.

³ CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?** São Paulo : Cia das Letras, 1993 . p.10.

⁴ PRADO, Maria Ligia Coelho. Nota de Apresentação. In : JUNQUEIRA, Mary Anne. **Ao Sul do Rio Grande – imaginando a América Latina em Seleções** : oeste, wilderness e fronteira (1942-1970). Bragança Paulista : EDUSF, 2000.

lugares de História, como identifica o autor.⁵ E estes lugares podem ser os mais diversos e inusitados. Neste caso, a garagem da casa da simpática Dona Frida,⁶ leitora fiel desde o lançamento da revista no Brasil, nos idos de 1942. Para minha surpresa e contentamento, entre páginas de antigos jornais, poeira e revistas desconhecidas, encontrei desde o primeiro número de **Seleções** até edições do final da década de 1990.

Em trabalhos anteriores, tanto na participação de projetos de pesquisa, como no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso, envolvendo as décadas de 1960 e 1970, percebia-se que o medo do comunismo permeava e direcionava as ações e as políticas emanadas dos países do Primeiro Mundo, particularmente os Estados Unidos, e voltadas para os países subdesenvolvidos. Esta observação despertou o interesse em aprofundar a investigação para compreensão do medo que causava o comunismo, e que eu havia vivenciado. A revista **Seleções** tornou-se fonte privilegiada para acompanhar os embates que foram travados no interior da Guerra Fria. Pode-se identificar e atribuir a seu discurso - em razão de seu grande sucesso, alcance e prestígio - importante contribuição para construção do imaginário anticomunista da época.

Nesta dissertação será utilizado o viés da História Cultural para análise da revista, empregando o conceito de representação, formulado por Roger Chartier, na intenção de compreender a construção do imaginário a respeito do comunismo/comunista, presente em **Seleções**: “A relação de representação é, desse modo, perturbada pela fraqueza da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os signos visíveis como índices seguros de uma realidade que não o é”.⁷ Mas, o que se pretende também, amparando-se ainda nas reflexões de Chartier, é evidenciar que a representação tem amparo no real (no caso dos relatos sobre ações dos comunistas). Procurar-se-á entender as representações desta revista como uma “luta discursiva”, observando a especificidade deste discurso, os lugares de produção, quem ordena e controla, as formas de exercício de poder. Discurso este “que é investido pelo desejo, e que se crê para sua maior exaltação ou maior angústia – carregado de terríveis poderes”.⁸ Discurso que procede a

⁵ NORA, Pierre. Entre a Memória e a História : a problemática dos lugares. **Revista do programa de estudos pós-graduados em história**. PUC/SP : Dezembro, 1993.

⁶ Conheci Dona Frida por intermédio de sua neta, Mariana Taube Romero, colega de pesquisa de Iniciação Científica.

⁷ CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. **Estudos Avançados**. 11(5), 1991. p.185.

⁸ FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo : Loyola. 5ª edição, 1999. p. 13.

inclusão e exclusão, que traz a proposição de estabelecer “verdades”, (neste caso, o capitalismo), ou “falsidades” (o comunismo).⁹

Para tanto foi realizada a leitura das edições de **Seleções** desde o seu lançamento no Brasil, em 1942, perfazendo, aproximadamente, um total de 300 exemplares. Porém, para efeitos de elaboração deste trabalho, o recorte limitou-se às décadas de 1950-1960, período em que a questão do anticomunismo emergiu com destaque na revista. Também foi objetivo desta dissertação investigar revistas e jornais de circulação nacional, para perceber como este discurso anticomunista estava reverberando em outros veículos da mídia impressa brasileira. De fundamental importância foi a leitura de livros que abordaram a Guerra Fria e o tema do anticomunismo, bem como de outros que analisaram o contexto proposto.

Dentre a literatura mencionada na bibliografia, é necessário chamar a atenção para o livro de Mary Anne Junqueira, **Ao Sul do Rio Grande**. Em razão do escasso material publicado sobre a **Seleções**, apesar de se ter conhecimento de outros trabalhos em andamento, este livro trouxe grande contribuição para conhecimento da revista. Embora a América Latina também seja objeto de estudo desta autora, e nossos trabalhos aproximarem-se em alguns momentos, os temas centrais são diversos, tomando rumos próprios. A abordagem de Junqueira analisa as visões e representações construídas sobre a América Latina, partindo “da compreensão do universo simbólico norte-americano, que tem no tema do Oeste, na idéia do *wilderness* e no mito da fronteira alguns de seus componentes centrais”. A partir deste enfoque, a autora mostra como a revista criou uma analogia entre América Latina e o “novo-oeste”, território a ser conquistado, e seus primitivos habitantes, civilizados. Já o presente trabalho está voltado para análise das representações da revista acerca da Revolução Cubana e do temor de comunização da América Latina, em consequência deste evento.

Outra significativa contribuição veio da leitura do livro de Bethânia Mariani, **O PCB e a Imprensa**, onde a autora analisa o discurso anticomunista nos jornais brasileiros. Destaca-se a importância do livro de Rodrigo Patto Sá Motta, **Em Guarda contra o “Perigo Vermelho”**, por dar visibilidade a momentos cruciais de nossa história política, motivados pelo medo do comunismo, bem como esclarecer sobre o papel da imprensa na

⁹ FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo : Loyola. 5ª edição, 1999. p. 33.

constituição do imaginário anticomunista brasileiro. É pertinente apontar, ainda, a obra de Manuel Lucerna Samoral, **Historia de Ibero América**, por encontrarmos oportuna discussão sobre a política externa norte-americana para a América Latina.

O objetivo desta Dissertação é a América Latina, ou melhor, a análise sobre como a revista **Seleções do Reader's Digest**, a partir da Revolução Cubana, construiu e representou em suas edições, o medo de comunização deste continente. Este recorte prende-se, inicialmente, ao acirramento da Guerra Fria, na década de 1950, em virtude de mudanças na configuração do cenário mundial do pós-guerra, agravado em consequência da Revolução Cubana, encerrando com um relativo abrandamento das tensões no final da década de 1960, sinalizando para a derrota dos EUA no Vietnã e para as dificuldades no panorama econômico deste país. Fundamentalmente, busca-se compreender a revista como mais uma “arma” utilizada pelos norte-americanos na disputa pela hegemonia mundial com a rival União Soviética.

No primeiro capítulo, o objetivo é expor a forma como **Seleções** representou em suas páginas o “perigo vermelho”, relacionado-o com a Europa, África e Ásia. Busca-se evidenciar, através das narrativas da revista, os principais embates que envolveram a URSS e os EUA na disputa pela hegemonia mundial, na década de 1950, para, na década seguinte, em decorrência da Revolução Cubana, voltar sua atenção e preocupação para a América Latina.

No segundo capítulo é destacado o “deslocamento” do “olhar” da revista para a América Latina, em virtude do acontecimento da Revolução Cubana. Observar como **Seleções** representou o Movimento cubano em suas páginas, e evidenciar a mudança no seu discurso em relação a Fidel Castro e sua Revolução, na medida em que se acirravam os conflitos entre Cuba e os Estados Unidos. Assinalar como estes acontecimentos estavam sendo apropriados pela imprensa brasileira.

O terceiro e último capítulo tem por intenção mostrar como **Seleções** representou em seus escritos o perigo de comunização da América Latina, em decorrência do processo de socialização da Revolução Cubana. Objetiva destacar como esta revista passou a defender a necessidade de mudanças na política externa norte-americana, como forma de afastar a ameaça comunista do continente americano. Fundamentalmente, o que se pretende

é dar ênfase à sua importância na divulgação do Golpe de 1964, denotando a sua proximidade com o poder instituído.

Avaliando a riqueza da fonte através da leitura de considerável número de exemplares de **Seleções**, foi vislumbrado um leque de opções para futuras pesquisas. Particularmente, chamou a atenção a possibilidade de trabalhar com as propagandas anunciadas na revista. Ou melhor, investigar como as propagandas estavam sendo apropriadas para “vender” a ideologia do *american way of life*. É a “curiosidade” da pesquisadora na tentativa de melhor compreender seu objeto de estudo: a revista **Seleções do Reader’s Digest**.

CAPÍTULO 1

O ANTICOMUNISMO NA REVISTA SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

“Mais do que qualquer outra publicação de grande tiragem, o Digest tem permanentemente denunciado os males do comunismo e retratado permanentemente as vantagens do sistema de economia livre.”¹⁰

Ao pensarmos a questão do anticomunismo e a importância do papel da mídia impressa na construção de um imaginário anticomunista, detemo-nos na investigação e análise da revista **Seleções do Reader's Digest**. Por ser uma publicação internacional, por ter obtido grande aceitação junto a um amplo segmento de público leitor, contribuiu para criar um imaginário atemorizante, ou mesmo de pânico, quanto a uma suposta dominação comunista mundial, nos anos que se seguiram à Segunda Guerra Mundial.

Revista Seleções do Reader's Digest

A revista **Seleções do Reader's Digest**, publicação mensal, é a versão para língua portuguesa da revista norte-americana **The Reader's Digest**. **Seleções**, como ficou popularmente conhecida no Brasil, foi fundada nos Estados Unidos, em 1922, na cidade de Nova York, por um casal de norte-americanos, Roy William DeWitt Wallace e Lila Acheson Wallace, filhos de pastores protestantes (presbiterianos).¹¹ A revista **The**

¹⁰ WALLACE, DeWitt. [Trecho do discurso proferido por DeWitt, sócio-fundador da revista, ao inaugurar o edifício da **Reader's Digest**, em Montreal, Canadá, em 31 de dezembro de 1961, e publicado na edição comemorativa dos 50 anos da revista]. Álbum de 50 Anos. **Seleções**. Tomo II, nº 10, mar. 1972. p. 31.

¹¹ HEIDENRY, John. In: JUNQUEIRA, Mary Anne. **Ao Sul do Rio Grande - imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)**. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.. p. 23.

Reader's Digest, uma literatura de massa, alcançou grande sucesso e projeção internacional, transformando-se num dos fenômenos editoriais do século XX.

Ao citarmos a revista como literatura de massa, queremos destacar o surgimento da imprensa popular e da cultura de massa, que ocorreu no final do século XIX e início do século XX. O final do século XVIII já sinalizava para uma “virada” no mundo do impresso e da leitura, disponibilizando maior quantidade de material para um público mais amplo: uma massa de leitores que chegaria a números fantásticos no século XIX. A contribuição tecnológica foi inestimável: a industrialização do papel, os prelos movidos a vapor, o linotipo, incluindo uma crescente e generalizada alfabetização.¹² Foi na Inglaterra e nos Estados Unidos que a popularização do impresso teve seu maior impacto. Lançando um novo tipo de jornalismo, seu público alvo era o leitor “em busca de informação *condensada* e facilmente *assimilável*, alguma coisa mais simples, resumida e mais acessível do que as matérias tradicionais, ou seja, uma maneira *digestiva* de dar informação ao público.”¹³ Esta referência *gastronômica* (digest)¹⁴, integrante do título da revista, já era encontrada em escritos da Europa seiscentista, como relata Alberto Manguel em seu livro, **Uma História da Leitura**, citando Francis Bacon quando este dizia: “Alguns livros são para se experimentar, outros para serem engolidos, e uns poucos para se mastigar e digerir”. Manguel acrescenta que, com o passar do tempo e a propagação do hábito da leitura, o uso da *metáfora gastronômica* tornou-se prática comum.¹⁵ Robert Darnton reforça este pensamento quando se reporta aos hábitos de leitura nos séculos XVIII e XIX e enfatiza a idéia da presença de um elemento físico na leitura. Segundo o autor: “[...] os leitores tentavam ‘digerir’ livros, absorvê-los em sua totalidade, corpo e alma”, interpretando literalmente *leitura-como-digestão*.¹⁶

Para o casal Wallace, o povo apreciaria artigos de interesse popular e atração geral, selecionados de livros e outras publicações e *condensados* de modo que pudessem ser lidos

¹² DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**. São Paulo : Cia das Letras, 1990. p. 160.

¹³ WILLIAMS, Francis Lorde. **A História do Século 20**. Comunicação de massa, 1900 : a era de Hearst e Northcliffe. São Paulo : Editora Abril, 1974. Cap. I

¹⁴ Conforme o dicionário Houaiss inglês/português, além do significado da palavra “digest” como digestivo, digerir, também encontramos compilação, sumarização, que, segundo a revista, seria a tradução mais correta para o título do periódico.

¹⁵ MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. São Paulo : Cia das Letras, 1997. p. 199.

¹⁶ DARNTON, R. Op. Cit. p. 155.

com rapidez e facilidade, no contexto dos “agitados anos 20”.¹⁷ Era a idéia de uma revista “digesta”, isto é, uma leitura de fácil assimilação. Muitos dos artigos originais, acreditavam, poderiam ser cortados em mais de 75 por cento de seu conteúdo e ainda continuar “retendo a substância e o estilo do autor”.¹⁸

DeWitt Wallace, sócio fundador da revista, nos longos meses de convalescença em virtude de ferimentos recebidos como combatente na Primeira Guerra, dedicou-se intensamente à leitura variada. Foi quando concebeu e desenvolveu a idéia “de uma publicação para as pessoas que não tinham possibilidade, ou tempo, de ler todas as publicações importantes e queriam manter-se bem informadas”.¹⁹ Restabelecido, passou a freqüentar bibliotecas, realizando experiências de *aligeirar* os artigos escolhidos “sem lhes sacrificar nem a tese nem o sabor”. Na sua opinião, ao cortar palavras desnecessárias, conseguiria melhorar a qualidade do texto. Este seria o processo de condensação: “tirar o peso morto dos excessos verbais”.²⁰

Em 1921, DeWitt Wallace casou-se com Lila Acheson e o casal lançou-se no empreendimento de editar a revista. Como estratégia de venda, oferecia assinaturas de *fundador* para os pretensos assinantes, propondo o seguinte: as assinaturas seriam aceitas sem pagamento prévio, condicionadas à aprovação do leitor. Se, ao receber o primeiro número, o assinante não ficasse satisfeito, devolveria o material sem nenhum custo ou compromisso, mas se a revista fosse aprovada teria que pagar a assinatura. A receptividade dos leitores foi surpreendente e, em janeiro de 1922, os primeiros 5.000 exemplares eram publicados e destinados aos *assinantes-fundadores*.²¹

The Reader’s Digest cresceu vertiginosamente, expandindo-se dentro e fora do país. Em 1938, a revista foi lançada na Inglaterra e Império Britânico; em 1940, na Espanha e América Latina, e, em 1942, aportava no Brasil e em Portugal, sendo também distribuída nas colônias de língua portuguesa. O pós-guerra e a economia americana em alta

¹⁷ Os EUA saíram da Primeira Guerra Mundial como o grande credor universal e com um mercado interno ávido por bens de consumo de massa, que começavam a ser produzidos. Essa grande expansão econômica modelou as futuras sociedades ocidentais, infundindo confiança no modelo capitalista. Essa confiança excessiva acabou levando ao *crack* da Bolsa, em 1929. Ver: **História do Século 20**. Cap. 41. p. 1219.

¹⁸ WOOD, James Playsted. **Of Lasting Interest : the story of the Rider’s Digest**. Garden City, New York : Doubleday & Company, 1967. Cap. I

¹⁹ Idem. p. 14.

²⁰ HISTÓRIA do Reader’s Digest e de Seleções. **Seleções**. Tomo I, nº 5, jun. 1942, p.17.

²¹ WOOD, J. Op. cit. cap. II

favoreceu sua expansão ao redor do mundo, tornando-a um poderoso e influente veículo de comunicação.

A chegada da **Digest** ao Brasil aconteceu em plena ditadura do Estado Novo. O cenário mundial encontrava-se conturbado pelo desenrolar da Segunda Guerra Mundial e os Estados Unidos estavam preocupados em atrair aliados e abrir mercados. O lançamento de **Seleções** no mercado editorial brasileiro, no ano de 1942²², coincidiu com a entrada do Estado brasileiro no conflito. Os redatores brasileiros anunciavam:

Os brasileiros recebem com o mais intenso regozijo esta nova edição do <Reader's Digest>, que muito poderá contribuir para desenvolver as boas relações entre os Estados Unidos e o Brasil, cuja amizade é tão antiga quanto a independência de ambas as nações e tem sido reforçada, no curso da história, por iniludíveis demonstrações de solidariedade e afeto. Que esta edição do <Reader's Digest> possa ser mais um elemento de aproximação, pela cultura e pelo espírito, do povo de duas nações, - a de Washington e a de José Bonifácio.²³

Antonio Pedro Tota discute em seu livro, **O imperialismo sedutor**, a campanha empreendida pelos Estados Unidos, na década de 1940, durante o governo Vargas, e que teria como objetivo “americanizar”²⁴ o Brasil. Tal projeto, tendo a frente o milionário Nelson Rockefeller e seu “Office of Inter-American Affairs”, abrigava-se sob as asas da *política da boa vizinhança* de Roosevelt e da idéia de *panamericanismo*: “A imprensa e a propaganda impressa eram meios importantes para a divulgação dos princípios do americanismo ‘fabricado’ pelo Office”.²⁵ A intenção de Rockefeller era promover uma maior aproximação econômica e cultural entre os dois países, e a revista **Seleções** seria um valioso canal para difundir os valores norte-americanos: “Embora a revista não fizesse parte diretamente do projeto de Rockefeller, desempenhou um papel importante na difusão do americanismo no Brasil [...] com ela os americanos esperavam conquistar o brasileiro

²² Neste mesmo ano o Pato Donald aparecia numa revista brasileira, **O Globo Juvenil**, direcionada ao público infantil. Ver: TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo : Companhia da Letras, 2000. p. 133.

²³ O QUE dizem eminentes brasileiros sobre a *Seleções do Reader's Digest*. **Seleções**, Tomo I, nº 1, fev. 1942.

²⁴ Os Estados Unidos imaginaram-se criadores de uma nação modelo e uma sociedade ideal. Acrescenta-se a este pensamento os princípios da Doutrina Monroe, que definia: “A América para os americanos”. Seu objetivo era isolar o hemisfério Ocidental da política européia e salvaguardar interesses americanos. Ver: SAMORAL, M. Op. Cit. p.410.

²⁵ TOTA, A. Op. Cit. p. 54.

urbano médio por meio de anúncios e de artigos que celebravam o *American way of life*”.²⁶ Outros veículos também foram utilizados com esta finalidade, entre eles o rádio e o cinema.

A primeira diretoria de **Seleções**, “Após consulta a eminentes personalidades literárias de todo o Brasil”, foi composta por Afrânio Coutinho, para o cargo de redator-secretário, e José Rodrigues Miguéis, para co-redator, cabendo a Eduardo Cárdenas, jornalista colombiano, a função de redator-gerente.²⁷ Os redatores brasileiros escreviam por ocasião do lançamento do mensário: “Seleções apresentará todos os meses artigos de amena e útil leitura, de interesse duradouro, um livro de êxito, condensado de maneira a ser lido com prazer, além de um caudal de leituras complementares, graves umas vezes, alegres outras, tudo pacientemente respigado em jornais, livros e revistas”.²⁸

Sabendo de antemão que só a preço reduzido conquistaria o mercado brasileiro, **Seleções** chegou subsidiada²⁹ pela **Digest** norte-americana. Antes de seu lançamento foram realizadas pesquisas de mercado, envolvendo público leitor, poder aquisitivo da população e levando em conta o preço dos jornais e revistas mais concorridos. O seu lançamento no Brasil redundou em enorme sucesso de vendas, suplantando os números apresentados por **Selecciones**, distribuída para toda América Hispânica. Na edição de junho de 1942, a sucursal brasileira comemorava o sucesso alcançado: “A forma compacta, a economia de tempo para o leitor, assegurada pela condensação, o conteúdo informativo, o interesse duradouro da matéria e a idéia de um artigo por dia – havia exatamente 31 artigos em cada um dos primeiros Digests – conquistaram novos leitores para a revista em cada número”.³⁰ Os redatores também chamavam a atenção para o seu formato³¹: “[...] pequeno e cômodo [...] tão cômodo que se pode guardar no bolso”.³²

²⁶ TOTA, A. Op. Cit. p. 59.

²⁷ Segundo a revista, Afrânio Coutinho tinha em seu currículo o cargo bibliotecário da Faculdade de Medicina e professor da Faculdade de Filosofia da Bahia, além de ensaísta, crítico e colaborador em inúmeros jornais e revistas nacionais. José Miguéis, escritor português, também estava coberto de méritos literários. A revista esclarecia que a diretoria administraria a filial brasileira desde os escritórios de Nova York. Eduardo Cárdenas, mais adiante, ficaria responsável pelo gerenciamento dos escritórios de toda América Latina. (No decorrer do trabalho veremos sua ligação com a CIA).

²⁸ HISTÓRIA do Reader's Digest e de Seleções. **Seleções**. Tomo I, nº 5, jun. 1942. p. 23.

²⁹ Foi estabelecido o preço inicial de 2\$000 o exemplar, que corresponderia, atualmente, a U\$ 1. A revista poderia ser também adquirida através de assinatura mensal ou anual.

³⁰ SELEÇÕES do Reader's Digest. Quarenta Primaveras. **Seleções**. Tomo XLI, nº 241, fev. 1962.

³¹ A Revista, em seu formato de livro, mantém as medidas originais: 19 x13,5cm. Inicialmente, era publicada com o índice na capa, alternando com a contra-capa. Atualmente, remodelada, anuncia os temas no interior da edição.

³² **Seleções** (contracapa). Tomo I, nº 4, maio 1942.

A revista se propunha a alcançar um amplo público³³ leitor: “de tôdas as classes sociais e tôdas as idades”. Ou, como dizia um leitor, referindo-se ao periódico, “ser guia e apoio do comum, do homem de classe média, dos intelectuais [...]”.³⁴ Ao empreender campanha para angariar anunciantes³⁵, em junho de 1954, usava como argumento “o alto poder aquisitivo dos leitores de *Seleções*”, assegurando lucrativo retorno aos investidores. Isto implicaria um público leitor e consumidor de classe média ou alta. Mas a revista chegaria também a camadas mais populares, através de um sistema de “socialização”³⁶ de seus exemplares, como explica o próprio periódico: “Sabendo-se (é resultado de inúmeras pesquisas) que *Seleções* tem em média 6 leitores por exemplar, essa circulação líquida representa uma verdadeira massa de leitores”.³⁷

O *Digest* selecionava o que a imprensa nacional e mundial³⁸ havia lançado de mais interessante, condensava e reunia numa única edição. Assim, segundo Junqueira: “Selecionava e condensava as matérias mais importantes, em meio à massa de informações do mundo moderno”.³⁹ Porém, Wallace selecionava apenas assuntos que no seu entender eram de *interesse permanente e universal*.

O comentário acima nos faz lembrar as análises de Maria Cecília Souza sobre a popularização do hábito da leitura no final do século XIX, com o surgimento de novos leitores, levados pela necessidade de atingir um determinado *status social*. Para a autora, “a idéia era recuperar para o livro o espaço pedagógico exclusivo, afastando a concorrência com jornais e revistas, literatura vulgar que não passa de conversa mole sobre mediocridades”.⁴⁰ Roger Chartier acrescenta que com a popularização do impresso, este

³³ O *Digest* tinha cuidado com o conteúdo de suas publicações e as crenças/cultura de cada país. Um artigo editado nos EUA nem sempre era republicado em outro país. Por exemplo, um artigo sobre controle da natalidade não apareceria em países predominantemente católicos. A franqueza do sexo deveria ser evitada na edição árabe. Ver: WOOD, J. Cap. XVIII.

³⁴ A Mensagem de *Seleções* do Reader's Digest. *Seleções*. Tomo XXXVIII, nº 162, jul. 1955.

³⁵ *Seleções* reservava considerável número de páginas para publicação de propagandas.

³⁶ “O livro lido nem sempre é um livro possuído”. Ver: CHARTIER, Roger. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Ed. UNESP, 2004. p.196.

³⁷ *Seleções*. Tomo XXVII, nº 161, jun. 1954. p. 92.

³⁸ Muitos dos artigos eram condensados de jornais como: *New York Times*, *The Saturday Evening Post*, *Herald Tribune*, *The Wall Street Journal* e das Revistas: *Comopolitan*, *Life*, *Time*, *Foreign Affairs*, *U.S. News & World Report*, *The Christian Science*, *This Week Magazine*; *Newsweek*.

³⁹ JUNQUEIRA, M. Op. Cit. p. 32.

⁴⁰ SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. *A Escola e a Memória*. Bragança Paulista : IFANCDAPH. Editora da Universidade São Francisco/EDUSF, 1999. p. 125 e 126.

“perde algo em seu valor simbólico”, daí a necessidade de atribuir-lhe novas “distinções”.⁴¹ Provavelmente, o **Digest**, ao apresentar-se em formato de livro, quisesse passar uma idéia de literatura séria, “de interesse permanente”, como anunciava em suas edições, ao contrário de periódicos fúteis e descartáveis.⁴² Para preservar a revista, “feita mais como um livro do que um periódico”⁴³, vendia material para encadernação: “*Seleções* encadernada por você mesmo! Seus exemplares de ‘Seleções’ poderão figurar com destaque em sua biblioteca, adorno para suas estantes, leitura preciosa sempre renovada, com as capas exclusivas agora ao seu dispor. São práticas, simples e elegantes”.⁴⁴

O escritor Ariel Dorfman, nascido nos Estados Unidos e radicado no Chile, crítico ferrenho da revista, acusa-a de fazer parte da “imensa indústria cultural fabricada nos Estados Unidos”, e comenta:

Nada está fora deste mini-mundo: geografia, biografias, história, medicina, política, anedotas, arquitetura, arte, problemas do mundo atual, relações familiares, os últimos avanços tecnológicos, botânica, conselhos, dietética, testes, charadas, vocabulário, religião, etc., que se repetem monotonamente (trocando de conteúdo para atrair) de mês em mês, de ano em ano, de década em... Serão séculos?⁴⁵

Esta modalidade de informação deixaria o leitor com a sensação de estar sempre informado e atualizado. A revista ainda publicava um livro condensado a cada edição, podendo também ser formada uma biblioteca condensada, extraída “dos livros mais interessantes do nosso tempo”, ou, ainda, conforme opinião de um admirador da revista: “numa seleção que o leitor mais eficiente não teria possibilidade de fazer por si mesmo”.⁴⁶

Na edição de outubro de 1968, na seção “Entrelinhas”, os redatores explicavam como se processava o trabalho de seleção e condensação dos artigos. Originalmente era efetuado por DeWitt Wallace, e mais tarde, com o sucesso da revista, foram contratadas pessoas para realizar este trabalho, que ficou conhecido como o “grupo de leitura e corte”. Cabia-lhes a tarefa de “cortar o que é adventício e de menor valor e podar o restante,

⁴¹ CHARTIER, R. Op. Cit. 2004, p. 333.

⁴² Por meio de outras referências teóricas, Mary Ann Junqueira já chegara à conclusão semelhante. Ver: JUNQUEIRA, M. Op. Cit. p. 32.

⁴³ Quarenta Primaveras. **Seleções**. Tomo XLI, nº 241, fev. 1962, p. 18.

⁴⁴ **Seleções**. Tomo XV, nº 91, ago. 1949. [Encarte].

⁴⁵ DORFMAN, Ariel. **Patos, elefantes y héroes** : la infancia como subdesarrollo. Buenos Aires : Siglo Veintiuno de Argentina Editores, 2002. p. 144.

⁴⁶ Seção dos leitores. **Seleções**. Tomo XXXVIII, nº 162, jul. 1955.

visando esteticamente ao aspecto e a forma”. A escolha era orientada pelos seguintes critérios: *É digno de ser seguido? É aplicável aos interesses da maioria? É de interesse permanente?*⁴⁷ De acordo com Mary Ann Junqueira, o resultado final era uma revista direcionada ao público médio, onde o leitor não tinha dificuldades com a leitura.⁴⁸ Argumentando que “a brevidade é a alma da arte de escrever”, ainda nesta mesma seção, comentavam uma das lendas da redação: o caso de um livro muito recomendado que sofreu uma metamorfose completa. Depois de passar por vários estágios de condensação, acabou como mera nota de rodapé”.⁴⁹

Importante se faz destacar “quem” escrevia em **Seleções**. A título de amostragem pinçamos alguns exemplos. Escritores: John Steinbeck, Pearl S. Buck, John dos Passos; historiadores: Carl Degler, Will Durant, Arnold Toynbee; altos mandatários de diversos países: John Kennedy, Richard Nixon, Konrad Adenauer; importantes funcionários do alto escalão do governo americano, diplomatas, cientistas como Wherner von Braun; religiosos, militares de altas patentes, políticos, correspondentes estrangeiros; dissidentes comunistas, etc... No que se refere ao Brasil, encontramos textos publicados de autoria Cecília Meirelles, Darcy Ribeiro e uma homenagem especial de **Seleções** aos oitenta anos de Manuel Bandeira: “um colaborador excelente e prestimoso de Seleções – o nosso tradutor de Livros Condensados ou de belas poesias aparecidas em nossa revista”⁵⁰.

Seleções também dedicava um espaço às manifestações dos leitores, geralmente na parte interna da capa, e com uma particularidade: a totalidade era redigida no sentido de “louvar” o periódico. No rol desses “einentes” leitores, que deixavam registrada sua aprovação à revista, mencionamos o escritor argentino Jorge Luis Borges: “Êsse prazer, que poderíamos definir como um exercício livre de lazer, como um feliz divagar do espírito, é o que proporciona, em nossos dias, em tôdas as latitudes do globo, uma publicação como Seleções [...] une o útil ao agradável, como queriam os latinos, cumprindo, nesta época agitada, uma amena e eficiente missão pedagógica”.⁵¹

A revista **Seleções** atingiu enorme sucesso no Brasil, particularmente nas décadas de 50 e 60, sendo somente suplantada em vendagem por O Cruzeiro, porém começou a

⁴⁷ NAS ENTRELINHAS. **Seleções**. Tomo LIV, nº. 321, out. 1968, p. 33.

⁴⁸ JUNQUEIRA, M. Op. Cit. p. 32.

⁴⁹ **Seleções**. Nas entrelinhas. Tomo LIV, nº. 321, out. 1968, p. 33.

⁵⁰ **Seleções**. Tomo XLIX, nº 291, abr. 1966, p. 21.

⁵¹ **Seleções**. Tomo LIII, nº 314, mar. 1968. [contracapa].

declinar paulatinamente nas décadas seguintes. Essas mudanças começaram a ser sentidas no início dos anos 70, quando seus escritórios mudaram do Brasil para Portugal. Contribuiu, também, entre outros fatores, a entrada de novos executivos, devido à avançada idade dos fundadores e o surgimento de novas publicações no mercado.⁵²

Criticada por muitos, adorada por outros tantos, a verdade é que a revista tornou-se um sucesso editorial reconhecido. Devido sua assumida posição ideológica a favor do capitalismo, teve sua entrada barrada nos países comunistas. Em 1997, conforme edição comemorativa aos seus 75 anos de existência, seus exemplares estavam sendo publicados em 48 países e em 19 idiomas, inclusive com uma edição em Braille, alcançando a marca mensal de 100 milhões de leitores ao redor do mundo.⁵³

Acompanhando tendências e inovações, em tempos de crise no mercado editorial norteamericano, a revista sofreu, nesta virada de milênio, o que se poderia chamar de “plástica de impacto”. Há uma maior interação entre a revista e os leitores, com **Seleções** incentivando e remunerando suas histórias ou piadas. Há uma quantidade considerável de temas e autores nacionais. A revista ficou mais dinâmica, mais colorida, as capas e alguns conteúdos editoriais foram redesenhados, tendo por finalidade: “manter a base do consumidor leal – pessoas que cresceram com a revista – e ao mesmo tempo recrutar uma nova geração de leitores”.⁵⁴

O anticomunismo em **Seleções** na década de 1950

O comunismo, “simbolizado na figura da foice e do martelo e na cor vermelha”⁵⁵, era o pesadelo que assombrava os líderes das nações européias ocidentais e capitalistas. Naqueles anos, com a chamada Guerra Fria, a revista **Seleções** foi incansável na condenação ao comunismo, bem como na defesa do capitalismo. Através de constantes e

⁵² JUNQUEIRA, M. Op. Cit. p. 49-51.

⁵³ Reader’s Digest 75 th Anniversary. How a little magazine went around the world. September, 1997. [Este artigo foi cedido por Reader’s Digest, escritório do Rio de Janeiro. Comemorativo aos seus 75 anos, circulou somente nos Estados Unidos].

⁵⁴ Internet. Observatório da Imprensa – matérias – 12/9/2001. [Esta informação, retirada de uma página da internet e só foi possível identificar as informações citadas].

⁵⁵ O símbolo da foice e martelo foi idealizado pelos comunistas para representar a união entre trabalhadores do campo e da cidade, elo social que acreditavam ser o pilar da revolução bolchevique. A cor vermelha simbolizava o comunismo: “Cor da revolução, o vermelho permitia aos anticomunistas associar seus inimigos à imagem da violência e do sangue”. Ver: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o "Perigo Vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 91.

repetitivos artigos, foi parceira e grande divulgadora do *american way of life*⁵⁶, evidenciando “a apropriação que o discurso jornalístico faz da política”.⁵⁷ Defendeu, aberta e convictamente, a tríade “Religião, Pátria e Família”, a livre iniciativa e a defesa da propriedade, como proclamava em sua edição de abril de 1958: “liberdade, propriedade privada, prosperidade; unidas e inseparáveis agora e para sempre”.⁵⁸ Da mesma forma, atribuiu ao comunismo/comunista o papel de “inimigo” e a personificação do mal: “o comunista é um ‘mau outro’ (o estrangeiro, o comunista russo, o chinês, o cubano)”⁵⁹, agindo, deste modo, em consonância com um discurso anticomunista dominante na época e liderado pelos Estados Unidos.

Temos por finalidade, neste capítulo, compreender uma “trajetória”, ou melhor, um “histórico” anticomunista desta revista. Mostrar como o “perigo vermelho”, no pós-guerra, até o final da década de 1950, estava relacionado com a Europa, África e Ásia para, na década seguinte, com o acontecimento da Revolução Cubana, voltar-se para a América Latina, tema central desta investigação. Queremos, fundamentalmente, mostrar, neste e nos demais capítulos, como a revista **Seleções** representou os embates da Guerra Fria e como foi utilizada como mais uma valiosa “arma” norte-americana na disputa pela hegemonia mundial, nos anos de 1950 e 1960, anos estes considerados a era “dourada” da supremacia norte-americana.

Como podemos observar através da revista ora analisada, na década de 1960, a preocupação com o alastramento do comunismo voltou-se para a América Latina, com especial atenção para o Brasil, pois os norte-americanos acreditavam num papel de liderança de nosso país neste continente. Até então, seu foco de atenção estava voltado para os outros continentes envolvidos com o processo de “descolonização”, iniciado no pós-guerra, e com a posição ideológica que assumiriam estas ex-colônias, quer dizer, com uma possível influência soviética na formação dos novos governos.

⁵⁶ Embora seja uma expressão bastante conhecida, vale lembrar que traduz o “modo de vida americano” baseado, fundamentalmente, numa sociedade de consumo: “trabalhar, produzir, ganhar dinheiro e consumir”. Ver: TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo Sedutor : a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo : Cia das Letras, 2000, p. 21.

⁵⁷ MARIANI, Bethania. **O PCB e a Imprensa** : os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro : Revan; Campinas, SP. UNICAMP, 1998, p. 227.

⁵⁸ CHAMBERLIN, William Henry. [Correspondente de The Christian Science Monitor e cronista de The Wall Street Journal]. Onde o Socialismo Falhou. **Seleções**. Tomo XXXIII, nº 195, abr. 1958. p. 52.

⁵⁹ ORLANDI, Eni. Prefácio. In: MARIANI, B. Op. Cit. p. 11.

Tais embates estavam interiorizados numa disputa pela liderança mundial, envolvendo as duas nações que saíram vitoriosas e fortalecidas da Segunda Guerra Mundial: Estados Unidos e União Soviética. Ressaltamos, porém, que, ao contrário da URSS, os EUA saíram da guerra com uma situação econômica privilegiada e vivenciaram um período de excepcional desenvolvimento econômico e bem-estar social: “A guerra fora o que de melhor poderia ter acontecido ao país em muito tempo. Conseguiu o que o *New Deal* nunca realizara completamente – resgatou-nos completamente da Grande Depressão, e restaurou-nos à explosiva expansão de nossa Idade de Ouro”.⁶⁰

As duas nações acima citadas, aliadas durante a Guerra, vêm-se, depois, com interesses divergentes, ideologias antagônicas, cada qual tentando ampliar sua área de influência internacional. Esses conflitos, essa guerra, travada nos bastidores do poder e não num confronto direto⁶¹, ficou conhecida mundialmente pela expressão “Guerra Fria”.⁶² O desfecho desta disputa foi a divisão do poder em dois blocos: um socialista, sob a liderança dos soviéticos, e outro capitalista, sob a liderança dos norte-americanos. A revista norte-americana, **Seleções do Reader’s Digest**, assumidamente anticomunista, deu ampla cobertura aos embates que envolveram as duas potências beligerantes, defendendo abertamente os Estados Unidos e a ideologia capitalista. Podemos perceber, na edição de janeiro 1945, a indagação que já pairava no ar:⁶³

[...] Estive a considerar que, vindo a paz, a Rússia e os Estados Unidos serão realmente os dois países mais poderosos do mundo, possuindo o maior quinhão em força armada e potencial industrial. Stáline tinha razão. A guerra fez a união dos dois países. Mas há no nosso caminho muitos difíceis problemas, a esperar-nos com as suas armadilhas. Saberemos manter-nos no terreno da cooperação e da amizade, depois de havermos batido o inimigo comum? Da resposta, pode depender, em grande parte, o destino do mundo.⁶⁴

⁶⁰ HELLMAN, Lillian. **A Caça às Bruxas**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981, p. 8.

⁶¹ Em verdade, as duas superpotências transferiram sua competição para a arena do Terceiro Mundo, onde, de fato, os conflitos irromperam. Com o fim dos velhos impérios coloniais, no pós-guerra, continuaram a competir por apoio e influência nos novos Estados que se formavam durante toda a Guerra Fria. HOBBSAWM, E. **A era dos extremos : o breve século XX. 1914-1991**. São Paulo : Cia das Letras, 1995, Cap. 8.

⁶² Sidney Munhoz discute a origem do termo “Guerra Fria”, empregado pela primeira vez em 1947. Entre outras hipóteses, atribui ao jornalista norte-americano, Walter Lippmann, a criação da expressão em seu sentido mais contemporâneo. A repercussão alcançada pelos artigos de Lippmann é que teria universalizado o uso do termo. MUNHOZ, Sidnei. **Debatendo as Origens da Guerra Fria**. Inédito. [Encontramos artigos publicados e assinados por Lippmann em edições de **Seleções** nas décadas de 1950/1960].

⁶³ Nas citações que faremos dos artigos da revista **Seleções**, manteremos a grafia original da época.

⁶⁴ JOHNSTON, Eric A. [Presidente da Associação Comercial dos Estados Unidos]. Minha entrevista com Stáline. **Seleções**. Tomo VII, nº 36, jan. 1945, p. 61-70.

Recém-terminada a Segunda Guerra, observamos que os artigos em **Seleções**, os quais tratavam sobre a Rússia, referiam-se a Stálin com reverência e desconfiança ao mesmo tempo. Encontramos uma fala elogiosa e compreensiva de Truman a respeito do governante russo: “Gosto de Stálin; é um bom sujeito. Mas, infelizmente, é um prisioneiro do Politburo. Se dependesse dele, faria, estou certo, acordos e concessões e os respeitaria; mas não tem nenhuma liberdade de ação”.⁶⁵ Este tom vai mudar radicalmente, como veremos adiante. Na verdade, a Rússia encontrava-se arrasada e não representava uma ameaça relevante. Os temores recrudesceram mais tarde, quando os norte-americanos começaram a considerar o controle russo sobre a Europa Ocidental como ameaça concreta. Na edição de **Seleções**, de agosto de 1952, a revista questionava o que estava em jogo na Guerra Fria e atribuía à Rússia a origem do conflito:

Todos nós precisamos encarar de frente o verdadeiro sentido da guerra fria da Rússia contra as democracias do Ocidente. Mesmo hoje são pouquíssimos, entre nós, os que fazem uma idéia clara do que está em jogo. Ainda não percebemos que se trata de uma luta sem quartel e sem armistício. Não avaliamos as dimensões do campo de batalha. Os alvos do Kremlin estão espalhados pelo globo. Mais de um bilhão de pessoas, metade da população do mundo, são vulneráveis à sedução comunista, seja pela proximidade com a Rússia, seja pelo seu baixo padrão de vida. Esses constituem o esmagador equilíbrio da força no mundo de amanhã e são o alvo imediato de Moscou. [...] os homens que traçam os rumos em Washington só muito tarde perceberam “que a União Soviética poderia conquistar o mundo sem entrar em guerra.”⁶⁶

Devemos lembrar que a aliança EUA e URSS, que ocorreu durante a guerra, soava aos americanos como uma anomalia em vista dos antagonismos entre as duas nações. Mas, “em verdade”, a Rússia representava uma ameaça ideológica, não militar.⁶⁷

A partir de 1947, ano em que se atribui a emergência da Guerra Fria, com o anúncio da Doutrina Truman, o lançamento do Plano Marshall, a criação da CIA, do Kominform e se iniciou a divisão da Alemanha, intensificaram-se, em **Seleções**, artigos referentes à Rússia e a linguagem tornou-se mais agressiva. Artigos com relatos sobre o poderio bélico

⁶⁵ COMO STALIN Vê o Amanhã [artigo publicado em Foreign Affairs]. **Seleções**. Tomo XV, nº 89, jun. 1949, p. 1.

⁶⁶ NICHOLS, William I. Precisa-se: um novo nome para “Capitalismo”. [Condensado de “This Week Magazine”]. **Seleções**. Tomo XX, nº 115, ago. 1951, p. 92.

⁶⁷ HELLMAN, Lillian. *A Caça às Bruxas*. Rio de Janeiro : F. Alves, 1981, p. 7.

norte-americano começaram a ser editados pela revista, numa clara demonstração da força dos EUA, na eventualidade de um novo conflito. Embora, em várias ocasiões, perceba-se, na revista, o descrédito quanto a esta possibilidade: “A Rússia é a grande perturbadora da paz entre as nações, representando verdadeira e terrível ameaça à paz. Mas é também muito mais fraca do que comumente se supõe”.⁶⁸ Porém, em outras oportunidades, a revista considerava a inevitabilidade da guerra: “Naturalmente, não considero inevitável uma guerra total [...] salvo se houver um entendimento entre a União Soviética e a comunidade do Atlântico”.⁶⁹ No seu entender, a ameaça da catástrofe de uma guerra nuclear gerava a expectativa de que as negociações entre as duas nações conduzissem à *coexistência pacífica*: “[...] É claro que nenhuma nação, por mais poderosa que seja, iria arriscar-se a desfechar uma guerra de fusão de hidrogênio, quando uma guerra semelhante só poderia significar uma coisa: o suicídio certo do agressor”.⁷⁰

O clima tenso da Guerra Fria perpassou as décadas seguintes, alternando momentos críticos, confrontando o mundo com o perigo iminente da Terceira Guerra Mundial: “Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade. [...] Não aconteceu, mas por cerca de quarenta anos pareceu uma possibilidade diária”.⁷¹

Uma particularidade, no desenrolar da Guerra Fria, atrelada ao poder atômico de ambas potências envolvidas, foi o tom apocalíptico que a acompanhava e que foi assumido, sobremaneira, pelos Estados Unidos. A revista **Seleções** representou e ilustrou de forma “brilhante” este pensamento nas páginas de suas edições. Ao incorporar este mesmo tom “dantesco” em suas narrativas, contribuiu para alimentar um temor constante, tanto em relação a uma guerra atômica, quanto a uma possível dominação mundial pelo comunismo.

O significado desta revista para a época pode ser mais bem avaliado se entendermos que esta publicação mensal fazia parte do hábito de leitura de significativa parcela de norte-americanos. Tais leitores se identificavam com este mesmo discurso ideológico propalado

⁶⁸ TAYLOR, J. Henry. A Rússia está preparada para a guerra? **Seleções**. Tomo XIV, nº 79, ago. 1948, p. 25.

⁶⁹ LIPPMANN, Walter. Guerra Total e Coexistência. [Condensado de “Herald Tribune” de Nova York]. **Seleções**. Tomo XX, nº 118, nov. 1951, p. 36.

⁷⁰ LAURENCE, William. [Condensado de “The American Weekly”]. Por que Não Poderá Haver Outra Guerra. **Seleções**. Tomo XXXI, nº 180, jan. 1957, p. 33.

⁷¹ HOBSBAWM, E. Op. Cit. p. 224.

pela revista e ali viam refletidos seu modo de vida e suas aspirações, os quais eram “exportados” para um número considerável de países, nos mais diversos idiomas:

O cidadão médio (americano) vivia obcecado pela competição com vizinhos e amigos, pressionado pelos constantes apelos dos comerciais de rádio e televisão e pelo mundo da fantasia que era projetado por revistas populares. Liam *Reader's Digest* (Seleções) e se orientavam através de condensados artigos que explicavam desde a vida sexual das abelhas até a maldade inerente à alma russa e chinesa.⁷²

O pavor do “perigo vermelho” emergiu com a Revolução Russa, ocorrida em 1917, ou melhor, na posterior tomada do poder pelos bolcheviques e na instituição do Partido Comunista Russo, sob a liderança de Lênin. Esta nova organização estava fundamentada numa sociedade sem classes e sem propriedade privada. A implantação do regime comunista na Rússia teve enorme repercussão, soando como uma advertência para os demais países: “o que era antes somente uma promessa e uma possibilidade teórica transformou-se em existência concreta”.⁷³ De acordo com Rodrigo Patto Sá Motta, estes acontecimentos repercutiram aqui no país e um dos primeiros resultados foi a iniciativa brasileira de romper relações diplomáticas com a Rússia. Acrescentamos que, apesar deste fato, em 1922, foi fundado o Partido Comunista Brasileiro.

Nas décadas de 1920 e 1930, posteriores à Primeira Grande Guerra, o temor do comunismo era irradiado desde a Europa Ocidental, particularmente da França. Depois da Segunda Guerra Mundial, e com novas configurações no cenário mundial, os Estados Unidos vai assumindo o papel de “baluarte anticomunista”.⁷⁴ Por trás da postura de defensor de uma ideologia que pregava a democracia, a liberdade, havia os interesses estratégicos e econômicos. Com a opulência advinda do pós-guerra “o país ostentava sua autoconfiança e sua crença nos valores do ‘americanismo’, na superioridade moral alcançada através do sucesso material”⁷⁵, sem mencionar o secular espírito do “destino manifesto”, sempre presente na política externa norte-americana e divulgado por **Seleções**. O excerto abaixo, de maio de 1961, é bastante ilustrativo deste pensamento:

⁷² HOBBSBAWM, E. Op. Cit. p. 470.

⁷³ BARROS, Edgard Luiz de. **A Guerra Fria**. São Paulo : Atual, 1992. p. 65.

⁷⁴ MOTTA, R. P. S. Op. Cit. p. XX.

⁷⁵ BARROS, E.L. de. Op. Cit. 54.

Nestes últimos decênios, os Estados Unidos tem derramado a sua generosidade e distribuído a sua competência técnica, animados de tal espírito e com tal prodigalidade como nunca se viu na história. O mundo raramente conheceu um povo tão amistoso e compassivo, tão cordial e ansioso por ser compreendido. Nem tão onipresente. [...] Concebidos como uma aventura material e espiritual, baseando-se nos mais altos princípios morais, deram a esperança de realização do secular anseio de uma sociedade perfeita; tornaram-se tanto para pobres e oprimidos como para idealistas a única prova da possibilidade de melhorar a condição do homem comum. [...] uma nação que é considerada como árbitro da moralidade, da prosperidade e da paz internacional.⁷⁶

Os primeiros colonos ingleses que chegaram às terras americanas no século XVI, chamados de “peregrinos” - ingleses protestantes radicais, imaginavam-se o povo escolhido por Deus para povoar a nova terra. Amparavam-se na crença de que o seu povoamento constituiria o retorno ao paraíso terrestre e a reconstrução de uma Nova Jerusalém. Seus descendentes assimilaram tais idéias. Assim, durante o processo de formação do Estado americano, a partir da união das treze colônias, e sua posterior consolidação, imaginaram-se criadores de uma nação modelo e uma sociedade ideal, “o que está na origem da força do mito do progresso e do culto da novidade e da juventude no *American way of life*”.⁷⁷

Seleções advertia que, como forma de repúdio à política externa americana, eram empregadas terminologias como: *Destino Manifesto*, *Diplomacia do Dólar*, *Imperialismo Ianque*, entre outras. A revista publicava, em setembro de 1944, um questionamento bastante interessante diante do tema, escrito por um professor de História, contrapondo-se ao costumeiro tom dos colaboradores da revista: “Perguntemos, antes de tudo: será necessariamente desejável admitir como certo que o chamado padrão de vida norteamericano deve ser aplicado ou estendido a todos, e em toda parte? [...] Atribuindo-nos a nós mesmos, como povo, a missão de melhorar a vida do mundo inteiro, incorremos em confusão, procurando exportar o que está e o que não está no desejo e na necessidade de outros povos”.⁷⁸

⁷⁶ EREN, Nuri [Ministro e representante da Turquia nas Nações Unidas]. Por que os Estados Unidos são mal compreendidos. **Seleções**. Tomo XXXIX, nº 232, maio 1961, p. 79.

⁷⁷ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP : Editora da Unicamp, 1992, p. 359.

⁷⁸ PATTEE, Richard. [Ex-funcionário do Depto de Relações Exteriores dos EUA, professor de História Ibero-Americana]. Balanço da política de boa vizinhança. **Seleções**. [Condensado de “Columbia”] Tomo VI, nº 32, set, 1944, p. 1.

Outro articulista da revista corroborava esta opinião, criticando o povo americano por acreditar num mito de superioridade, atribuído ao alto padrão de vida que desfrutavam, e considerava: “De fato, a nossa prosperidade relativa se tornou possível somente porque tropeçamos com a mais rica faixa de terra que restava no globo, e a pilhamos”. E advertia: “Mas as nações que buscam riquezas ilimitadas convertem-se em agressores que empobrecem a todos”. Criticava o racismo mascarado, afirmando que denunciavam esta transgressão em outros povos, mas que não o percebiam em si próprios. Desta impertinência de se acharem superiores originar-se-ia o *isolacionismo*⁷⁹ norte-americano, que os apartava dos outros povos menos prósperos e “qualificados”. Portanto, seria necessário despertar a consciência de que não poderiam viver sós e deveriam aprender a partilhar suas riquezas, deixando de lado a arrogância e a prepotência para poder “assumir a liderança moral do mundo, ora confiada a nós”. E concluía: “se não partilharmos nossas riquezas, pelo intercâmbio de mercadorias, cairemos na alternativa de dá-la indefinidamente, para proteger-nos, ou então lutar por ela”.⁸⁰

Nesta “auto-crítica”⁸¹, publicada pela revista em setembro de 1949, dentre outras percepções, podemos antever o temor que se tornará evidente nas décadas de sessenta e setenta. Temor este ligado ao medo da expansão da pobreza e do comunismo, que redirecionará a política externa norte-americana em relação à América Latina, e será objeto de análise no terceiro capítulo deste trabalho. John Kennedy sintetizou este pensamento em discurso proferido em 1961: “Se não conseguirmos salvar os muitos que são pobres, nada salvará os poucos que são ricos”.⁸²

A partir da leitura e análise de **Seleções**, podemos perceber sua identificação com uma certa “elite” norte-americana. Esta revista, como já mencionamos, não proporcionava apenas uma leitura de entretenimento, mas abrigava e disseminava, através de suas páginas,

⁷⁹ Desde o final da Primeira Grande Guerra, a maioria dos norte-americanos rejeitava o envolvimento dos EUA em conflitos internacionais e “insular-se nos prazeres domésticos da nação”. Isto mudou com o ataque de Pearl Harbor, em dezembro de 1941, ocasionando a entrada dos americanos no conflito. Posteriormente, com a luta contra o comunismo, os EUA vão abandonar, definitivamente, seu *isolamento*. Ver: BARROS, E. L. de. Op. Cit. p. 22.

⁸⁰ HUTCHISON, Bruce. Grandes mentiras que todos repetem. [Condensado de “Maclean’s”]. **Seleções**. Tomo XVI, nº 92, set. 1949, p. 77

⁸¹ Raros foram os artigos deste teor encontrados em **Seleções** e os mencionados foram localizados na década de quarenta. É provável que estas discussões envolvessem partidários ou contrários ao *isolacionismo* norte-americano.

⁸² TRECHO do pronunciamento de John Kennedy, em 1961. **Veja**. nº 8. 30 out. 1968, p. 22.

o *american way of life*. Convém lembrar que nenhum discurso é neutro. Toda a notícia jornalística é produzida e direcionada para determinados segmentos da sociedade e para uma determinada imagem de leitor deste segmento: “no ‘como se diz’ já se encontra embutido o ‘quem vai ler’.”⁸³

O periódico citado, em diversas oportunidades, valeu-se de seu papel de veículo de comunicação de massa - de privilegiado alcance – para divulgar advertências a seus aliados, mas principalmente a seus inimigos, evidenciando sua proximidade com o “poder”, como é possível observar nestes dois excertos, retirados das edições de março de 1949 e outubro de 1950, respectivamente:

Na convicção de que tanto o povo russo quanto todos os outros devem ser informados sobre o que é hoje o potencial de ataque da Força Aérea Norte-Americana, *Seleções do Reader's Digest* encarregou William Bradford Huie de reunir e apresentar os fatos a tal respeito. O Sr. Huie, conhecido por seus estudos sobre a força aérea, é desde há anos homem de confiança de alguns dos mais aptos generais da Força aérea dos Estados Unidos. As nefastas perspectivas implícitas neste artigo serão de interesse para todos – e especialmente para os dirigentes da Rússia Soviética.⁸⁴

Escrito para *The Reader's Digest* e *Combat Forces Journal*.
O artigo que se segue [...] Está ocorrendo, também, o seu lançamento simultâneo em nove línguas, por intermédio do Reader's Digest, escolhido pelo General Bradley em virtude de sua grande circulação entre os líderes civis das nações da Europa Ocidental, bem como dos Estados Unidos. Publicado pela Associação do Exército.⁸⁵

A exposição acima nos remete às reflexões que Bethânia Mariani faz em seu livro, *O PCB e a Imprensa*, onde discute o entrelaçamento entre os eventos políticos e a notícia, e nos faz indagar até que ponto o Estado é responsável pelo aparato e controle da informação.⁸⁶ Como veremos no transcorrer deste trabalho, a revista esteve presente e colaborou em importantes eventos políticos.

⁸³ MARIANI, B. Op. Cit. p. 57.

⁸⁴ HUIE, William Bradford. [Especializado em assuntos militares]. Fatos que **devem** evitar a guerra. **Seleções**. Tomo XV, nº 86, mar. 1949, p. 5.

⁸⁵ BRADLEY, Omar N. [Chefe do Estado-Maior Geral dos EUA]. A Atual Política Militar dos Estados Unidos. **Seleções**. Tomo XVIII, nº 105, out. 1950, p. 99.

⁸⁶ MARIANI, B. Op. Cit. p. 59.

A emergência do “perigo vermelho”

Ao falarmos em anticomunismo em **Seleções**, objetivo deste trabalho, necessariamente, temos que falar em anticomunismo norte-americano. O pavor do “perigo vermelho” originou-se com a Revolução Russa, em 1917. Em verdade, houve duas revoluções. A primeira, de fevereiro de 1917, derrubou o regime czarista e tentou implantar um Estado liberal moderno. Esta teve ampla aprovação. Já a segunda, em outubro do mesmo ano, que deu o poder aos bolcheviques, foi recebida com desaprovação e sérias preocupações sobre o destino que tomaria a Rússia.⁸⁷ A partir de então, o perigo do comunismo irá atemorizar, durante décadas, considerável parcela da sociedade norte-americana, atingindo seu ponto culminante no pós-guerra, com a Guerra Fria.

A Segunda Guerra Mundial transformou os Estados Unidos na nação mais próspera e poderosa do planeta. O único país que poderia fazer frente a sua liderança era a União Soviética. Esta disputa e constante ameaça vai conduzir as políticas internas e externas norte-americanas nos anos posteriores a 1945. Mas, por que a União Soviética incomodava tanto os Estados Unidos? Podemos começar assinalando que a URSS era um país socialista que alardeava a sua revolução, enquanto que os EUA, dentro de seu conservadorismo, nutriam aversão contra quaisquer movimentos de esquerda: “[...] a América nunca amou o Socialismo. [...] sempre se sentiu profundamente em choque com as doutrinas estrangeiras.”⁸⁸ Outro agravante é que o comunismo não tinha raízes no passado norte-americano. Por último, fica evidente, em **Seleções**, que os governantes norte-americanos respeitavam e temiam o poderio soviético: “o equilíbrio de fôrças mundial está ficando favorável a Rússia. [...] o êxito soviético é uma dura realidade que é preciso encarar”.⁸⁹ E o mais importante: a propagação do socialismo marxista poderia colocar em risco o sistema capitalista”.⁹⁰

⁸⁷ MOTTA, R. P. S. Op. Cit. p. 4.

⁸⁸ HELLMAN, L. Op. Cit. p. 11.

⁸⁹ ALSOP, Joseph e Stewart. A Corrida que a Rússia está ganhando. [Condensado de “The Saturday Evening Post”]. **Seleções**. Tomo XXX, nº 178, nov. 1956, p. 87.

⁹⁰ MAJOR, John. McCarthy e a Caça aos Comunistas : Estados Unidos, 19045-54. **História do Século 20**. São Paulo: Editora Abril, nº 82, jan. 1973. p. 2502.

A revista **Seleções** publicou incontáveis e repetitivos artigos condenando e execrando os comunistas. Nos anos mais tensos, publicava em média cinco artigos sobre o tema, em cada edição mensal. Mesmo quando o assunto não se referia ao tema, não era perdida a oportunidade de depreciá-los. No artigo que trazia por título “Detesto Cães”, de novembro de 1954, o autor relatava sua ojeriza por estes animais, comentando: “Quando eu era menino, achava que quem não gostasse de cachorro devia ser, provavelmente, um bolchevique. Quando fui ficando mais velho, mudei de idéia. E acho agora que os cães são uma das maiores pragas do século XX”.⁹¹ Portanto, cães e bolcheviques assemelhavam-se e eram consideradas pragas do mesmo século.

De acordo com Mariani, no discurso jornalístico os sentidos sobre os comunistas vão surgindo, muitas vezes, de forma dissimulada, ditos ao acaso, aparentando não haver ligação entre si. Porém, ganham visibilidade pela força da repetição e “pela crítica à vezes nítidas, às vezes sutilmente disfarçada em explicação”⁹², como é possível perceber no parágrafo acima.

É interessante mencionar que o Partido Comunista Americano foi fundado no ano de 1919, o que coincidiu com a fundação da Terceira Internacional Comunista. Os anos de 1919/20 foram considerados de “pânico vermelho”, pois os americanos acreditavam na possibilidade de um golpe de Estado comunista. Anos mais tarde, no verão de 1935, aconteceu em, Moscou, o Sétimo Congresso Mundial da Terceira Internacional. Autoridades do governo dos Estados Unidos lançaram acusações de que “Delegados do Partido Comunista Americano receberam ali instruções sobre os novos métodos para destruir a ordem social americana”.⁹³ O Partido Comunista sofreu séria condenação e constante vigilância por parte do Federal Bureau of Investigation (FBI).

A disputa entre forças pró e anti-soviéticas nos EUA, que começou logo após o final da Segunda Guerra, dava clara vantagem para os anticomunistas, que pretendiam afastar do governo qualquer figura comunista ou simpatizante. Não podemos esquecer que no período anterior à guerra, enquanto os Estados Unidos lutavam para sair da pior crise de sua história – a grande depressão –, a União Soviética exibia os resultados de seu Plano Quinquenal,

⁹¹ ALLEN, Robert Thomas. Detesto cães. [Condensado de “Maclean’s Magazine”]. **Seleções**. Tomo XXVI, nº 154, nov. 1954, p. 151-152.

⁹² MARIANI, B. Op. Cit. p. 63.

⁹³ LYONS, Eugene. Negociando com o Kremlin. **Seleções**. Tomo XXXIV, nº 199, ago. 1958, p. 146.

demonstrando que atravessava um período de progresso econômico e justiça social.⁹⁴ Sonho este acalentado por tantos trabalhadores de qualquer sistema ou sociedade, inclusive por uma camada mais popular da sociedade norte-americana: ”milhões de americanos pobres – tanto negros como brancos – que não partilhavam da prosperidade do americano branco médio”.⁹⁵ Sob o título “A Falsa Promessa do Socialismo”, de janeiro de 1956, **Seleções** demonstrava apreensão com esta realidade e não perdia a oportunidade de exortar seus leitores, especialmente os americanos:

Quase todos aqueles que amam sinceramente a liberdade se voltam contra o comunismo. Mas não são apenas os comunistas e sim, também, de maneira sutil, os socialistas, que estão impelindo o mundo livre pela estrada que conduz à ditadura. [...] Esses socialistas americanos – socializadores burocráticos, como eu lhes chamo – acreditam que a sociedade poderá tornar-se mais livre, organizada e próspera por meio de um aparelhamento estatal que se apodere de todos os meios importantes de produção e dirija a economia de acordo com um “plano” que produzirá a idade de ouro – embora fascinante, é falsa.⁹⁶

Com a Guerra Fria em andamento e o anticomunismo acirrado, em 1948, os líderes do Partido Comunista americano são processados e condenados. A revista **Seleções** dedicou longo artigo sobre o assunto, acusando-os de pregarem o “evangelho” comunista “baseado nos ensinamentos de Karl Marx, Friedrich Engels, Wladimir Ilyich Lênin e Josef Stalin”. A revista alertava os leitores que, segundo o evangelho comunista, todos os governos capitalistas deveriam ser derrubados pelo proletariado, mediante a força e a violência. Mesmas armas usadas pela burguesia para manter o poder, teriam afirmado os comunistas.⁹⁷

⁹⁴ LYONS, Eugene. Negociando com o Kremlin. **Seleções**. Tomo XXXIV, nº 199, ago. 1958, p. 146.

⁹⁵ BARROS, E. L. de. Op. Cit. p. 65.

⁹⁶ EASTMAN, Max. [ex-socialista, viveu na Rússia durante os primeiros anos da revolução comunista]. A Falsa Promessa do Socialismo. [“Condensado de “Reflections on the Failure of Socialism”]. **Seleções**. Tomo XXXIX, nº 168, jan.1956, p. 123.

⁹⁷ **Seleções**, na edição de novembro de 1950, publicou um livro condensado sobre o julgamento dos 11 “chefões” do Partido Comunista dos Estados Unidos (CPUSA), acusados de conspiração contra o governo deste país. O julgamento, que teve início em 20 de julho de 1948, terminou no dia 14 de outubro do ano seguinte, com a condenação de todos, que foram obrigados a pagar multa individual de 10 mil dólares. Com exceção de um, penalizado com três anos, os demais foram sentenciados a cinco anos de prisão. SHALETT, Sidney. O Julgamento Dos Onze comunistas. **Seleções**. Tomo XVIII nº 106, nov. 1950, p. 173.

Mas o caso que ficou mais famoso neste período foi de Alger Hiss⁹⁸, antigo membro do governo de Roosevelt, acusado de comunista e de espião pela Comissão de Atividades Antiamericanas⁹⁹ e que teve entre seus principais acusadores o jovem senador anticomunista, Richard Nixon.¹⁰⁰ Além desses acontecimentos, os Estados Unidos haviam sofrido dois reveses no ano de 1949: a instalação do regime comunista na China e a perda de sua hegemonia nuclear. Como agravante, Klaus Fuchs, que havia participado da construção da bomba norte-americana, confessou ter passado segredos atômicos aos soviéticos.¹⁰¹ **Seleções** deu destaque ao caso e publicou, na sua edição de agosto de 1951, um livro condensado sobre o episódio, denominado “O Crime do Século”, escrito por ninguém menos que o Diretor do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, na época, J. Edgar Hoover. Pelo “peso” do autor percebe-se a repercussão do caso. Retirado da edição de **Seleções** de agosto de 1961, este excerto dá pistas do teor da publicação e da atmosfera da época:

A História de Klaus Emil Julius Fuchs e Harry Cold – colhida nos arquivos confidenciais do FBI – revela-nos, de maneira chocante, como uma potência estrangeira, não obstante a sua doutrina de ódio, terror e escravidão, consegue vencer a lealdade de homens e mulheres livres, transformando-os em traidores. As vidas desses dois indivíduos, que já estão pagando pelos seus atos, dão testemunho da treva absoluta que envolve o regime comunista. Sentimos nêles como o comunismo, no seu trágico horror, destrói a fibra moral do homem, reduzindo-o a um simples fantoche.¹⁰²

Naqueles tempos dominados pelo temor comunista, a perda do monopólio das armas nucleares causou séria preocupação aos americanos. Entre dúvidas e perplexidade,

⁹⁸ Em agosto de 1948, Whitaker Chambers, editor-chefe do **Time**, compareceu perante o Comitê da Câmara contra Atividades Antiamericanas e confessou que já havia sido comunista e mensageiro secreto. Delatou outros dez correligionários, entre eles Alger Hiss, ex-funcionário do primeiro escalão do Departamento de Estado, acusado de esconder papéis secretos de Departamento dentro de uma abóbora em sua Fazenda, em Mariland. Hiss foi condenado e sentenciado a quatro anos de prisão. Em 1975, descobriram que tais papéis nada tinham de secretos ou confidenciais. HELLMAN, L. Op. Cit. p. 24. [Convertido ao capitalismo, Chambers, escreverá em **Seleções**].

⁹⁹ Conforme a revista, os comunistas acompanhavam os inquéritos instaurados pelo Comitê Sobre Atividades Anti-americanas e os transmitiam ao mundo, através da rádio moscovita, enfatizando declarações e escritos de norte-americanos de projeção que discordavam destes procedimentos. Ver: BIRD, Robert S. A voz hostil da Rússia. [Condensado do “New York Tribune”] **Seleções**. Tomo XIV, nº 79, ago. 1948, p. 76.

¹⁰⁰ Nixon não foi o único colaborador que mais tarde se tornaria presidente dos Estados Unidos. Um ator chamado Ronald Reagan também cooperou na campanha anticomunista delatando colegas supostamente comunistas. Ver: BARROS, E. L. Op. Cit. p. 5.

¹⁰¹ MAJOR, John. **História do Século 20**. Op. Cit. nº 82. p. 2503.

¹⁰² HOOVER, Edgar J. [Diretor do FBI]. O crime do Século. **Seleções**. Tomo XX, nº 115, ago. 1951, p. 159.

Seleções questionava: como é que a Rússia, tendo entrado atrasada na corrida nuclear, conseguiu pôr-se em dia tão depressa? Como resposta, a revista acusava o serviço de espionagem russo: “[...] quanto tempo foi poupado aos soviéticos pelos segredos atômicos traídos pelo cientista britânico Dr. Klaus e por outras fontes Ocidentais”. Um observador norte-americano, em visita à Rússia, teria comentado, estupefato, a constatação dos avanços da ciência russa: “examinando imponentes reatores nucleares e obras de engenharia a cujo respeito jamais havíamos ouvido antes uma palavra”. O artigo aconselhava as “altas esferas” norte-americanas a reverem os conceitos difundidos sobre a inferioridade russa na corrida atômica, pois os soviéticos cedo teriam percebido a importância da conquista do átomo e a sua importância para o futuro tecnológico. Numa crítica velada ao sistema educacional americano, a revista atribuía este sucesso ao sistema de ensino russo, que incentivava e apostava em seu *potencial humano*.¹⁰³

A paranóia anticomunista norte-americana

É neste cenário, povoado de apreensões, que emerge a figura do Senador Joseph McCarthy.¹⁰⁴ Até 1947, data em que chegou ao Senado, McCarthy teve uma carreira política inexpressiva, porém, oportunista, aproveitou-se da questão comunista para projetar-se politicamente: “Em 1950, McCarthy fez suas primeiras aparições e Alger Hiss foi condenado. O palco estava pronto para a encenação de terror do *macartismo*. Em março de 1951 os Rosenbergs foram condenados à morte, e o Comitê começou uma nova série de audiências para Hollywood.”¹⁰⁵

¹⁰³ DOOLEY, Thomas. [Ten. Do Corpo de Saúde da Marinha Americana] *Livrai-nos do Mal. Seleções*. Tomo XXX, nº 174, jul. 1956, p. 170.

¹⁰⁴ O senador norte-americano, Joseph McCarthy, de quem se origina o termo “macartismo”, empreendeu uma verdadeira “caça às bruxas”. Na sua paranóia, chegou a ponto de acusar de infâmia e conspiração prestigiados americanos, como o General Marshall e o Dr. Robert J. Oppenheimer. Este último conduziu a construção da bomba atômica norte-americana, sendo afastado do cargo que ocupava na Comissão de Energia Atômica. A partir deste fato, tornara-se evidente que McCarthy estava indo longe demais, quando deu início a uma investigação cujo alvo era nada menos de que o exército norte-americano. Em dezembro de 1953, foi afastado do cargo, encerrando sua carreira política, vindo a falecer três anos mais tarde. Ver: DIAS Júnior, José Augusto; ROUBICEK, Rafael. **Guerra Fria**: a era do medo. São Paulo: Ática, 1996. p. 24.

¹⁰⁵ HELLMAN, L. Op. Cit. p. 17.

A indústria cinematográfica¹⁰⁶ foi alvo da investigação do Comitê da Câmara contra Atividades Antiamericanas, presidido pelo senador. Conhecidos artistas e produtores de Hollywood sofreram constrangimentos, processos e condenações, tendo sua vida pessoal e profissional arruinadas. Os anticomunistas temiam que o cinema estivesse sendo utilizado com fins políticos, quer dizer, como propaganda pró-soviética. Um determinado filme produzido no ano de 1944, *Canção da Rússia*, incomodou o Comitê sobremaneira. Foi chamada uma perita [censora] em filmes, que identificou o “pecado” da película: exibia russos sorrindo, o que foi interpretado como parte do esforço da propaganda comunista. Achamos interessante reproduzir esta passagem do diálogo entre a perita e o integrante da comissão:

Comissão: - Ninguém sorri na Rússia?

Perita: - Se a pergunta é literal, a resposta é: quase ninguém.

Comissão: - Eles nunca sorriem?

Perita: - Não assim. Se acaso sorriem, é na intimidade e por acidente. Não se trata de um ato social. Não sorriem em aprovação ao sistema.¹⁰⁷

A perseguição empreendida por McCarthy não se ateve somente a políticos ou pessoas que ocupavam cargos públicos, ou mesmo e a prováveis ou confessos comunistas, ela estendeu-se a toda sociedade americana e incluía intelectuais, escritores, artistas, cineastas e pessoas comuns, mostrando os efeitos ruinosos dos radicalismos sob qualquer “bandeira”.

Causou estranheza não encontrarmos em **Seleções**, neste período, nenhum texto de autoria do próprio Senador McCarthy, devido à campanha anticomunista que empreendeu e a projeção que alcançou. Porém, deparamo-nos com dois artigos que comentavam sobre o Senador e sua campanha anticomunista: um, de aprovação, e outro, de censura. Os artigos

¹⁰⁶ O produção cinematográfica, importante veículo de propaganda, conseguiu reproduzir e eternizar momentos históricos. Filmes dos anos 50, como *Vampiros de Almas* ou *A Guerra dos Mundos*, tratavam de uma forma alegórica do pavor norte-americano da infiltração comunista e da hipótese de uma invasão dos Estados Unidos pelos soviéticos. Nos anos 60, *Dr. Fantástico*, de Stanley Kubrick, retratou, com humor negro, o pesadelo da possibilidade de uma guerra nuclear entre EUA e URSS. Os filmes da série James Bond inspiravam-se nos anos de ouro de atuação da CIA e da KGB, assim como os seriados para a televisão *Missão Impossível* ou o cômico *Agente 86*. Ver: DIAS Júnior, J. A.; ROUBICEK, R. Op. Cit. 1996, p. 48. Outro filme, este da década de setenta, “The Front” [Testa de ferro por acaso], estrelado por Zero Mostel e Woody Allen, tece uma primorosa crítica ao Macarthismo. O próprio Mostel foi uma das vítimas da “caça às bruxas”, tendo sua carreira interrompida. Ver: BARROS, E. L. de. Op. Cit. p. 60.

¹⁰⁷ HELLMAN, L. Op. Cit. p. 2.

foram publicados respectivamente, em maio de 1955 e novembro de 1956. Ambos não eram dirigidos a McCarthy, mas no desenrolar do texto, apareciam referências ao seu nome. No primeiro, o autor escrevia que era infundado, tanto nos Estados Unidos quanto no estrangeiro, o pensamento “de que êle instilou o mêdo das idéias na mente e no coração de todos americanos” e reprovava a atitude de inúmeros *antimcarthystas* americanos que “abrem a bôca para proclamar ao mundo que McCarthy lhes fechou a boca”. Tanto não era verdade que os periódicos de esquerda continuavam em circulação, inclusive o jornal comunista de Nova York, o **Daily Worker**. E concluía: “O mêdo exagerado de McCarthy¹⁰⁸ é tão maléfico quanto ao medo exagerado da propaganda comunista”.¹⁰⁹ No segundo artigo, com o título *As Antipatias de Eisenhower*, outro autor afirmava: “Ike não gosta de extremistas”.¹¹⁰ Descrevia o ex-presidente como uma pessoa conciliadora e de bom senso, acrescentando que não foi a oposição de McCarthy a Eisenhower que teria provocado a antipatia do presidente pelo senador, mas sua atitude extremada em relação ao comunismo, que poderia colocar em risco os esforços do governo americano pela paz mundial.¹¹¹

Rodrigo Patto Sá Motta, em seu livro, *Em Guarda Contra o Perigo Vermelho*, em diversas oportunidades chama a atenção para o fato de que, apesar do caráter manipulador da campanha anticomunista, a ameaça comunista era uma realidade: “Sem nenhuma dúvida, havia anticomunistas convictos, indivíduos que realmente acreditavam na existência do perigo e agiam em consonância com esta crença”.¹¹² Dentro do amplo leque de representações que compõe o imaginário anticomunista, não podemos esquecer que o imaginário tem um amparo no real. No que se refere à União Soviética, sabemos que as atrocidades e arbitrariedades cometidas por Stálin durante seu governo não foram fatos inventados, mas reais. Porém, os anticomunistas representaram seus inimigos de maneira

¹⁰⁸ Não poderíamos deixar de registrar que também tivemos nosso “McCarthy” brasileiro, materializado na figura do Almirante Carlos Penna Botto. Antigo militante integralista, Penna Botto fundou e liderou o movimento chamado “Cruzada Brasileira Anticomunista”. Seus adversários cunharam o Movimento de *penabotismo*, como uma forma jocosa de alusão ao *macartismo*. Porém, ao contrário de seu “congênere” americano, não atingiu o mesmo índice de popularidade e acabou sofrendo punições por parte de seus superiores. Ver: MOTTA, R.P.S. Op. Cit. p. 144.

¹⁰⁹ HARD, William. Boas Maneiras para os Americanos. **Seleções**. Tomo XXVII, nº 160, maio 1955, p. 107.

¹¹⁰ Ike, como era popularmente conhecido o ex-presidente norte-americano Dwight Eisenhower.

¹¹¹ KNEBEL, Fletcher. *As Antipatias de Eisenhower*. [Condensado de “Look”]. **Seleções**. Tomo XXX, nº 178, nov. 1956, p. 49.

¹¹² MOTTA, R.P.S. Op. Cit. p. 144.

deformada e muitas vezes grotesca, depreciativa, com a clara intenção de prejudicar a imagem dos comunistas, impingindo, desta forma, descrédito à doutrina socialista.¹¹³

Necessário se faz reiterar a relevância do papel da imprensa na construção de um imaginário negativo a respeito dos comunistas. Na relação sujeito narrador e leitor, o jornalista é visto como alguém que detém o conhecimento “se investe e é investido pelo leitor como aquele que sabe”. Portanto, quem escreve usufrui uma posição privilegiada para influenciar o leitor, pois este busca em seus escritos uma complementação de *saber*.¹¹⁴

Na prática discursiva de *Seleções*, a imagem negativa dos comunistas/comunismo era constantemente veiculada e reforçada por esta repetição constante. Tal regularidade enunciativa “atuava como um discurso pedagógico em sua forma mais autoritária”.¹¹⁵ Em consonância com o discurso em voga, a revista descrevia os comunistas como a personificação do mal, o demônio com todos os seus atributos. E o mais grave: atingia a moral cristã, admitindo o divórcio, o amor livre e o aborto, o que era entendido como um incitamento à dissolução da instituição familiar, como demonstravam as afirmações a seguir: “A revolução socialista de outubro [1917] aboliu a desigualdade política, jurídica e econômica da mulher, mas houve quem interpretasse erroneamente essa liberdade [...] Numa sociedade estritamente socialista, tal prática conduz a um relaxamento de costumes indigno do homem, suscita problemas pessoais, infelicidade e dissolução da família”.¹¹⁶ Sem mencionar o desrespeito à livre economia e à propriedade privada, baluartes do sistema capitalista. A União Soviética era significada como sinônimo de comunismo, portanto, centro irradiador do mal. Deste modo, “o comunismo deixa de ser um conceito político para tornar-se a imagem de um país”¹¹⁷ Esquadrinhando os diversos artigos da revista sobre o tema, achamos que merece destaque o excerto abaixo, retirado da edição de agosto de 1952, por sintetizar o imaginário sobre o comunismo soviético:

A conquista da Europa satélite pelos comunistas é uma advertência final ao Ocidente: é assim que o comunismo soviético se infiltra e solapa; é assim que ele trai e contamina; é assim que domina os governos; é assim que ele escraviza e aniquila povos; que ele deturpa

¹¹³ Idem. p. 170

¹¹⁴ MARIANI. Op. Cit. p. 100.

¹¹⁵ Idem. p. 61.

¹¹⁶ A RÚSSIA repudia o amor livre. [Condensado de U.S. News & World Report]. *Seleções*. Tomo XVII, nº 98, mar. 1950, p. 38.

¹¹⁷ MARIANI, B. Op. Cit. p. 147.

o patriotismo, a lealdade familiar, a integridade pessoal e a moralidade; que mutila espíritos e envenena corações; que junte todos os recursos humanos e materiais de uma nação aos objetos do estado escravizante. É assim que o comunismo se expande, domina e se perpetua.¹¹⁸

A demonização do comunismo, adotada pela grande imprensa, era de uso corrente em **Seleções**. A luta entre socialismo e capitalismo passou a representar a luta do bem contra o mal, o embate entre Deus e o diabo. O demônio era sedutor, astuto, sorrateiro, insidioso, envolvia suas vítimas inocentes com mentiras e falsas promessas. Era assim que o comunismo agia com suas vítimas, iludindo-as com falsas promessas de igualdade para depois escravizá-las: “Mais de um bilhão de pessoas, metade da população do mundo, são vulneráveis à sedução comunista”, afirmava o artigo. O comunismo era perigoso, contagioso como uma doença: “A doença é um mal, mas a pior de tôdas as doenças é o comunismo. A própria Rússia era um *gigante enfermo*”.¹¹⁹

Motta chama atenção para o fato de que, ao comparar o comunismo a doenças, a intenção era mostrar que os comunistas só poderiam ser doentes. Certamente, pessoas saudáveis, em plena sanidade, não adotariam o comunismo como credo. Ele também aponta para denominações ligadas a animais, como aranha, polvo, etc., que pretendiam representar o projeto comunista de dominação mundial. Nesta analogia, o comunismo, com suas teias e tentáculos, urdia silenciosamente uma cilada para os povos incautos.¹²⁰ Em **Seleções** encontramos estas referências aos comunistas agregadas de outros significados, como brutalidade e incivilidade (os grifos são nossos): “Uma prova trágica de seu **bestial** procedimento”.¹²¹ “No entanto, êles foram engolidos por uma **jibóia** tremendamente insidiosa e insaciavelmente faminta (o comunismo). O Estado Comunista gera informantes como as **larvas de môscas** proliferam numa vala comum”.¹²² “Sob a touca de avôzinha recentemente enfiada pelo Kremlin, poderíamos ver então os olhos ávidos e os dentes afiados do **lobo**”.¹²³ “Esta única mão diretora pertencia a um bandido baixo e corpulento,

¹¹⁸ STOWE, Leland. Conquista pelo Terror. [Livro condensado]. **Seleções**. Tomo XXII, nº 127, ago. 1952, p. 204.

¹¹⁹ RATCLIFF, J.D. Medicina Pelo Rádio Rompe Cortina de Ferro. **Seleções**. Tomo XXIX, nº 173, jun. 1956, p. 105.

¹²⁰ MOTTA, R.P. S. Op. Cit. p. 52-54.

¹²¹ KENT, George. O saque da Áustria Pelos Vermelhos. **Seleções**. Tomo XXIX, nº 172, maio 1958, p. 51.

¹²² STOWE, Leland. Conquista pelo Terror. **Seleções**. Tomo XXII, nº 127, ago. 1952, p. 143 e 163.

¹²³ RHEE, Syngman. É possível a coexistência? **Seleções**. Tomo XXIX, nº 170, mar. 1956, p. 151.

cabeça de **gorila** [...] antigo conspirador subterrâneo vermelho”.¹²⁴ “O **suíno** mais cruel e oportunista em tôda aquela imundície [...] ocupava o posto de verdugo-mor; como chefe da KGB”.¹²⁵

O comunista – o “mau outro”

Os títulos dos artigos referentes ao comunismo já traziam a intenção de causar impacto negativo e sinalizavam para idéia do conteúdo. Citamos, a título de exemplo: *Fui Escravo dos Soviéticos, Conquista pelo Terror, Livrai-nos do Mal, A Colheita de Ódio do Kremlin, O Maior Gangster de Moscou na Europa, Ivan Serov: Verdugo nº 1 do Kremlin, A China é vencida pelo terror, O saque da Áustria Pelos Vermelhos*. Convém ainda assinalar o uso do adjetivo *vermelho* para caracterizar os comunistas, lembrando que, numa convenção literária ocidental cristã, esta cor simbolizava a violência e o sangue, relacionando-a à brutalidade comunista. De uso corrente, passou a ser sinônimo de comunista, marxista, ou socialista.

Os dirigentes soviéticos eram os alvos centrais da campanha anticomunista. Até 1953, ano da morte de Stalin¹²⁶, as críticas eram dirigidas a ele, o “Grande Escravizador”. Com a ascensão de Nikita Sergeyevich Krushchev, seu sucessor, observamos uma preocupação a mais. Ao contrário do introvertido e taciturno Stálin, Krushchev era possuidor de uma personalidade simpática e loquaz, destacava o artigo, o que poderia angariar simpatias para ele e para o regime que representava. Encontramos em **Seleções** um caudal de críticas à acolhida que Krushchev estava recebendo por mandatários dos países que visitava. Estes estariam sendo ludibriados pela imagem que projetava de si mesmo como a de um chefe amigável, de boa índole, cortês e bem humorado, preocupado com o

¹²⁴ WILSON, Jerome. O Maior Gangster de Moscou na Europa. **Seleções**. Tomo XXXIII, nº 193, fev. 1958, p. 134.

¹²⁵ JORDAN, Henry. Ivan Serov: Verdugo nº 1 do Kremlin. **Seleções**. Tomo. XXXIII, nº 197, jun. 1958, p. 145.

¹²⁶ Stálin morreu no dia 5 de março de 1953, conforme declarado, de morte natural. Neste artigo, é levantada a suspeita de que teria sido sufocado com travesseiro. A trama de intriga, conspiração e assassinato encaixava-se ao imaginário construído a respeito dos comunistas. Ver: JORDAN, Henry. Ivan Serov: Verdugo nº 1 do Kremlin. **Seleções**. Tomo. XXXIII, nº 197, jun. 1958, p. 152.

bem-estar de seu povo, escrevia a revista. Relatava que a jovem, gentil e *ingênua* rainha Elizabeth da Inglaterra não só recebera Khrushchev e seu Ministro Bulgarin, como também “levou os seus inocentes filhos para conhecê-los”. A revista insistia em alertar para que o mundo livre não se deixasse iludir por este lobo vestido em pele de carneiro, que chegara ao poder através da única maneira que é possível na hierarquia soviética: “sobre montões de cadáveres”. Portanto, o novo chefe de governo russo não era um comunista de linhagem menos perigosa do que o velho e astuto Stálin, conforme revelava um artigo de novembro de 1954:

[...] sob o efervescente exterior de Nikita Khrushchev existe um homem cruel e sem escrúpulos, um tirano cortado do mesmo pano de Stálin e segundo o molde stalinista. Têm o talento de Stalin para a intriga, a chantagem e o assassinio. [...] Como sequaz principal do ditador, no próprio centro do regime, Khrushchev não podia deixar de mergulhar no sangue até o pescoço. [...] Havendo desferido um golpe mortal no “mito de Stalin”, ele está agora astutamente fabricando um mito Khrushchev. [...] por mais que Khrushchev possa apresentar-se favoravelmente ao resto do mundo, o povo de seu império vermelho sabe da verdade. Para este, ele continua a ser o açougueiro da Ucrânia – e da Hungria.¹²⁷

Na revista, as referências de cunho tendencioso estendiam-se tanto aos “dirigentes vermelhos” como ao cidadão russo comum. Apesar de que, na fala da revista, todos os soviéticos e os habitantes dos países satélites eram prisioneiros do regime comunista e na primeira oportunidade abraçariam fervorosamente a *fé capitalista*: “[...] em todos os países comunistas, quando a oportunidade se apresenta, a debandada para sair é geral. O Governo Soviético teme a fuga em massa dos seus cidadãos no dia em que tirar as trancas da porta.”¹²⁸

Localizamos um interessante artigo, em agosto de 1956, intitulado “Percorrendo os Estados Unidos com Sete Vermelhos”, onde é comentada a visita de sete jornalistas russos aos EUA, a convite do governo americano. Era intenção que alguns formadores de opinião soviéticos “vissem os Estados Unidos com os próprios olhos”, ou melhor, que se extaciassem com a prosperidade e bem-estar que proporcionava o sistema capitalista. O

¹²⁷ LYONS, Eugene. [primeiro jornalista estrangeiro que entrevistou Stálin, velho estudioso da Rússia e do comunismo e redator de The Reader's Digest]. Khrushchev – O Novo Senhor do Kremlin. **Seleções**. Tomo XXXI, nº 190, nov. 1957, p. 54.

¹²⁸ O LADO Fraco do Poderio Russo. [Condensado de “U.S. News & World Report”]. **Seleções**. Tomo XXXIV, nº 202, nov. 1958, p. 100.

próprio autor do artigo, correspondente do **Times**, acompanhou e conviveu com os russos durante um mês. Antes mesmo de começar a viagem, uma dúvida já lhe afligia: como lidaria “com pessoas que somente vêem o que querem ver, falseiam sempre a verdade, não mantêm a palavra e só legislam em causa própria”. Transcrevemos, na íntegra, parte de suas impressões sobre o grupo:

Cada componente do grupo, como seu chefe, Boris Kampov-Polevoy, tinha uma cortina de ferro mental. Reagiam a tôdas as situações de acôrdo com a linha do Partido Comunista; conversar com êles era o mesmo que conversar com uma parede. Não sabiam pensar com independência, e eram, por treino, incapazes de avaliar um argumento contrário. Limitavam-se a abafá-lo aos gritos ou, mais freqüentemente, não tomavam conhecimento dêle. Perguntaram por que os Estados Unidos tinham bases aéreas perto da União Soviética. Ao lhes ser dito que era por causa da ação dos Sovietes para se apoderarem de outras nações e de sua anunciada intenção de tornar o mundo comunista, logo mudavam de assunto.¹²⁹

Continuando, o jornalista cicerone levou os visitantes a conhecerem a fábrica FORD (símbolo da criatividade e competência da livre iniciativa), motivo de grande orgulho nacional e parada obrigatória em qualquer itinerário de visitantes estrangeiros, conforme observamos em outros artigos. Um detalhe a respeito dos convidados chamou-lhe particularmente a atenção: o fato deles trazerem fotos da família junto a suas carteiras: “fotos da mulher (que parecia um modelo fotográfico) e dos filhos (que pareciam astros de cinema)”. Este era um costume tipicamente americano, que eles estavam imitando como se quisessem dizer: “Como vocês estão vendo, somos iguaizinhos a vocês”. Logo, ele percebeu que o grupo gostava de viver com luxo. Deliciavam-se com um laudo jantar, em restaurantes de bom gosto, ou num espetáculo de boate. Outro comportamento destacado no artigo era a *rígida disciplina* seguida pelo grupo. Mas, para ele, logo ficou evidente que a intenção dos jornalistas soviéticos não era colher informações, mas, sim, difundir sua própria filosofia política: “Só estavam interessados em tapear o povo norte-americano”, sentenciou o jornalista anfitrião.¹³⁰

Na cena discursiva desta narrativa fica patente a caracterização dos comunistas como o “outro”, “esse *outro* necessário a afirmação do *mesmo*”. Os comunistas são os

¹²⁹ KLUCKHOHN, Frank. [correspondente estrangeiro do *Times* de Nova York]. Percorrendo os Estados Unidos com Sete Vermelhos. **Seleções**. Tomo XXX, nº 175, ago.1956, p.118.

¹³⁰ Idem. p. 118.

“maus outros” e, na posição do “outro”, são identificados como inimigos. Assim, a partir desta diferença, capitalistas, ou americanos, constituem-se como os “bons mesmos”.¹³¹ Diferentes dos americanos, os soviéticos eram ignorantes, mentirosos, egoístas, dissimulados, etc. Em virtude da *rígida disciplina* imposta pelo Partido, estavam incapacitados de pensar por conta própria e de discernir entre o certo e o errado [caso contrário, não adotariam o credo marxista]. Mesmo assim, sucumbem aos prazeres capitalistas [mesa farta, saídas noturnas]. Querendo parecer “civilizados e humanos” *imitam* hábitos dos norte-americanos, como o de levar consigo fotos da família, pela qual, como era apregoado, os comunistas não tinham apreço. Desse modo, “*significam* o comunista como um ser não social, o vêem como ‘o outro’, a diferença entre a barbárie e a civilização”.¹³²

Como podemos perceber nas publicações de **Seleções**, o imaginário negativo em relação aos comunistas estendia-se a outros sentidos, além do meramente ideológico. Ao se referirem às “fotos da mulher (que parecia um modelo fotográfico) e dos filhos (que pareciam astros de cinema)”, fica implícito que os russos eram, ou deveriam ser, feios. Na fala da revista, parecia ser inadmissível que ousassem assemelhar-se aos americanos (que se consideravam moral e economicamente superiores), postulando ser portadores dos mesmos signos (familiares). Por serem os “outros”, são, portanto, *malignizados*, e esta carga de negatividade se estende ao “todo”. Estas diferenças, empregadas comumente no sentido de inferiorizá-los, estavam presentes em diversas circunstâncias, como podemos observar em parágrafo da edição de fevereiro de 1957:

O Avião leva apenas cinco horas da fervilhante Zurique do Ocidente, na Suíça, à Belgrado do comunismo, na Iugoslávia. [...] Belgrado é hoje uma cidade descolorida e sem graça e a beleza em geral se encontram nas capitais européias. A môça com um amarfanhado vestido caseiro que leva o viajante para a alfândega de roupa sem passar e com uma camisa suja e sem gravata, o sombrio garçom do restaurante cheio de moscas do aeroporto, tudo proclama essa cinzenta melancolia.¹³³

Como sabemos, os americanos atingiram, no pós-guerra, um patamar de desenvolvimento econômico e de bem-estar social ímpares. Este progresso era sempre

¹³¹ MARIANI, B. Op. Cit. p. 86.

¹³² Idem. p. 147.

¹³³ VELIE, Lester. Que está Acontecendo na Iugoslávia? **Seleções**. Tomo XXXI, nº 181, fev. 1957, p. 39.

confrontado com as dificuldades econômicas e sociais em que viviam as populações do Leste Europeu e era utilizado para mostrar as vantagens inquestionáveis do sistema capitalista. Apesar de que “de início pareceu que a parte socialista do mundo, recém-expandida, levava vantagem”.¹³⁴ Para reforçar a imagem dos países comunistas como pobres e atrasados, as diferenças econômicas entre os dois lados - Berlin Oriental e Berlin Ocidental - serviam como *vitrine* para estes propósitos: “Só em Berlim Ocidental os Estados Unidos gastaram, em dez anos, mais dólares do que em toda América Latina, transformando a cidade na mais reluzente vitrine do capitalismo na Europa.”¹³⁵ A cidade foi palco de outros destacados episódios da Guerra Fria, que culminou com a construção do muro divisório entre as duas cidades, em 1961.

A revista **Seleções** não perdeu a oportunidade de ventilar o tema em segundas ocasiões. Garantia que quase todos fugitivos soviéticos ou alemães orientais desejavam ardentemente ir para os Estados Unidos. Outro artigo aludia às diferenças: bastaria atravessar a “Cortina de Ferro”¹³⁶ para comparar de perto os dois sistemas que pleiteavam a simpatia da humanidade, embora se encontrasse dividida, metade escrava, metade livre: “Berlim é uma ilha situada profundamente no interior de um estado fantoche comunista, a chamada “República Democrática Alemã”. Conclamava sobre a necessidade de manter Berlim Ocidental “perpétuamente viva como um mostruário, em pleno Oriente Soviético, dos padrões de vida ocidental; como abrigo para os refugiados; como um raio de luz em meio às trevas totalitárias”.¹³⁷

Para demonstrar como era reforçada a imagem negativa para desqualificar os comunistas, escolhemos o texto a seguir, dentre os muitos publicados pela revista. No referido texto era comentada a ocupação do território austríaco pelos russos no após Segunda Guerra¹³⁸. Na narrativa, a ocupação se deu de forma “extraordinariamente brutal”,

¹³⁴ HOBBSBAWM, E. Op. Cit. p. 255.

¹³⁵ BARROS, E. L. de. Op. Cit. p. 35 e 37.

¹³⁶ A expressão “Cortina de Ferro” foi empregada pela primeira vez por Joseph Goebbels, em 1944, mas ficou consagrada mundialmente no discurso proferido por Winston Churchill, em 5 de março de 1946, no Estado de Missouri, nos EUA, em companhia de Truman, dando o “pontapé” inicial para a Guerra Fria. Ver: BARROS, E. L. de. Op. Cit. p. 20-21.

¹³⁷ LITTELL, Robert. Berlim – a cidade dividida. **Seleções**. Tomo XXVIII, nº 167, dez. 1955, p. 93.

¹³⁸ Percebemos, nos relatos de **Seleções**, reiteradas críticas aos acordos de Yalta e Potsdam, firmados entre os aliados e os russos, em 1945. Os norte-americanos sentiam-se lesados com a irredutibilidade e “falta de palavra” dos russos, que “só queriam vantagens para si”. Conforme a revista, em Yalta, “os quatro grandes” decidiram que a Áustria não era aliada, mas, sim, vítima de Hitler. Porém, quando os russos chegaram àquele país, no final da guerra, *esqueceram-se* desta distinção. Lembram, também, que parte do “saque soviético” era

contrastando com um país “altamente civilizado”. A Áustria teve que assistir indefesa enquanto “os russos lhe roubavam os tesouros, lhe violavam as filhas, lhe destruíam os bens”. Ao contrário, os norte-americanos, também uma força de ocupação, haviam investido naquele país “centenas de casas modernas, estradas, lojas, cassinos de oficiais e quadras de tênis”, entre outros *presentes*. Acharmos o relato a seguir bastante ilustrativo do imaginário criado pela revista sobre o “grau de barbárie e incivilidade dos soviéticos”, como publicava **Seleções**, em maio de 1956:

[...] Na mesma cidade, Frau Anna Pilken, uma senhora de idade, cuidadosamente vestida e de trato apurado, fêz-me correr a sua casa. [...] Nada mais restava: nem piano, nem mesa, nem fio ou mesmo uma lâmpada elétrica. Na cozinha, o fogão, os canos e a pia haviam sido arrancados. Dos banheiros, as banheiras, os vasos sanitários e as descargas tinham desaparecido. Para ilustrar o grau de incivilidade, os russos na sua maioria eram camponeses muito brutos; para eles uma torneira de onde jorrava água ao simples torcer da maçaneta era um mistério, da mesma forma que um aparelho de rádio. Quando se mudavam levavam a torneira e um bom pedaço de cano para sua nova casa e, enfiando o cano na parede, abriam a torneira, esperando que a água jorrasse. Os vasos sanitários eram confundidos com pia para lavar as mãos. Houve uma russa que censurou severamente o proprietário da casa onde morava porque um peixe que ela estava limpando no vaso sanitário fôra levado pela descarga.¹³⁹

A intenção da revista, de acordo com o que depreendemos, era advertir a possíveis simpatizantes da causa comunista sobre a “verdadeira” realidade do que seria viver sob a “barbárie” do regime soviético. Fica também evidente, no transcorrer do texto, a preocupação que, terminada a ocupação, os austríacos pudessem ser atraídos para a órbita soviética. Finaliza o articulista afirmando que a Áustria provou que “a melhor cura para o comunismo é o convívio com ele”. Na verdade, a partida do exército russo da Áustria, em 1955, e o restabelecimento da soberania deste país revelavam um gesto de boa vontade da nova cúpula do Kremlin, buscando o desarmamento, na tentativa de uma *coexistência pacífica*. Tal gesto não foi assim interpretado pelas autoridades norte-americanas, que o assimilaram como mais uma jogada ardilosa dos soviéticos.¹⁴⁰ Os colaboradores da revista partilhavam deste ponto de vista: “Os comunistas estão fazendo grande alarido pela

oficial, pois o acordo de Potsdam dera à Rússia direito aos “bens alemães” na Áustria. Ver: KENT, George. O saque da Áustria Pelos Vermelhos. **Seleções**. Tomo XXIX, nº 172, maio 1956, p. 51-55.

¹³⁹ KENT, G. Op. Cit. **Seleções**. Tomo XXIX, nº 172, maio 1956, p.53.

¹⁴⁰ BARROS, E. L. de. Op. Cit. p. 70.

coexistência pacífica. Mas o que eles desejam é apenas a oportunidade de prosseguir, sem empecilhos, na sua guerra ideológica e na conquista dos países. O que querem é que os Estados Unidos relaxem a sua oposição.”¹⁴¹

Achamos oportuno, novamente, tecer considerações a respeito do discurso jornalístico, que produz a ilusão de que os fatos narrados são “verdadeiros”, únicos e incontestáveis, provenientes da realidade evidente e concreta. Lembrando que, na imprensa, a voz do comunista foi quase inexistente, ou, então, “não se fez ouvir senão pela voz do outro”.¹⁴² Mas, convém esclarecer que, no jogo de poder que envolvia russos e norte-americanos, não havia uma “posição inocente”. Ambos faziam uma política de controle e de expansão das respectivas esferas de influência: a URSS, na defesa do comunismo, e os EUA, em nome do capitalismo. Interessante se faz assinalar que, assim como os norte-americanos, os soviéticos também fizeram uso da mídia, neste caso para propalar uma imagem negativa do capitalismo. Jornais russos noticiavam, “carregando nas tintas”, as condições adversas e precárias em que vivia grande parte da população do Ocidente, inclusive nos Estados Unidos. Desta forma, “os camaradas russos sentiriam o fardo de suas existências mais leve”.¹⁴³

Neste sentido vale ressaltar a importância do rádio, na época, como veículo de comunicação e propaganda, em meio aos embates da Guerra Fria. O rádio como arma de propaganda foi utilizado tanto pela União Soviética como pelos Estados Unidos, enfatizava **Seleções**: “Um singular programa radiofônico chamado Rádio-Médico, transmitido de Munique pela Rádio Europa Livre e mantido pelo povo norte-americano através da Cruzada pela Liberdade [...] Esse notável programa médico tornou-se uma das mais eficazes armas de propaganda do Ocidente nos países do bloco vermelho”.¹⁴⁴ Outra emissora, “A Rádio Libertação”, denominada como “organização radiofônica”, transmitia programas de cunho anticomunista para a URSS e para as forças militares soviéticas estacionadas na Europa Oriental, ininterruptamente, por 24 horas diárias, em 17 diferentes idiomas, subsidiada pelos americanos “Os fundos e a assistência profissional para essa operação da guerra fria

¹⁴¹ RHEE. Syngman. [Presidente da República da Coréia]. É possível a coexistência? [Condensado de “This Week”]. **Seleções**. Tomo XXIX, nº 170, mar. 1956, p. 151.

¹⁴² MARIANI, B. Op.Cit. p. 139 e 188.

¹⁴³ BARROS, E. L de. Op. Cit. p. 39.

¹⁴⁴ RATCLIFF, J. D. Medicina Pelo Rádio Rompe Cortina de Ferro. **Seleções**. Tomo XXIX, nº 173, jun. 1956, p. 101.

são fornecidos pelo Comitê Americano Pró-Libertação,¹⁴⁵ organização particular de jornalistas, homens de negócio, educadores e líderes políticos que resolveram fazer pela Rússia Soviética o que a Rádio Europa Livre já estava fazendo pelos satélites vermelhos.¹⁴⁶

Encontramos, em **Seleções**, queixas sobre uma “campanha difamatória” empreendida pelos russos contra os norte-americanos. Dentre os artigos rastreados, um nos chamou particularmente a atenção. Editado em agosto de 1948, reforçava o poder e alcance da radiotransmissão. Embora a fonte seja a própria revista, depreendemos que a propaganda comunista ocorria nos mesmos moldes, ou na mesma linguagem utilizada pelos anticomunistas ocidentais, como assinalamos no parágrafo acima:

O povo norte-americano é caracterizado, perante os ouvintes da própria Rússia, como uma classe oprimida, com o tacão dos “suzeranos imperialistas” a calcar-lhe o pescoço. Em contraste, a “perversa classe milionária” tem uma existência dourada [...] Numa grande cruzada ideológica, destinada a “corrigir” a atitude do povo russo, o governo soviético investe furiosamente contra os Estados Unidos. O seguinte foi captado a 23 de janeiro: “Odiemos com décupla fúria aqueles para os quais não existe qualificativo em linguagem humana, aqueles que ainda não saciaram de lucros extraídos do sangue de milhões; e que, em sua cegueira satânica, preparam nova guerra para a humanidade aflita. Enquanto despenderem bilhões de dólares com o fabrico de bombas atômicas e com preparativos para uma guerra monstruosa, continuaremos a voltar-lhes ódio. Este há de ser útil, chegado o momento oportuno”. Essas mesmas palavras foram publicadas, ainda, no jornal oficial, o *Pravda*, na mesma semana da irradiação [...] A propaganda soviética parte invariavelmente da premissa de que o mundo está dividido em dois sistemas incompatíveis: o capitalista e o socialista. E diz, por exemplo: “Existe tão somente a luta entre os imperialistas escravizadores do povo, e o povo democrático, amante da liberdade”. Não obstante, a rádio soviética proclama que a Rússia não nutre o intuito de interferir nas questões internas de outras nações; e informa ao mundo que, a esse respeito, sua conduta é oposta à dos Estados Unidos [...] para efeitos de propaganda, a U.R.R.S. é a “terra dos povos amantes da liberdade”, puríssima “democracia”. Os Estados Unidos são chamados de “imperialismo”.¹⁴⁷

Este mesmo artigo faz ainda menção à propaganda soviética que atribuía aos EUA a tentativa de submeter e relegar a França e a Itália “à condição de nações agrárias”, ou,

¹⁴⁵ O primeiro presidente desta organização, Eugene Lyons, era ex-correspondente de imprensa em Moscou, passando a trabalhar como redator do **Reader's Digest**.

¹⁴⁶ HOBGING, Enno. A Rádio Liberdade Penetra a Cortina de Ferro. [Condensado de “The New Leader”]. **Seleções**. Tomo XXXV, n.º 167, maio 1959, p. 129.

¹⁴⁷ BIRD, Robert. S. A Voz Hostil da Rússia. [Condensado de “The New York Herald Tribune”]. **Seleções**. Tomo XIV, n.º 79, ago. 1948, p. 75.

mesmo, de “colônias”. Numa alusão aos países sob influência soviética, os chamados “satélites”, estas duas nações “orbitariam” em torno dos Estados Unidos.

Nas notas de final de página, comumente utilizadas pela revista, ao término de um texto, localizamos esta mensagem “digna de nota”, datada de março de 1959:

Durante uma irradiação sobre os males do alcoolismo, um locutor da Rádio de Moscou declarou: “Nos países capitalistas bebe-se por desespero a fim de esquecer quanto se é explorado, as más condições de trabalho e o espectro do desemprego. Mas o alcoolismo do cidadão soviético tem outras causas: provém, essencialmente, da transbordante alegria de viver e de sua tendência para comemorar em entusiasmo as grandes conquistas do socialismo”.¹⁴⁸

Outro artigo nos chamou a atenção por duas razões: pela *comicidade* da narrativa e pelo autor, Whittaker Chambers.¹⁴⁹ Ex-comunista convertido ao capitalismo, doutrina da qual se tornou fervoroso defensor, Chambers acabou publicando livros que alertavam sobre o perigo comunista, livros estes cuja leitura era recomendada por **Seleções**:

Poucas pessoas do mundo livre se acham tão bem aparelhadas como Whittaker Chambers para expor e explicar as doutrinas do comunismo. Ele foi membro ativo do Partido Comunista Americano durante 13 anos. De 1934 até que rompeu com o Partido em 1938, serviu de mensageiro de uma rede de espiões comunistas em Washington. No seu livro *Witnesss* ele conta a história das suas lutas contra a própria consciência, de suas revelações públicas de conspiração comunista, de suas acusações que determinaram a condenação de Alger Hiss.¹⁵⁰

Contra Chambers, editor-chefe do **Time**, pesava a delação que levou a julgamento onze integrantes do Partido Comunista dos Estados Unidos (CPUSA). Neste “esclarecedor” artigo responde a perguntas que lhe são formuladas com maior frequência, dando mostras de sua completa regeneração. Enumeramos algumas: 1) *Que é o comunismo?* “Em termos simples, é um credo militante e semimilitar, empenhado numa guerra, ora aberta, ora dissimulada, contra todos os outros”. Assinala que é uma doutrina que se apossa do que não lhe pertence, mente sob juramento, conspira contra o Estado, elimina tanto os inimigos quanto os amigos; 2) *O Partido Comunista não atrai grande número de neuróticos?* “A

¹⁴⁸ COMUNICAÇÃO de Moscou. **Seleções**. Tomo XXX, nº 206, mar. 1959, p. 130.

¹⁴⁹ Ver nota de rodapé (28) p. 20.

¹⁵⁰ CHAMBERS, Whittaker. Que é um comunista? **Seleções**. Tomo XXV, nº 145, fev. 1954, p. 83.

vida de um comunista é dura e disciplinada; os neuróticos de qualquer espécie detestam a disciplina. Os comunistas desconfiam muito desta gente e, em geral, mantêm os neuróticos afastados do Partido, induzindo-os a se tornarem simpatizantes, função em que se mostram extremamente úteis”. O que induz a pensar que grande parte dos simpatizantes da doutrina comunista seriam neuróticos. Os dirigentes comunistas, astutamente, arregimentariam para sua causa sujeitos problemáticos, com desvios comportamentais, com capacidade de raciocínio e discernimento comprometidos em face de distúrbios psíquicos, portanto, facilmente manipuláveis. Pessoas “mentalmente saudáveis” não iriam aderir ao marxismo;

3) *Como pode o comunismo recrutar pessoas inteligentes?* Convencendo-as de que o comunismo é a única alternativa para contornar as crises com que se depara a humanidade no presente século. “O comunismo reivindica para si a posse de uma fé de caráter prático. É uma fé agressiva que rejeita Deus e que estabelece como norma que o homem deve contar apenas consigo mesmo, deve usar seus próprios recursos, mormente a Tecnologia e a Ciência, deve criar o seu próprio paraíso na terra”; 4) *Julga que o Partido Comunista deve ser posto fora da lei?* “Julgo que sim [...]. Uma conspiração, para poder funcionar e desenvolver-se, deve ter contatos vivos com o mundo que o cerca, deve estar em condições de introduzir os seus venenosos filamentos através do corpo social que ela está procurando destruir”.¹⁵¹

Era de uso recorrente em **Seleções** qualificar os comunistas como pessoas ignorantes. Como “não lhes era permitido pensar” devido à *rígida disciplina* imposta pelo Partido, agiam como autômatos, assimilavam o que lhes era imposto, observando uma severa hierarquia. Embora à primeira vista pareça desconexo, imbricado neste pensamento vislumbramos nesta revista uma séria preocupação com o alto nível educacional alcançado pelos soviéticos e que refletia em seus avanços tecnológicos, atemorizando os norte-americanos: “Na suposta sociedade sem classes, os cientistas são os filhos prediletos”.¹⁵² Assim, os anticomunistas que nela escreviam não perdiam a oportunidade de mandar um recado de alerta aos soviéticos. Através da educação que proporcionavam ao povo, chegaria o momento em que esta *massa* começaria a pensar por conta própria e, certamente, voltar-se-ia contra o *establishment* soviético, rejeitando e expurgando o socialismo: “a educação

¹⁵¹ CHAMBERS, Whittaker. Que é um comunista? **Seleções**. Tomo XXV, nº 145, fev. 1954, p. 83.

¹⁵² ROOT, Lin. Estarão os Russos na Dianteira em Ciência Nuclear? **Seleções**. Tomo XXX, nº 175, ago. 1956, p. 44.

em massa na Rússia pode, com o tempo, servir para enfraquecer e talvez até para modificar-lhe a estrutura. Desde que se crie uma classe que seja ensinada a pensar, especialmente em termos científicos, mais cedo ou mais tarde começará ela mesma a pensar em outros setores e a divisar horizontes mais largos”.¹⁵³

Mariani afirma em seu livro, *O PCB e a Imprensa*, que, no discurso da mídia, a fala comunista não é ouvida – ou é raramente - a não ser na voz dominante, neste caso, o capitalista. Assim, não concedendo espaço para o discurso dos comunistas, a fala uníssona anticomunista, presente na mídia, tornava-se mais crível, pois não havia lugar para “confrontos, réplicas ou polêmicas” e o discurso dominante se impõe e se propaga mais facilmente. Deste modo, vai se cristalizando uma imagem negativa em relação ao comunismo/comunista, face às repetitivas e constantes representações desqualificantes. A doutrina socialista não é analisada sob o prisma do *político*. No discurso jornalístico não há espaço para a discussão do comunismo como ideologia alternativa e divergente: “apaga-se a idéia de movimento social ou popular, silencia-se a revolução e seu espírito”.¹⁵⁴

Outras preocupações ligadas aos episódios da Guerra Fria povoaram as páginas de **Seleções**, no final dos anos 40 e na década seguinte. A ascensão de Mao Tse-Tung ao poder e a conseqüente socialização da China, em 1949, foram interpretadas como um grande revés ocidental no Oriente: “No auge da Guerra Fria ele (Stalin) havia adquirido um inestimável aliado”.¹⁵⁵ Este fato foi fartamente noticiado pela revista, sendo alvo de reiteradas críticas e velada preocupação com a possibilidade de China de Mao exportar o comunismo para além de suas fronteiras, *mancomunada* com sua agora aliada União Soviética: “A Aliança com a Rússia Soviética é a pedra fundamental de toda a política nacional na China Vermelha”.¹⁵⁶

Este temor estava implícito em diversos artigos publicados pela revista, entre os anos de 1956 e 1958, que falavam sobre “exóticos” territórios da Ásia e da África. Estes artigos acabavam sempre emitindo um sinal de alerta sobre o perigo de comunização destas regiões, na maioria ex-colônias francesas ou britânicas. Como o caso de Cingapura, vista

¹⁵³ GUNTHER, John. A Rússia Chama para a Escola. [Condensado de “Inside Russia Today”] **Seleções**. Tomo XXX, nº 196, maio. 1958, p. 43.

¹⁵⁴ MARIANI, B. Op. Cit. p. 61 e 143.

¹⁵⁵ BARROS, E. L. de. Op. Cit. p. 48.

¹⁵⁶ TONG, Hollington. [Embaixador da República da China nos EUA]. Por que a China Vermelha não romperá com a Rússia. **Seleções**. Tomo XXXI, nº 189, out. 1957, p. 68.

como uma base vital de defesa ocidental na Ásia: “Cingapura passará a ser outro satélite da China Vermelha, uma cabeça de ponte comunista bem no coração da Ásia Livre”.¹⁵⁷ Continuando: “Em 1948, rebentou em Malaca, quase da noite para o dia, uma guerra de emboscadas comunistas de grandes proporções, levada a efeito na sua maior parte por comunistas chineses”.¹⁵⁸ Referindo-se ao Ceilão: “Nesse meio tempo, Bandaranaike travou relações diplomáticas com a Rússia Soviética e com a China Comunista. Os laços comerciais com a Cortina de ferro estão-se estreitando”.¹⁵⁹ Ou à Birmânia: “Tôda a propaganda e tôda a fôrça econômica da Rússia e da China Vermelha estão agora concentradas sôbre os birmaneses [...] Na situação atual, o Ocidente não está vencendo a guerra fria na Birmânia”.¹⁶⁰ O Vietnã, que se tornaria palco de um dos principais episódios da Guerra Fria na década de 1960, já era motivo de grande apreensão: “Forte era o contraste dos dois reconhecidos líderes da causa nacionalista, Ngo Dinh Diem e Ho Chi Minh – o primeiro advogado do governo constitucional, o segundo discípulo de Stalin, adestrado em Moscou”.¹⁶¹ Outras nações localizadas nestes continentes eram nomeadas, mas a “infiltração comunista” era considerada menos provável, embora reinasse instabilidade na região.

A revista ora analisada, concedeu relevante destaque à invasão da Hungria, em novembro de 1956. O ato de violência praticado contra o povo húngaro provocou repúdio mundo afora. **Seleções** não perdeu a oportunidade de mostrar a “verdadeira face” do regime soviético. O **Times** publicava e a revista condensava: “Acusamos o Govêrno Soviético de assassinato. Acusamo-lo da mais vil das traições e do ardil mais baixo que o homem conhece. Acusamo-lo de ter cometido um crime tão monstruoso contra o povo húngaro, que sua infâmia nunca poderá ser perdoada nem esquecida”.¹⁶²

Outro tema que se tornou constante em **Seleções**, no final da década de 1950, e motivo de enorme disputa entre a URSS e os EUA, foi a corrida espacial. O lançamento do primeiro *Sputinik* provocou preocupação geral e dava a entender que quem dominasse o

¹⁵⁷ CINGAPURA Cairá de Novo? [Condensado de “U.S. News e World Report”]. **Seleções**. Tomo XXIX, nº 169, fev.1956, p. 81.

¹⁵⁸ HALFORD, Watkins. D.R. [Piloto da Real Fôrça Aérea, lutou na China, Birmânia, Sião e Malaca]. A Adaga de Yusof Hussein. **Seleções**. Tomo. XXXI, nº 180, jan. 1957, p. 122.

¹⁵⁹ GASKILL, Gordon. Ceilão : a Ilha das Delícias. **Seleções**. Tomo XXXI, nº 188, set. 1957, p. 90.

¹⁶⁰ MICHENER, James. A Batalha da Birmânia. **Seleções**. Tomo XXXIV, nº 200, set. 1958, p. 130.

¹⁶¹ ARMSTRONG, O. K. O maior homenzinho da Ásia. **Seleções**. Tomo. XXVIII, nº 171, abr. 1956, p. 95.

¹⁶² LACHMANN, Kurt S.; PAITON, Fred C. Como a Mocidade Húngara lutou Pela Liberdade. [Condensado de “U.S. News & World Report”]. **Seleções**. Tomo XXXI, nº 180, jan. 1957. p. 43.

“espaço” seria o vencedor da Guerra Fria. E a balança pendia para o lado russo, motivo de pânico para americanos: “O lançamento dos satélites soviéticos não só assinalou a primazia russa na conquista do espaço, mas também mostrou que Moscou estava provavelmente à frente dos Estados Unidos no desenvolvimento de projetis balísticos de alcance médio e intercontinentais ou foguetes gigantes”.¹⁶³ Ao mesmo tempo, outro artigo questionava esta presumível superioridade russa no campo da ciência e da tecnologia, pois a realidade refletiria outra imagem da Rússia Soviética: “o retrato de uma nação perturbada, nem tão segura de sua posição, nem tão confiante no futuro como sugere a propaganda comunista”.¹⁶⁴

Em outra matéria, publicada na edição de agosto de 1958, era transcrito um trecho do pronunciamento de Pio XII aos delegados do Sétimo Congresso Internacional de Astronáutica, realizado em Roma, em 20 de setembro de 1956. Este texto parece indicar que era importante o aval da Igreja para os programas espaciais, como se a ciência, ao penetrar no cosmos, estivesse invadindo o “espaço sagrado”, pois, no imaginário cristão, os céus pertenceriam ao reino de Deus. Ou, também, como se o homem estivesse extrapolando “o permitido” pelo Criador:

Deus Nosso Senhor, que pôs no coração do homem um desejo insaciável de saber, não tinha intenção de estabelecer limites aos esforços de conquista do homem quando lhe ordenou que sujeitasse a terra [...] parece que se oferece ao homem a possibilidade de romper a barreira e alcançar novas verdades e mais amplos conhecimentos que Deus espalhou abundantemente através dos cosmos [...] O conhecimento que o homem tem de si mesmo e de Deus deve aumentar o aprofundar-se, a fim de que ele possa orientar-se corretamente no universo e compreender plenamente a importância de seus feitos.¹⁶⁵

A comoção em torno da conquista do espaço sideral, no contexto da Guerra Fria, liberava a imaginação e **Seleções** projetava o cosmos “como futuro teatro de guerra, chegando-se a falar em satélites bombardeiros, bases militares na Lua”. Wernher Von Braun, cientista alemão emigrado para os Estados Unidos no pós-guerra e diretor do Programa Espacial Americano, manifestava-se: “O homem deve estabelecer o princípio de

¹⁶³ BALDWIN, Hanson. Qual a Situação? União Soviética versus E.U.A (Parte II). [Condensado de “Times” de Nova York]. **Seleções**. Tomo XXXIV, nº 198, jul. 1958, p. 51.

¹⁶⁴ O LADO Fraco do Poderio Russo. Op. Cit. **Seleções**. nº 202, nov. de 1958, p. 99.

¹⁶⁵ BEINER, Jr. Lay. A Ânsia de Subir. [Condensado de “Post” de Denver]. **Seleções**. Tomo XXXIV, nº 199, ago. 1958, p. 66.

liberdade do espaço, como fez com a liberdade dos mares. E, como tudo o mais, só poderemos estabelecer isto de uma situação de relativa força.”¹⁶⁶

Segundo a revista, em sua edição de outubro de 1958, os russos só haviam largado na frente da corrida espacial com seus *sputiniks* graças à *apropriação* dos conhecimentos científicos dos alemães e ao rapto de seus técnicos. Tanto russos como americanos estariam muito aquém dos alemães no campo da ciência aeroespacial. O articulista afirmava que os soviéticos podiam “vangloriar-se de haver assentado os alicerces da ciência soviética dos foguetes graças às suas expedições em busca dos cientistas alemães”. Com inflexível determinação, as autoridades soviéticas teriam concentrado seus esforços para “alcançar os ex-inimigos e ultrapassar os futuros”. Apesar disto, via que os russos despendiam um esforço maior e impunham mais determinação em seus objetivos, quando comparados aos norte-americanos:

Os Alemães que trabalharam para os soviets, da mesma forma que muitos que trabalharam para os Estados Unidos, dizem que a verdadeira razão por que os americanos viram desaparecer a sua supremacia em foguetes não foi a técnica, a eficiência nem a inteligência, nas quais os russos estavam provavelmente em inferioridade. Foi algo mais básico, mais humano, mais humilhante. Os governantes soviéticos davam importância a isso realmente... e seus rivais não. Os russos tinham uma vontade e um impulso maiores; estavam fanaticamente resolvidos a emparelhar com a América e depois passar à sua frente. É certo.¹⁶⁷

A disputa pela hegemonia mundial encetada por soviéticos e americanos no pós-guerra estendeu-se do campo da ideologia para as mais diversas áreas. Qualquer pretexto servia para acirrar a competição, como fica evidente nas páginas de **Seleções**. Estas discussões atinham-se desde à “deturpação de fatos históricos”, como à polêmica criada em torno do verdadeiro inventor da telegrafia sem fio. Conforme a revista, os russos afirmavam que, “num vil ataque à ciência russa e soviética”, os americanos atribuíam a Marconi a primazia da invenção, quando, na realidade, esta seria do cientista russo Alexander

¹⁶⁶ WHERNER von Braun: Insigne Engenheiro do Espaço. [Condensado de “Time”]. **Seleções**. Tomo XXXIV, nº 198, jul. 1958. p. 73.

¹⁶⁷ LITTELL, Robert. Técnico Alemão Seqüestrado por Moscou. **Seleções**. Tomo XXXIV, nº 201, out. 1958, p. 54.

Stepanovich Popov.¹⁶⁸ Ou, o grande destaque dado ao vencedor do Concurso Internacional Tchaikovsky de Piano, realizado em Moscou, em 1958, e vencido por um jovem texano: “uma rara conjugação de talento, da tensão da guerra fria [...] Os russos ficaram encantados com a figura de torturada exaltação que Van apresenta diante do teclado. Apolítico, Van agradou aos russos procedendo com naturalidade”.¹⁶⁹

Os *esportes* também foram envolvidos nesta disputa e tomaram vulto nas páginas de **Seleções**, como a Olimpíada de 1956, em Melbourne, na Austrália. Títulos como *As Olimpíadas Precisam de Mais Esportividade, Como a Rússia Espera Ganhar as Olimpíadas, Como os Comunistas Subvencionam um Campeão*, denotavam a preocupação com a possibilidade de melhor desempenho dos soviéticos neste “confronto esportivo”: “Afirmam agora categoricamente que derrotarão os Estados Unidos e vencerão as Olimpíadas de 1956 em Melbourne, na Austrália. [...] Em julho de 1954, o Pravda dizia o seguinte: O Partido Comunista e o Governo Soviético consideram os esportes um dos mais importantes meios da educação comunista”.¹⁷⁰ O redator aproveitava o ensejo para criticar a deturpação do “espírito olímpico” que acabara levando a Guerra Fria para os esportes, como já havia acontecido, em 1952, em Helsinque: “Quem lesse os jornais americanos teria a impressão de que os únicos participantes eram a União Soviética e os Estados Unidos, embora 70 nações estivessem competindo”.¹⁷¹ Complementava afirmando que a cultura física e os esportes deixaram de ser um divertimento e se transformaram em questão de Estado: “Através da órbita russa, os atletas tinham de contribuir para demonstrar a supremacia do regime comunista sobre o capitalismo”.¹⁷²

Nesta cruzada “capitalismo versus comunismo”, representada como a luta do bem contra o mal, os Estados Unidos, desde o início da Guerra Fria tomou para si o papel de guardião e defensor dos valores morais e democráticos que o sistema capitalista defendia. E

¹⁶⁸ BIRD, Robert S. A Voz Hostil da Rússia. [Condensado de “The New York Herald Tribune”]. **Seleções**. Tomo XIV, nº. 79, ago. 1948. p. 75.

¹⁶⁹ O TEXANO que Conquistou a Rússia. [Condensado de “Time”]. **Seleções**. Tomo XXXIV, nº 201, out. 1958, p. 90.

¹⁷⁰ WECHSBERG, Joseph. Como a Rússia Espera Ganhar as Olimpíadas. **Seleções**. Tomo XXVII, nº 161, jun. 1954, p. 89.

¹⁷¹ BUCHER, Charles A. [Coordenador de Educação Física da Universidade de Nova York]. As Olimpíadas Precisam de Mais Esportividade. [Condensado de “Sports Illustrated”]. **Seleções**. Tomo XXVIII, nº 166, nov. 1955, p. 51.

¹⁷² POLING, James. Como os comunistas subvencionam um campeão. [Condensado de “Sports Illustrated”]. **Seleções**. Tomo XXX, nº 176, set. 1956, p. 109.

a revista corroborava: “Os Estados Unidos podem encabeçar a reação democrática contra os males do mundo que vêm sendo explorados em favor da revolução comunista [...] o que fizerem ou deixarem de fazer neste espaço de tempo determinará se o mundo, nos séculos vindouros, será escravo ou livre”.¹⁷³ Na edição de agosto de 1951, um texto sugeria a redefinição do vocábulo “capitalismo” para ajudar a conter a expansão mundial do comunismo, já que os soviéticos empregavam-no sempre num sentido pejorativo:

Para muita gente, o termo encerra subentendidos negativos dos velhos erros e antigos abusos. De modo algum sugere o dinâmico sistema hodierno em expansão, em constante mutação, mas sempre caminhando para um objetivo – proporcionar mais mercadorias e maior bem-estar a um número cada vez maior de pessoas [...] A maioria dos norte-americanos sabe o que o “Novo Capitalismo” está produzindo para eles e o que pode produzir em qualquer parte, se lhe derem uma razoável oportunidade. Mas existem centenas de milhões de pessoas, por todo o mundo, que não sabem disto.¹⁷⁴

E como propagar as “qualidades e vantagens” do sistema capitalista ao maior número possível de pessoas, quando o mundo estava à mercê da *sedução* da doutrina marxista?: “Os comunistas deverão empregar nesta tarefa todos os recursos, expedientes ou mentiras, sem nenhuma restrição de ordem moral”.¹⁷⁵ A revista **Seleções do Reader’s Digest** foi uma aliada inestimável do governo norte-americano e dos anticomunistas para alcançarem este propósito.

Foi nossa intenção, neste capítulo, mostrar que, na década de 50, a preocupação com a expansão comunista, presente na revista ora analisada, estava voltada para a Ásia e África, já que na Europa as áreas de influência soviéticas ou americanas já estavam praticamente delineadas. Mas um fato novo, no final da década de 1950, vai desviar a atenção dos norte-americanos dos temores já conhecidos e acrescentar novos: a ascensão de Fidel Castro ao poder, fará voltar e direcionar a atenção dos Estados Unidos e da revista para a América Latina. Este será o tema de análise do próximo capítulo.

¹⁷³ COMO STALIN Vê o Amanhã. **Seleções**. Op. Cit., nº 89, jun. 1949, p. 71.

¹⁷⁴ NICHOLS, William I. Precisa-se: um novo nome para “Capitalismo”. [Condensado de “This Week Magazine”]. **Seleções**. Tomo XX, nº 115, ago. 1951, p. 92.

¹⁷⁵ COMO STALIN Vê o Amanhã. **Seleções**. Op. Cit., nº 89, jun. 1949, p. 73.

CAPÍTULO 2

SELEÇÕES DO READER'S DIGEST: FIDEL CASTRO E A REVOLUÇÃO CUBANA

*Os comunistas se apossaram da
revolução cubana...*¹⁷⁶

Desde o lançamento da revista **Seleções**, em fevereiro de 1942, até o final de 1958, raros foram os artigos encontrados neste periódico que se reportavam a Cuba. A preocupação da revista em relação ao comunismo, como tratamos no capítulo anterior, estava voltada para outros continentes. Mas, a partir de 1959, ano da tomada do poder por Fidel Castro, os artigos passaram a ser mais freqüentes e na década seguinte foram constantes. Neste capítulo queremos mostrar, nas páginas da citada revista, este “deslocamento” da ameaça comunista para a América Latina, bem como a mudança no discurso da revista quanto a Cuba, a Fidel Castro e sua Revolução, motivada pela emergência da ameaça comunista neste continente, provocada pelo processo de socialização da Revolução Cubana. Como escreveu Fernando Moraes em seu livro, **A Ilha**, de um instante para o outro, Cuba transformou-se “num sítio onde reinava a peste”.¹⁷⁷ Queremos também, através da leitura de outros dispositivos textuais, como jornais diários e revistas semanais de grande circulação, dirigidos à classe média brasileira, perceber como tais dispositivos estavam se apropriando deste discurso anticomunista.

A Cuba de antes de Fidel era representada nas páginas de **Seleções**, como podemos observar neste artigo de janeiro de 1952, como uma ilha “romântica, exótica, acessível [...] a terra mais bela que os olhos dos homens já viram”. Terra de fertilidade incrível, dos famosos charutos, das belas praias e da sensual rumba: “Quando se vê um par de cubanos dançar rumba ao som de uma orquestra regional, tem-se a impressão de estar vendo um

¹⁷⁶ SONDERN, Frederic Jr. “CHE” GUEVARA” – Um Argentino que manda em Cuba. **Seleções**. Tomo XXXVIII, nº 226, nov. 1960, p. 37.

¹⁷⁷ MORAIS, Fernando. **A Ilha** : um repórter brasileiro no país de Fidel Castro. 21 ed. São Paulo : Ed. Alfa-Omega, 1985. p. XIV.

capítulo de um livro sobre sexo traduzido em música”. Mas, quanto ao comunismo, este perigo era absorvido pelo franco progresso: “A força comunista tem diminuído, parte em virtude de vigorosa oposição, mas principalmente graças à fantástica prosperidade do país nos últimos dez anos”.¹⁷⁸ O mesmo redator, em janeiro de 1954, reforçava suas impressões comentando a chegada benfazeja da tecnologia dos condicionadores de ar a Cuba, fato que estaria influenciando uma evidente mudança no comportamento de determinados trabalhadores cubanos: “Que é feito daqueles garçons sonhadores, sonâmbulos, que se deslocavam como ectoplasma no bafo úmido de Havana?”.¹⁷⁹ Percebemos, nestes comentários, o imaginário norte-americano sobre os povos latinos, onde o calor dos trópicos provocaria a sensualidade exacerbada, a languidez e a indolência, o que certamente não ocorreria nos países do Primeiro Mundo de clima frio.

Os artigos rastreados e comentados no parágrafo anterior mostram, mais do que nada, uma Cuba para turistas¹⁸⁰, onde a preocupação com o comunismo não era suficiente para inquietar os norte-americanos ou a revista. Dentre a exaltação sobre os encantos da Ilha, transparece também, neste outro artigo, o interesse por suas riquezas:

Em nenhum outro lugar do mundo mostra a natureza mais gentil aspecto do que em Cuba. A cana-de-açúcar cresce as alturas de recorde, as orquídeas florescem exuberantemente o ano inteiro, as chuvas tropicais caem rápidas e quentes, sol é uma benção em toda a parte. Sob o seu solo rico está depositado muito minério do estratégico manganês do Hemisfério Ocidental e profundos veios de níquel e de cobre. Apenas a uma hora de avião de Miami, a ilha é franjada de extensas praias de areia branca, que descem para o mar absurdamente azul.¹⁸¹

Mas, a partir da Revolução Cubana, esta não será mais a Cuba mostrada nas páginas da revista **Seleções** e a ilha de Fidel será tema assíduo em suas edições. Esta mudança começou a acontecer ainda no final de 1958, ao término da campanha de Fidel Castro para derrubar o governo de Fulgêncio Batista. Nesta ocasião, a revista designou, dentre seu

¹⁷⁸ McEVOY. J. P. Formosa terra do sol ardente : uma viagem a Cuba. **Seleções**. Tomo XXI. nº 120. jan. 1952. p. 28.

¹⁷⁹ McEVOY. J. P. “Mãnana” Chegou a Cuba. **Seleções**. Tomo XXV, nº 144, jan. 1954, p. 94.

¹⁸⁰ Depois de Fidel assumir o poder, o turismo praticamente acabou em Cuba. O turismo era a terceira fonte de divisas, depois do açúcar e do tabaco. Os turistas, na maioria norte-americanos, eram atraídos pelos cassinos e grandes bordéis, que deixaram de existir. Havia também restrições por parte dos cubanos em relação aos turistas americanos, pois entre estes poderia haver “contra-revolucionários e agentes da CIA”. Ver: MORAIS, F. Op.Cit. p.26

¹⁸¹ CHAPELLE, Dickey. “Lembrem-se de 26 de Julho!”. **Seleções**. Tomo XXXV, nº 209, jun. 1959, p.30.

quadro de redatores, uma experiente correspondente¹⁸² para dar cobertura ao acontecimento. Embora a Revolução despertasse insegurança quanto ao futuro político da ilha, podemos observar em suas anotações a aprovação ao novo regime, o entusiasmo e a admiração pelo líder revolucionário que emergia:

Até 1º de janeiro de 1959 a ilha de Cuba viveu sob o domínio de uma tirania férrea. O ditador Batista mantinha um regime de terror e corrupção sem paralelo na trágica história de Cuba. Esta é a história dramática de como Cuba foi libertada desse ditador, contada por uma testemunha de vista. É principalmente a história de um homem, Fidel Castro, que, aos 32 anos, se tornou legendário por seu arrojo e determinação. Começando sem mais nada que seu ódio à tirania, Castro comandou a revolta até se transformar numa revolução que terminou em triunfo.¹⁸³

Segundo sua reportagem, esta era uma revolução do povo: “[...] compreendia os imensamente ricos e os miseravelmente pobres [...] toda a Cuba aderiu a Castro”. Era a luta contra a opressão e truculência “do império corrupto de Batista” estabelecido havia quase duas décadas. Este artigo fazia um retrospecto da vida de Fidel que, conforme a articulista, diplomara-se, em 1950, em dois cursos: um de Direito e outro de Ciências Sociais. Dentre seus interesses, quando jovem, um era pelos galos de briga, de onde teria apreendido uma lição que nunca esqueceu: “os magros e famintos levam vantagem na luta com os gordos e bem nutridos”. Vindo de uma família abastada, exercia a advocacia apenas para amenizar as “injustiças contra seres humanos espoliados”. Eram lembradas sua “irresistível liderança, sua retórica dramática e sua disciplinada devoção aos exercícios físicos”, assim como seu físico avantajado e proporcional “sem qualquer gordura”, contrastando com uma “sociedade em que a indolência era um sinal de distinção”. Eram destacados, em sua trajetória política, o frustrado ataque à Fortaleza de Moncada, a formação do Movimento 26 de Julho¹⁸⁴ e o infortunado desembarque com o velho navio à vela *Gramma*, vindo do

¹⁸² Escritora, fotógrafa-correspondente e redatora da *Digest*, Dickey Chapelle acompanhou o desembarque das tropas em Iwo Jima e Okinawa, na Segunda Guerra Mundial; esteve na Hungria durante a revolta de 1956, onde foi feita prisioneira pelos “vermelhos”; entrou no Líbano com os fuzileiros americanos; assistiu a derrubada de Batista por Castro (em 1960 retornou a Cuba para “avaliar” o desempenho do governo de Fidel); participou também da cobertura da Guerra do Vietnã. Seu trabalho resultou em um livro, **Que Faz Aqui Uma Mulher?**, que, condensado pela revista, foi publicado na edição de agosto de 1962.

¹⁸³ CHAPELLE, Dickey. “Lembrem-se de 26 de Julho!”. **Seleções**. Tomo XXXV, nº 209, jun. 1959, p. 27.

¹⁸⁴ No dia 26 de julho de 1953, Fidel tentou um infrutífero assalto à Fortaleza de Moncada, quartel –general de Batista. Muitos companheiros foram massacrados e outros presos, inclusive Fidel e seu irmão Raúl. Soltos e anistiados por Batista formaram outro grupo revolucionário, que tomou o nome de “Movimento 26 de

México para atear a revolução em toda ilha, enquanto: “Os olhos do mundo estavam voltados para Hungria e para Suez”. Assinalava a importância do apoio dos Estados Unidos à causa revolucionária: “Fidel fez uma breve visita aos Estados Unidos, a fim de conseguir dinheiro para o movimento”. A bravura e a integridade de Fidel eram recontadas em diversos episódios, como neste, quando, sob a mira da arma de um oficial de Batista, afirmava: “Você pode matar-me, mas não matará a idéia que me trouxe aqui”.¹⁸⁵

Assim Fidel Castro era representado nas páginas de **Seleções**, em 1959: um jovem herói revolucionário, com ideais libertários e humanitários, disposto a lutar e dar a vida pela sua pátria. Em 16 de fevereiro de 1959, Fidel Castro Ruz era empossado no cargo de Primeiro-Ministro de Cuba e um conceituado jurista, Dr. Manuel Urrutia Lleó, assumiu a presidência pelo prazo provisório de 18 meses, com a promessa de Fidel de convocar eleições livres. Ambos empenhados em construir uma nova Cuba, varrendo qualquer resquício da imoralidade, desmandos e corrupção do governo anterior.¹⁸⁶

Aos olhos do mundo, no primeiro momento da revolução, Fidel era retratado como um herói respeitável e sua luta era um exemplo, como noticiava a brasileira **Manchete**, em fevereiro de 1959, reportando-se ao acontecimento:

Fidel Castro para esses homens que fazem a opinião americana é mais do que um herói respeitável. A revolução é mais um exemplo. Nesta operação verdade, o júri da imprensa americana transformou Fidel Castro num símbolo da reação contra as duas formas de imperialismo que se enfrentam, ameaçando o mundo: o comunista e o capitalista. Todos os representantes dessas duas facções que vieram a Havana saíram decepcionados e assustados com o líder de Cuba: ele não agrada a nenhum dos dois blocos nem transige com eles. Todos sentem que a Revolução Cubana pode ser o início da verdadeira Revolução Americana – pregada e estimulada por Fidel Castro. [...] Por isso mesmo, já se arrisca um vaticínio para a sorte da Revolução Cubana e do seu líder: não devem demorar muito. Dificilmente se completarão. O capitalismo e o comunismo não consentirão.¹⁸⁷

A boa vontade para com o novo governo cubano transparecia até na compreensão dos julgamentos sumários, o famoso *paredón*, como esclarecia o governador de Porto Rico,

Julho”, lembrando a data do confronto e os companheiros mortos. Ver: BRANDÃO, Inácio de Loyola. **Cuba de Fidel: viagem à Ilha proibida**. São Paulo : Livraria Cultura Editora, 1978. p. 23.

¹⁸⁵ CHAPPELLE, Dickey. “Lembrem-se de 26 de Julho!”. **Seleções**. Tomo XXXV, nº 209, jun. 1959, p. 172-194.

¹⁸⁶ Idem. p. 27.

¹² REVOLUÇÃO Americana – pregada e estimulada por Fidel Castro. **Manchete**. Rio de Janeiro. nº. 355. 07 fev.1959, p. 18.

ainda no artigo de 1959 de **Seleções**: “Eles estão exaltados contra os assassinos dos seus amigos e parentes”. Quanto ao ponto nevrálgico da revolução, a desconfiança do apoio comunista, escrevia a correspondente da revista: “A verdade é que não encontrei indícios de comunismo nas conversas dos rebeldes [...] nem o governo de Batista, nem a embaixada dos Estados Unidos em Cuba conseguiram jamais apresentar provas de que pessoalmente Fidel Castro houvesse sido em qualquer tempo comunista”. Em contrapartida, ouvira muitas queixas de que os Estados Unidos mostraram-se indiferentes ao terrorismo de Batista ao longo de seu governo. Ao finalizar suas impressões, a redatora registrava a dúvida que pairava no ar e que preocupava os norte-americanos, embora ainda acreditasse que a revolução resultaria numa verdadeira democracia para o povo cubano:

Outras revoluções antes desta começaram com bonitos ideais e terminaram numa volta à tirania. O principal entre os problemas de Castro será o de saber-se até que grau êle permitirá que os comunistas influenciem o seu governo. Os vermelhos sempre procuram explorar qualquer revolução bem sucedida e arrogar-se uma parte importante da vitória. [...] Castro parece não compreender que a melhor oportunidade de um futuro próspero e estável para Cuba está na instituição de uma convivência ativa e amigável para com os Estados Unidos.¹⁸⁸

Até o final da década de cinquenta, as relações dos Estados Unidos com Cuba eram mais próximas do que as de qualquer outro país do continente americano. Quer pela proximidade com a costa estadunidense, ou por sua posição estratégica frente ao canal do Panamá, ou ainda por razões econômicas, Cuba sempre foi de grande interesse para os Estados Unidos. Para uma elite cubana, os valores culturais norte-americanos eram irresistíveis, ao mesmo tempo em que despertava em outros setores da sociedade um forte sentimento antiamericano e um ardoroso nacionalismo. O movimento revolucionário cubano surgiu como uma forma de protesto contra a tomada ilegal do poder por Batista, em 1952. As crenças políticas de Castro, a princípio, pareciam-se com as de um liberal nacionalista. Porém, parece evidente que Castro sempre pretendia realizar uma revolução mais radical do que demonstrara inicialmente. Fidel representava a esperança de novos rumos para a política cubana, marcada pela corrupção e desmandos do governo de Batista. A simpatia dos Estados Unidos pelo movimento, traduzida na retirada do apoio ao ditador,

¹⁸⁸ CHAPELLE, Dickey. “Lembrem-se de 26 de Julho!”. **Seleções**. Tomo XXXV, nº 209, jun. 1959, p. 172-194.

foi importante para a vitória da revolução.¹⁸⁹ Os Estados Unidos teriam interpretado o movimento fidelista como uma “revolução democrática e populista convencional” e que, no momento oportuno, seria colocada em seu devido lugar.¹⁹⁰

Na opinião de muitos historiadores, entre eles Eric Hobsbawm, embora Fidel empreendesse reformas consideradas radicais, a exceção de dois companheiros (Raul e Guevara), os integrantes do Movimento não eram comunistas, nem Fidel declarava simpatia por qualquer vertente marxista. Na verdade, o Partido Comunista cubano não demonstrara, inicialmente, afeição à causa fidelista, unindo-se quase tardiamente a sua campanha, e com reservas.¹⁹¹ A própria Central Intelligence Agency (CIA) havia concluído que a revolução não era comunista. Mas Castro precisava de uma organização para governar de uma base partidária, a qual os comunistas podiam lhe proporcionar. A aproximação entre Fidel Castro e o Partido Comunista cubano aconteceu por conveniência de ambos. Mas, em março de 1960, muito antes de Fidel declarar-se comunista e de admitir uma Cuba socialista, os Estados Unidos já haviam decidido tratá-lo como tal e a CIA foi autorizada a providenciar sua derrubada”.¹⁹²

Na viagem que empreenderia à União Soviética, em 1963, onde seria recebido entusiasticamente por Krushev, Leonid Brejnev e Yuri Gagarin, conforme noticiado pelo jornal **Última Hora**, Fidel Castro, em discurso na Praça Vermelha, proferiria: “Sem a existência da União Soviética, a revolução socialista teria sido impossível em Cuba. Mas, isto não significa de maneira alguma que a URSS tenha provocado a revolução cubana. Isto quer dizer simplesmente que se a URSS não existisse, os imperialistas teriam esmagado todas as revoluções socialistas na América Latina”.¹⁹³

Embora o assunto continue gerando controvérsias, tudo indica que os norteamericanos consideraram inicialmente os guerrilheiros de Sierra Maestra como um movimento liberal, não comunista, que combatia uma ditadura corrupta. O deposto

¹⁸⁹ THOMAS, Hugh. A Revolução Cubana. **História do Século 20**. Cap. 86, p. 2609.

¹⁹⁰ FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo** : a revolução cubana. São Paulo : T. A. Queiroz, 1979. p. 88.

¹⁹¹ Moniz Bandeira, em seu livro, **De Martí a Fidel**, faz a seguinte afirmação: “Na realidade, não foram os comunistas que se apossaram de Castro. Foi Castro que se apossou dos comunistas”. Ver: BLASIER, Cole. *Apud*. BANDEIRA. Moniz. **De Martí a Fidel**: A Revolução Cubana e a América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 644.

¹⁹² HOBBSAWN. Eric. **Era dos Extremos** : o breve século XX. 1914-1991. São Paulo : Companhia das Letras, 1995, p. 427.

¹⁹³ MOSCOU em festa recebeu Fidel Castro como herói. **Última Hora**. Rio de Janeiro. 26 abr. 1963, p. 1.

Fulgêncio Batista não partilhava desta visão com os Estados Unidos. A revista **Manchete**, de junho de 1959, divulgava trechos da entrevista concedida pelo ex-ditador cubano em seu exílio na República Dominicana: “[...] a revolução de Fidel Castro é obra do comunismo internacional. Fidel Castro é um simples instrumento de Moscou, que através dele pretende dominar não só Cuba, mas as Ilhas das Caraíbas e da América Central. [...] o comunismo já fez progressos a passos muito largos e há muita gente que finge que não vê”.¹⁹⁴

A revista muda de opinião

No ano seguinte, em 1960, a mesma jornalista da revista **Seleções**, Dickey Chapelle, voltou a Cuba “para ver com os próprios olhos o regime de Fidel Castro em ação” e escreveu para a revista suas considerações, agora nada otimistas, sobre o desempenho de Castro em seu primeiro ano do governo. Observa-se, então, uma clara mudança no discurso da revista quanto à análise do caráter de Fidel e da revolução que comandava. Com o título Cuba... Um ano Depois, em março de 1960, publicava:

Fidel Castro entrou triunfante em Havana há um ano, depois de derrubar a ditadura de Fulgencio Batista, ele personificava a imagem da audácia e da virtude sobre o terror e a corrupção [...] Se a história terminasse aqui, seria irrepreensível. O fato de que não termina é assunto de profunda preocupação para todo o mundo no Hemisfério Ocidental. [...] Inflamado por violento nacionalismo, seu regime está ameaçando a economia da ilha, expondo a nação à manipulação comunista e pondo em perigo a unidade de todo o Hemisfério Ocidental. [...] dando ímpeto e liderança a movimentos anti-americanos através de toda a América Latina, Cuba está realizando a obra mais importante do Kremlin no Hemisfério Ocidental, isto é, a obra de arruinar a unidade hemisférica.¹⁹⁵

Fatos novos aconteciam em Cuba. O afastamento do moderado presidente cubano Urrutia, a influência cada vez maior de Raúl, irmão de Castro, sabidamente simpatizante comunista, levavam a revista **Seleções** a concluir que “o regime está completamente aberto à infiltração”. Expressava este artigo a queixa dos americanos de que, enquanto eram duramente atacados, nenhuma crítica era dirigida à União Soviética ou à China Vermelha.

¹⁹⁴ A VERDADEIRA Revolução Ainda Está por Começar. **Manchete**. nº 375. Rio de Janeiro. 27 jun. 1959, p. 88.

¹⁹⁵ CHAPELLE, Dickey. Cuba... Um Ano Depois. **Seleções**. Tomo. XXXVIII, nº 218, mar. 1960, p. 96.

Sabemos que por trás de todos os receios estava o vultoso capital americano investido na ilha, à mercê da propalada Lei da Reforma Agrária, a cargo do INRA, recém-fundado Instituto Nacional de Reforma Agrária. Continuando em seus relatos, informava que à frente deste órgão estava ninguém menos do que Ernesto Guevara “empenhado em uma economia estatal”. Alertava que Castro havia advertido, antes de assumir o poder, que seria necessário rever acordos firmados entre as grandes companhias nacionais ou estrangeiras, afirmando que era intenção do novo governo desenvolver a indústria nacional, reduzindo consideravelmente as importações e a dependência estrangeira: “Nos planos de Castro, pelo menos, o único papel reservado aos Estados Unidos é o de grande comprador de açúcar”, dizia o artigo. Com este ímpeto nacionalista e com sua personalidade “desorganizada, caprichosa e politicamente ingênua”, Fidel estaria conduzindo a economia cubana ao desastre, e, para salvá-la, apropriar-se-ia do capital estrangeiro.¹⁹⁶ Esta seria a sua economia estatal.

O ressentimento dos cubanos com os norte-americanos, que na fala da revista reportava-se somente à indiferença dos Estados Unidos a respeito do terror que grassou durante regime de Batista, era endossada, agora, com explícitas demonstrações antiamericanas. De acordo com **Seleções**, os Estados Unidos eram representados por uma figura grotesca de um gordo e abastado Tio Sam, comparsa dos ditadores latino-americanos na exploração dos vizinhos fracos, o que valeu protestos da Chancelaria Americana contra “os esforços deliberados e conjugados feitos em Cuba para substituir a tradicional amizade entre o povo cubano e o povo americano por desconfiança e hostilidade”. Com a intenção de cortar o “cordão umbilical que prende aos Estados Unidos”, Cuba, na fala da revista, estaria falsificando a história, fosse através da revisão de livros escolares, tarefa confiada a “jovens fanáticos”, ou através dos órgãos de imprensa¹⁹⁷, como o jornal castrista **Verde Oliva**, que escreveu que a Guerra da Independência Cubana¹⁹⁸ contra a Espanha fora

¹⁹⁶ CHAPELLE, Dickey. Cuba... Um Ano Depois. **Seleções**. Tomo. XXXVIII, nº 218, mar. 1960, p. 96.

¹⁹⁷ Um influente jornalista cubano, no início da década de 70, questionado se havia liberdade de imprensa em seu país, respondeu: “claro que não”. “Liberdade de imprensa é apenas um eufemismo burguês. Só um idiota não é capaz de ver que a imprensa está sempre a serviço de quem detém o poder. E em Cuba quem detém o poder é o proletariado”. Ver: MORAIS, F. Op. Cit. p. 75.

¹⁹⁸ De acordo com a literatura estudada, a participação americana teria antecipado a vitória que já estava fadada a acontecer, privando os cubanos de determinarem por si próprios seu futuro político. A luta dos cubanos tinha o objetivo de conseguir sua Independência “e não para entregar a antiga colônia espanhola à outra metrópole”. Ver: SAMORAL, Manuel Lucerna et alli. **Historia de Ibero América**. Ediciones Cátedra S.A. Madrid, 1988. Tomo III. p. 398.

frustrada pela intervenção americana em favor de Cuba.¹⁹⁹ Florestan Fernandes concorda com esta afirmativa: “A revolução de 1895 só não acabou vitoriosa por causa da intervenção norte-americana”.²⁰⁰

Enquanto a socialização de Cuba era apenas uma suspeita, **Seleções** continuava a publicar artigos de conteúdo a justificar a interferência histórica dos Estados Unidos em assuntos cubanos. Na edição de outubro de 1960, a revista contava sua versão, ou melhor, a versão dos norte-americanos sobre os episódios que envolveram a independência de Cuba.

Durante três decênios antes de 1898, vinha aumentando o ressentimento público nos Estados Unidos contra a exploração do povo cubano pela Espanha. Já em 1870 “Cuba para os cubanos” era um slogan popular nos Estados Unidos. Três presidentes ianques fizeram pressão sobre a Espanha em nome dos ilhéus oprimidos [...] Com efeito, o verdadeiro quartel-general do movimento de libertação do Cuba foram os Estados Unidos – principal fonte de dinheiro, de armas, de estímulo e de pressão diplomática sobre a Espanha. Os maiores liberais da época apoiaram a intervenção [...] especialmente os jornais de Nova York de William Randolph Hearst e Joseph Pulitzer, chegou a extremos fantásticos para inflamar a opinião contra a Espanha. Mas esse apaixonado jornalismo só deu resultado porque o sentimento favorável a Cuba já era tão intenso.²⁰¹

Seleções descrevia os americanos como parceiros na luta contra a tirania e a exploração espanhola. Em defesa dos cubanos declararam guerra à Espanha, sendo sua participação decisiva para a libertação de Cuba. Terminada a guerra, cumpriram a promessa de “entregar o governo e o domínio da ilha a seu povo”, implantando uma administração militar americana para restabelecer a ordem e atenuar o sofrimento.²⁰²

Fidel Castro contestava estes fatos, classificando-os como uma “inconcebível distorção da História”. Afirmava que os Estados Unidos forjaram um incidente²⁰³ como pretexto para a intervenção, que não tinha finalidade de pacificação, mas de exercer soberania e controle sobre Cuba, a fim de proteger o capital americano ali investido.

¹⁹⁹ CHAPELLE, Dickey. Cuba... Um Ano Depois. **Seleções**. Tomo. XXXVIII, nº 218, mar. 1960. p. 96.

²⁰⁰ FERNANDES, F. Op. Cit. p. 36.

²⁰¹ MUNDT, Senador Karl E. Relembrando 1898 – A Libertação de Cuba. **Seleções**. Tomo XXXVIII, nº 225, out. 1960, p. 58.

²⁰² Idem. p. 64.

²⁰³ Em fevereiro de 1898, o encouraçado americano *Maine*, que estava ancorado no porto de Havana, foi destruído pelo fogo, ocasionando a morte de grande parte da tripulação. Atribui-se o desastre ao carregamento de pólvora que condicionava. SAMORAL, M. L. Op. Cit. p. 399. Conforme a revista, o regime de Castro afirmava que o navio foi deliberadamente posto a pique pelos americanos, ao custo da vida de seus cidadãos, para criarem um pretexto para a intervenção. MUNDT, Senador Karl E. Relembrando 1898 – A Libertação de Cuba. **Seleções**. Tomo XXXVIII. nº 225. Out. 1960, p. 61.

Seleções reconhecia: “Houve sem dúvida fatores de interesse político e econômico na guerra de 1898, como há em todas as guerras. Mas, contrariamente às teorias marxistas, a intervenção em si mesma não foi conspirada pelo imperialismo capitalista.”²⁰⁴ O que se pode considerar é que governo dos Estados Unidos sonhou por muito tempo com a aquisição da ilha e via o perigo de uma revolução social em Cuba, em 1897, como uma ameaça aos seus interesses. José Martí, prócer da independência cubana, via no expansionismo americano uma séria ameaça para o propósito de uma Cuba independente.²⁰⁵

Mas o alvo da crítica dos fidelistas se concentrava na anexação da Emenda Platt²⁰⁶ à Constituição Cubana. No discurso da revista, esta Emenda consistia em um tratado que objetivava regular as relações cubano-americanas: “O tratado dava aos Estados Unidos o direito de intervenção para a proteção da independência de Cuba e para a manutenção de um govêrno empenhado em assegurar a vida, a propriedade e a liberdade individual”.²⁰⁷

Os Estados Unidos não disfarçavam seu interesse pelo Caribe e acreditavam que esta região, assim como as circunvizinhas, acabaria sendo atraída naturalmente para sua esfera de influência. Era a mesma crença do presidente John Quincy Adams quando, em 1823, reportando-se a Cuba, disse: “a ilha acabará caindo como uma fruta madura”. Os norte-americanos que criticavam a política colonialista européia acabaram exercendo, principalmente no final do século XIX, em relação aos países ibero-americanos, uma política expansionista, voltada para seus interesses políticos e econômicos. Ao contrário do colonialismo tradicional, que necessitava de uma dispendiosa organização colonialista, “o expansionismo seria conseguido através de acordos, diplomacia, barcos e canhoneiras”.²⁰⁸

Seleções continuava noticiando, neste início da década de 1960, os fatos que achava relevante no desenrolar da Guerra Fria, como a visita de Krushchev aos Estados Unidos, em 15 de setembro de 1959: “é sem dúvida o visitante mais odiado que já pôs os

²⁰⁴ MUNDT, Senador Karl E. Relembrando 1898 – A Libertação de Cuba. **Seleções**. Tomo XXXVIII. nº 225. Out. 1960, p. 65.

²⁰⁵ SAMORAL, M. L. Op. Cit. p. 388.

²⁰⁶ A chamada Emenda Platt, aprovada em 25 de fevereiro de 1901, foi anexada à Constituição cubana, conforme desejo dos americanos. Mediante este ato, formalmente Cuba conservava sua independência, mas o controle da política e da economia cubana ficava a cargo dos Estados Unidos. A Emenda só foi revogada em 29 de março de 1934, sendo substituída por um acordo comercial de maior paridade. Idem, p. 416.

²⁰⁷ MUNDT, Senador Karl E. Relembrando 1898 – A Libertação de Cuba. **Seleções**. Tomo XXXVIII, nº 225, out. 1960, p. 64

²⁰⁸ SAMORAL, M. L. Op. Cit. p. 407.

pés nos Estados Unidos”.²⁰⁹ Ou sobre a crise desencadeada com a derrubada do avião de espionagem americano, em 5 de maio de 1960, quando sobrevoava o espaço aéreo soviético. Na fala da revista, era apenas um “vôo de reconhecimento sobre a Rússia do desarmado U-2 norte-americano”, mas os soviéticos usaram tal incidente para torpedear a Conferência de Cúpula, em Paris. Quanto ao pedido de desculpas que Krushchev exigia, na verdade, ele que deveria se desculpar pela forma que estava conduzindo a guerra fria “contra o resto do mundo”, com “deslealdade, traição, sabotagem, roubo, chantagem, assassinio”.²¹⁰

Para os Estados Unidos, no seu papel convencional de salvaguarda da liberdade e da democracia, nada parecia mais natural que liderar a luta contra o comunismo internacional, quanto mais se esta doutrina ameaçasse infiltrar-se em seus domínios: o continente americano. Por isso a preocupação com os desdobramentos da Revolução Cubana. Segundo Hobsbawm, esta preocupação era desnecessária, pois tudo indicava que os soviéticos não pretendiam estender sua área de ocupação além do que já haviam conquistado. Esta perspectiva não teria mudado, nem mesmo no governo de Krushchev (1956-64), quando várias revoluções aconteceram, por energia própria, sem a participação comunista, notadamente a de Cuba.²¹¹

Ao tomar posse, em janeiro de 1959, Fidel Castro empreendeu transformações sociais e econômicas, que visavam reduzir a dependência de Cuba em relação aos Estados Unidos, retirando o *status* de “colônia” norte-americana que pesava sobre a ilha. A primeira medida conflitante²¹² foi a lei de Reforma Agrária, promulgada em 17 de maio de 1959, que atingia diretamente as companhias norte-americanas, proprietárias de grandes extensões de terra e que se dedicavam ao cultivo da cana-de-açúcar. Estas medidas também repercutiam na imprensa brasileira, como podemos observar na edição da revista **Manchete** de junho de 1959:

²⁰⁹ VELIE, Lester. Protegendo Krushchev nos Estados Unidos. **Seleções**. Tomo XXXVIII, nº 218, mar. 1960, p. 62

²¹⁰ SMITH, Truman C. História da Espionagem soviética. **Seleções**. Tomo. XXXVIII, nº 224, set. 1960, p. 156.

²¹¹ HOBSBAWM, E. Op. Cit. p. 423.

²¹² As principais medidas tomadas por Fidel Castro foram: a primeira Lei da Reforma Agrária (17 de maio de 1959), a Lei de Nacionalização de vinte e seis empresas norte-americanas (6 de agosto de 1960), a Lei de Nacionalização Geral (13 de outubro de 1960), a Lei da Reforma Urbana (14 de outubro de 1960), Lei de Nacionalização do Ensino (6 de junho de 1961) e a segunda Lei de Reforma Agrária (3 de setembro de 1963). BRANDÃO. I. L. Op. Cit. p. 24

A reforma agrária, decretada por Fidel Castro a 17 de maio [1959], para entrar posteriormente em execução, apanhou de surpresa as companhias norte-americanas, que imediatamente reagiram aos propósitos do líder cubano. Chegaram mesmo a pedir intervenção do governo de Washington, apelando para que fossem defendidos, até militarmente, se necessário, os interesses dos cidadãos ianques, ameaçados pela legislação em causa. [...] A melhor carta com que joga Fidel Castro é ainda, o temor que tem o Governo de Washington de aprofundar o sentimento anti-americano, revelado, ainda recentemente, contra o Vice-Presidente Richard Nixon, na violenta manifestação de Caracas. Se Washington assumisse o ingrato papel de fazer fracassar a revolução fidelista em Cuba, nada ganharia, incorrendo apenas em maiores e mais fundas antipatias e criando, talvez, um campo propício a penetração comunista em Cuba.²¹³

Em junho do ano seguinte, em consequência de um desentendimento com os EUA sobre importação de petróleo soviético, Fidel nacionalizou as companhias norte-americanas Shell, Texaco e Esso. Em represália, os Estados Unidos suspenderam as importações de açúcar²¹⁴, produto de importância vital para Cuba, oportunizando que os russos se comprometessem a adquirir a produção, favorecendo a aproximação destes com os cubanos.²¹⁵ Em abril de 1961, **Seleções** anunciava: “Prediz-se que os Estados Unidos não comprarão açúcar algum de Cuba em 1961 [...] Castro será isolado de sua última grande fonte de moeda estrangeira. Só a ajuda maciça da União Soviética poderá salvá-lo. [...] A popularidade de Castro está diminuindo [...] Grande parte do descontentamento deve-se à constante campanha de Castro para entregar Cuba aos comunistas”.²¹⁶

Em contrapartida, os Estados Unidos começaram a esboçar um bloqueio econômico, interrompendo o fluxo de produtos norte-americanos a Cuba, exceto alguns produtos alimentícios e medicamentos.²¹⁷ Tais medidas punitivas eram advertências do que poderia acontecer com Cuba no caso de comunização de sua revolução. Estas medidas dividiam opiniões da imprensa americana, como o **Chicago Tribune**, que se posicionava a favor das sanções: “os comunistas já controlam Cuba”, enquanto que correspondentes do **New York Times** consideravam que ocorria em Cuba “uma verdadeira revolução social” e

²¹³ A VERDADEIRA Revolução Ainda Está por Começar. **Manchete**. Rio de Janeiro. 27 jun.1959, nº 375. p. 88.

²¹⁴ No dia 6 de agosto de 1960, em resposta ao corte de açúcar cubano, decretado no dia anterior pelos EUA, Fidel Castro desapropriou, sem indenização, e nacionalizou toda a indústria açucareira. Ver. MORAIS. F. Op. Cit. p. 98.

²¹⁵ SAMORAL. M. L. Op. Cit. p. 463.

²¹⁶ REED, David. Voltando a Cuba. **Seleções**. Tomo XXXIX, nº 231, abr. 1961. p. 42.

²¹⁷ SAMORAL. M. L. Op. Cit. p. 463.

a aplicação de tais sanções eram consideradas inoportunas, conforme publicava o **Jornal do Brasil**, em abril de 1960.²¹⁸

O próprio império **Digest** sentiu a mudança dos ventos em Cuba. Como eles mesmos admitiam: “A *Digest* não é sempre bem-vinda no estrangeiro. Sofreu perdas sérias naquelas partes do mundo onde as ideologias prevalecentes e a política editorial da *Digest* dificilmente coincidem”. Foi o que ocorreu em Cuba²¹⁹. Quando Fidel Castro tomou o poder, o **Digest** terminava a construção de uma moderna gráfica em Havana. No ano seguinte, junho de 1960, o governo cubano confiscou a gráfica e todo equipamento, desativando o escritório da revista. A impressão das edições mexicanas, venezuelanas e do Caribe, antes feitas em Havana, passaram a ser produzidas em Miami. O último executivo da revista a deixar Havana foi escoltado até o aeroporto por “dez soldados barbudos”, despido e revistado, “com o propósito de deixar claro que Dr. Castro realmente não gosta da *Digest*”. Para indignação da diretoria da revista, depois da desapropriação, a gráfica passou a produzir propaganda comunista. Porém, acabou sendo desativada pela falta de peças de reposição.²²⁰

Não encontramos relato de tais acontecimentos na revista **Seleções**, embora esta denunciasse que “homens de negócio britânicos e canadenses se agarravam desesperadamente às suas mesas enquanto só as firmas americanas eram confiscadas [...] quando os ‘estrangeiros’ recebiam ordem de arrumar as malas”.²²¹ Ou quando acusavam que: “Imediatamente depois de 1º de janeiro de 1959, Castro ordenou o confisco dos jornais que haviam apoiado Batista [...] “Êsses bens foram tomados pela fôrça e as instalações e equipamentos foram simplesmente entregues aos comunistas”.²²²

No entender da revista, tais atitudes mostravam a tendência totalitária do regime e faziam parte da estratégia de amordaçamento da chamada imprensa livre: “A imprensa e as

²¹⁸ **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 22 abr. 1960, 1º cad. p. 2.

²¹⁹ Logo depois de Castro anunciar o caráter socialista da revolução, os jornais, estações de rádio e de televisão foram abandonados por seus donos, a maioria pertencente a famílias ligadas à indústria açucareira. Muitos pensavam que seria um afastamento temporário, pois acreditavam que os EUA derrubariam o regime cubano. Ver: BRANDÃO. I. L. Op. Cit. p. 76.

²²⁰ WOOD, James Playsted. **Of Lasting Interest** : the story of the Rider's Digest. Garden City, New York : Doubleday & Company, 1967. p. 163-164.

²²¹ FRANKEL, Max. Cuba – um Histórico da Dominação Comunista.[Condensado do “Times” de Nova York]. **Seleções**. Tomo XXXIX, nº 235, ago. 1961, p. 79.

²²² Como o Kremlin Conquistou Cuba: a história secreta de uma grande cilada. **Seleções**. Tomo XLIII, nº 254, mar. 1963, p. 158.

estações de rádio de Cuba foram confiscadas e postas a serviço do Governo, ficando sob o controle de um diretório central de propaganda. Esses veículos de publicidade passaram a exaltar a União Soviética, a China Vermelha e as nações comunistas que Castro anteriormente condenara”.²²³

Um aspecto importante, que merece ser destacado, é que no pós-guerra, mais acentuadamente a partir dos anos 50, a **Digest** passou a colaborar com a CIA. A finalidade era fazer uso dos diversos escritórios da revista espalhados fora dos Estados Unidos. Nas décadas de 60 e 70, alguns desses escritórios na América Latina também foram utilizados como ponto de apoio para o serviço secreto norte-americano. Eduardo Cárdenas²²⁴, que desde 1942 ocupava a função de redator-chefe para a América Latina, era também homem da CIA.²²⁵ Pesquisando os exemplares de **Seleções**, observamos que, a partir de 1945, **Selecciones**, edição da **Digest** em língua espanhola, passou a ser impressa em Havana e quem ocupava o cargo de diretor era o mesmo Eduardo Cárdenas, reconhecidamente, agente da CIA. Talvez aí esteja a ligação e a explicação para a atitude do governo cubano ao fechar os escritórios da revista em Cuba.

The Reader's Digest foi participativa em outros acontecimentos na América Latina. Referindo-se ao Brasil, deu ampla cobertura e divulgação ao golpe militar de 1964, assunto que trataremos no próximo capítulo. Os escritórios da revista também foram atuantes no golpe militar chileno de 1973, que depôs Allende.²²⁶ Portanto, tal revista converteu-se não somente num canal de comunicação de grande valia para o Departamento de Estado, como também para o serviço secreto, a CIA e para empresas norte-americanas que procuravam ampliar mercados no exterior.²²⁷

²²³ FRANKEL, Max. Cuba – um Histórico da Dominação Comunista.[Condensado do “Times” de Nova York]. **Seleções**. Tomo XXXIX, nº 235, ago. 1961, p. 80.

²²⁴ Eduardo Cárdenas, jornalista colombiano, ocupou por 14 anos o cargo de diretor da *Editor's Press Service*, importante agência jornalística de Nova York. Ver: **Seleções**. Tomo I, nº 5, jun. 1942, p. 22.

²²⁵ JUNQUEIRA, Mary Anne. **Ao Sul do Rio Grande imaginando a América Latina em Seleções** : oeste, wilderness e fronteira (1942-1970). Bragança Paulista : EDUSF, 2000, p. 40.

²²⁶ O Partido Comunista Chileno liderou, no ano 1943, um boicote às edições da **Digest** em língua espanhola, em represália a um artigo publicado pela revista, onde veiculava a denúncia de um senador americano, republicano de que o dinheiro que os EUA estavam destinando para América Latina, através do programa “Solidariedade Hemisférica”, estava sendo desperdiçado por malversação. Esta notícia causou grande constrangimento ao governo norte-americano, que se desculpou a toda América do Sul pelo “chocante insulto”. Ver: WOOD, James Playsted. **Of Lasting Interest** : the story of the Rider's Digest. Garden City, New York : Doubleday & Company, 1967, p. 204.

²²⁷ JUNQUEIRA, M. A. Op. Cit. p. 40.

O incontestável poder de influência dos meios de comunicação, conforme palavras da revista, estava sendo utilizado pelos comunistas e denunciados constantemente, como nesta edição de janeiro de 1962, com o sugestivo título “*Veneno em Letras Vermelhas*”. Mostrava a “infatigável campanha do bloco comunista para debilitar, subverter e seduzir o mundo livre com a palavra impressa”. Segundo **Seleções**, Cuba estava sendo utilizada como centro exportador da propaganda impressa, “a mais forte arma ideológica”, inundando a América Latina com livros, revistas e folhetos impressos em Havana e subsidiados pelos soviéticos e chineses. Queixava-se que na literatura antiamericana, distribuída pelos soviéticos, um homem mau era representado pela figura de um capitalista dos Estados Unidos. Além da ameaça militar e econômica do bloco vermelho para infiltrar-se no hemisfério latino, acrescentava-se “o assalto de longo alcance, constantemente ampliado e alarmantemente flexível da palavra impressa”.²²⁸

A revista ora analisada noticiava os acontecimentos em Cuba e apresentava, na sua edição de novembro de 1960, o verdadeiro personagem por trás de todos atos de vilania que aconteciam em Cuba, o mentor intelectual da revolução e que transformara a ilha numa base comunista:

O grande, ruidoso e barbudo Fidel Castro aparece ao mundo como o símbolo da revolução cubana. Ele é o homem que derrubou o ditador Fulgêncio Batista. Por trás de Castro, menos conhecido pelo mundo, está outro homem – baixo, calado, calculador, sinistro. É Ernesto Guevara, de 32 anos, conhecido como “Che”. Presidente do Banco Nacional de Cuba, é o homem que entregou Cuba aos comunistas. Guevara, cérebro e principal braço executor de Castro, é um comunista de quatro costados, leal a Moscou, venenoso nas suas acusações aos Estados Unidos e o mais perigoso inimigo do mundo livre na América Latina. Para o Departamento de Estado Norte-Americano, para a maioria dos governos latino-americanos e para os diplomatas da Europa Ocidental em Cuba, os seus objetivos são claros [...] “pretende fundar um império comunista na América Latina e promover a supressão de todos os laços políticos e econômicos com o Norte.”²²⁹

Conforme o texto, à medida que se deterioravam as relações entre Cuba e os Estados Unidos ocorria uma aproximação maior do regime fidelista com Moscou, e a acusação recaía sobre a influência que “Che”, confessadamente marxista, exercia sobre Fidel: “Guevara orienta os Castro e lhes dá instruções”. Em sua publicação de abril de

²²⁸ WARTHON, Don. *Veneno em Letras Vermelhas*. **Seleções**. Tomo XLI, nº 240, jan. 1962, p. 143.

²²⁹ SONDERN, Frederic Jr. “CHE” GUEVARA – Um Argentino que manda em Cuba. **Seleções**. Tomo XXXVIII, nº 226, nov. 1960, p. 37.

1960, a revista **Manchete** reforçava esta visão: “Enquanto Fidel fala, Guevara pensa. E seus pensamentos pesam muito nas decisões do governo”.²³⁰ **Seleções** denunciava a viagem que Guevara empreendera à Rússia e à China, naquele mesmo ano de 1960, como também sua concordância com Krushchev quando este dizia: “Cuba deveria ser um farol para guiar toda a América Latina”. O plano de comunização da América Latina estaria pormenorizado no livro que “Che” havia escrito e distribuído por todo continente, *Guerra de Guerrilhas*, que “trata-se essencialmente de um manual sobre as técnicas e a administração de uma revolução” sendo muito semelhante ao *Mein Kampf*, que expunha os planos do *Führer* nazista.²³¹

Seleções dava continuidade ao artigo, denunciando que Ernesto “Che” Guevara já estivera na Guatemala, em 1954, aliando-se à Arbénz. Exilado no México, conheceu Fidel Castro e se uniu ao grupo que planejava invadir Cuba. Apesar de só aceitarem revolucionários cubanos, Fidel teria aberto exceção no caso de “Che”, que era argentino. Guevara teria muito claro seus objetivos: “Todos os laços entre a América do Norte e a América Latina terão que ser cortados; deverá ser criada outra cortina de ferro”.²³² O artigo mostrava que não eram infundadas as preocupações dos norte-americanos em relação à “Che” Guevara, pois este declarara que suas ambições revolucionárias não se limitavam a Cuba: “ficará ali até quando entender que Cuba necessita de sua ajuda. Depois, dará outra olhadela pelas Antilhas para ver onde estão precisando de uma revolução”.²³³ Como teórico e praticante da guerra de guerrilha, passou a estimular a insurreição na América Latina e a formação de “dois, três, muitos Vietnãs”.²³⁴

Apesar de Fidel ainda não se ter declarado comunista, os rumos que a Revolução tomava sinalizavam para esta direção. A crescente preocupação dos norte-americanos ficava espelhada na quantidade de artigos que a revista publicava em torno do assunto. Neste artigo, de fevereiro de 1961, fica evidente o temor quanto ao futuro da base naval de Guantánamo e a importância de sua manutenção para os Estados Unidos:

²³⁰ CHE GUEVARA. O D’artagnan do Caribe. **Manchete**. Rio de Janeiro. nº. 418, 23 abr. 1960, p. 33.

²³¹ SONDERN, Frederic Jr. “CHE” GUEVARA – Um Argentino que manda em Cuba **Seleções**. Tomo XXXVIII, nº 226, nov. 1960, p. 41.

²³² Idem. p. 42.

²³³ Idem. p. 41.

²³⁴ HOBBSBAWM, E. Op. Cit. p. 428.

Se, graças à intimidação, blefe ou persuasão, os Estados Unidos abandonarem Guantánamo, os efeitos serão visíveis através das Antilhas e da América Latina. Seria o início do declínio do poderio norte-americano. Imagine-se que os Estados Unidos abandonem Guantánamo e a entreguem a um governo cubano de orientação comunista. As Forças Armadas de Cuba não têm por si mesma capacidade técnica de fazer funcionar com eficiência a Baía de Guantánamo. Se a base se tornasse, com um leve disfarce, uma base soviética, Guantánamo poderia ser uma causa de guerra.²³⁵

De acordo com **Seleções**, os tratados firmados com Cuba em 1903, e renovados em 1934, davam aos Estados Unidos a concessão, completa jurisdição e domínio sobre a base, até renunciarem a esse direito: “apesar de pertencer a Cuba, os norte-americanos têm autonomia sobre Guantánamo”.²³⁶ No entender da revista, a intranquilidade relacionava-se aos discursos “americanóforos” em voga em Havana, liderados por Raúl Castro, reclamando a posse da Baía: “Está dentro das nossas possibilidades recuperar a qualquer momento aquele pedaço do nosso território nacional”. Fidel Castro já havia ameaçado: “se empenharem em arruinar a nossa economia, nós exigiremos a retirada das suas fôrças navais de Guantánamo”. O texto alertava que, estrategicamente, a base era importante por sua localização geográfica valia como “uma sentinela avançada do Canal do Panamá” e como posto de abastecimento da marinha americana nas Antilhas. Mas a importância política e psicológica de Guantánamo superava a importância militar: “A base constitui um símbolo do poder e do prestígio dos Estados Unidos”.²³⁷

Quanto mais se aprofundava a crise entre Cuba e os Estados Unidos mais **Seleções** enfatizava sobre o processo de comunização do novo regime cubano, relacionado-o com o perigo de alastramento do comunismo na América Latina. Cuba cairia como uma luva para os planos soviéticos de ampliar seus domínios e internacionalizar sua revolução. Como se já não bastasse Moscou ter-se apoderado da Revolução Cubana para exportar o comunismo para o continente americano, a China Vermelha, rompida com Moscou, voltava seus olhos

²³⁵ BALDWIN, Hanson W. [Redator militar do *Times* de Nova York]. Nuvens sobre Guantánamo. **Seleções**. Tomo. XXXIX, nº 229, fev. 1961, p. 77.

²³⁶ Pelo artigo 7 da Emenda Platt, Cuba cedia para os Estados Unidos certas partes de seu território para que pudessem estabelecer nelas bases navais e acampamentos militares. Assim, a zona de Guantánamo foi arrendada aos americanos pelo valor de 2000 dólares ao ano para ser utilizada como ponto de apoio naval. SAMORAL, M. L. Op. Cit. p. 416.

²³⁷ BALDWIN, Hanson W. [Redator militar do *Times* de Nova York]. Nuvens sobre Guantánamo. **Seleções**. Tomo. XXXIX, nº 229, fev. 1961, p. 77.

de cobiça para este território. Além da ameaça da *cortina de ferro*²³⁸ em torno do nosso hemisfério, outra tão maléfica, ou pior, tomava vulto, *a cortina de bambu*, representada pelo comunismo chinês de Mao Tse Tung. A revista publicava que o recente reconhecimento formal do governo chinês por parte de Cuba facilitava para que a ilha se tornasse uma valiosa ponta de lança para a penetração do *maoísmo*²³⁹ no Hemisfério Ocidental:

O recente acôrdo quinquenal com Cuba, para aquisição de 500.000 toneladas de açúcar por ano, à base de 80% do pagamento em produtos chineses, antecipa uma campanha em larga escala na América Latina. A publicação oficial *China Reconstrói* tem acentuado que a América Latina possui “ricas matérias primas de que a China necessita para seu rápido desenvolvimento econômico”; especificamente são citados a lã da Argentina e do Uruguai, o cobre e o nitrato do Chile, a fibra de sisal do Brasil e o petróleo da Venezuela [...] Analisando recentemente o caso da América Latina, *China Reconstrói* comentou: “Pelo intercâmbio de produtos mutuamente necessários, podemos reforçar nossa solidariedade na luta comum contra o imperialismo”. Na semântica comunista, “imperialismo” significa Estados Unidos e seus aliados.²⁴⁰

Muitos passaram a ver a China comunista com um potencial de subversão mais ameaçador do que a União Soviética.²⁴¹ Discordando frontalmente com a linha diplomática adotada por Krushev, o chamado “revisionismo”, Mao Tse Tung e os líderes do PC chinês surgiam como os verdadeiros revolucionários, dispostos a apoiar os movimentos populares do Terceiro Mundo²⁴². **Seleções** acusava a China Vermelha de estar assediando a América Latina por diversas frentes: através da penetração econômica, como mostra o excerto anterior; da penetração cultural, propondo intercâmbio a pessoas não comunistas e com influência na formação de opinião pública: jornalistas, políticos, estudantes,

²³⁸ Segundo este artigo, um humorista russo teria criado o termo “cortina de nylon” para nomear os Estados Unidos, como revidé à expressão “cortina de ferro” atribuída à Rússia e seus satélites.

²³⁹ Os chineses tentaram libertar-se do modelo comunista soviético baseado no proletariado, nas cidades e na indústria, e criar um socialismo adequado às características chinesas. Ao contrário dos soviéticos, a sua revolução priorizava os camponeses, o campo e agricultura. Partindo da base do campesinato, o comunismo chinês mostrava uma identificação maior com a sociedade prioritariamente agrária da América Latina. Mas, os revolucionários chineses não eram vistos como autênticos comunistas pelos soviéticos, porque lhes faltavam as bases sociais no proletariado. Ver: REIS FILHO, Daniel Aarão. **Aventura Socialista no Século XX**. São Paulo : Atual, 1999, p. 66-67.

²⁴⁰ STOWE, Leland. A China Comunista quer ser Potência Mundial. **Seleções**. Tomo. XXXIX, nº 229, fev. 1961, p. 29.

²⁴¹ GORDON, Lincoln. **A Segunda Chance do Brasil** : a caminho do Primeiro Mundo. São Paulo : Editora SENAC São Paulo, 2002, p. 89.

²⁴² BARROS, Edgard Luiz de. **A Guerra Fria**. São Paulo : Atual, 1992, p. 74.

professores, artistas, músicos e homens de negócios, não esquecendo as mulheres: “os comunistas chineses reconheceram que as mulheres têm enorme influência nas regiões subdesenvolvidas”; através da propaganda, distribuindo revistas a preços irrisórios, fartamente ilustradas e publicadas no idioma espanhol, além de programas radiofônicos destinados à América Latina; através da penetração política, “auxiliando todas as guerras de libertação nacional em qualquer país colonial”.²⁴³

Em outro artigo, os chineses eram acusados de afastarem os russos e tomarem a vanguarda da subversão da América Latina, assim como haviam feito em Cuba. “Che” Guevara, “principal assistente e mentor de Castro”, havia estado na China e proclamado o objetivo comum de fomentar a rebelião armada no hemisfério: “Tudo isso faz parte de um plano fundamental que, os chineses apregoam, irá conquistar a América Latina para o comunismo como conquistou a China. [...] Os chineses vêm na América Latina semelhanças flagrantes com a China que conquistaram”.²⁴⁴

A partir do imaginário anticomunista já constituído, a adesão da China, e mais tarde de Cuba, ao comunismo reforçou a idéia de uma grande conspiração internacional, cujo objetivo era submeter o mundo ao comunismo. O centro propagador do mal, Moscou, conseguia, assim, novos aliados para consumir seus planos de dominação total.²⁴⁵

O processo de socialização da Revolução Cubana iniciou-se, formalmente, no decorrer de 1960, quando o Partido Comunista assumiu papel central na política cubana e suas posições passaram a prevalecer junto ao governo revolucionário. Ao mesmo tempo em que Castro estreitava as relações comerciais com o bloco soviético afastava-se da influência e dependência dos Estados Unidos.²⁴⁶ Deste modo, 1960 pode ser considerado o ano em que se prepara e se efetiva a “virada”, o ano no qual a *revolução cubana* se inicia, de fato e de modo irreversível²⁴⁷, consolidando-se no ano seguinte.

Em janeiro de 1961, John Fitzgerald Kennedy assumiu a presidência dos Estados Unidos. No ano anterior, ainda no mandato de Eisenhower, este aprovara o treinamento de refugiados cubanos pela CIA, na eventualidade de uma ação contra Cuba. Pressionado pelo

²⁴³ STOWE, Leland. A China Comunista quer ser Potência Mundial. **Seleções**. Tomo, XXXIX, nº 229, fev. 1961, p. 29.

²⁴⁴ VELIE, Lester. A China Ameaça a América Latina. **Seleções**. Tomo XXXIX, nº 232, maio 1961, p. 155.

²⁴⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o "perigo" : o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 56.

²⁴⁶ THOMAS, H. **História do Século 20**. Op. Cit. p. 2612.

²⁴⁷ FERNANDES, F. Op. Cit. p. 95.

temor que a influência de Fidel Castro se alastrasse por outros países da América, Kennedy autorizou, em 17 de abril de 1961, a desastrada invasão da Baía dos Porcos por um grupo de mercenários e exilados cubanos.²⁴⁸ Logo após o episódio, na sua primeira fala de importância na Baía dos Porcos, Fidel aproveitou o ensejo para proclamar formalmente ao mundo que Cuba passava a se considerar um país socialista e que também não haveria mais eleições.²⁴⁹ Em junho de 1961, os Estados Unidos romperam relações diplomáticas com Cuba. No ano seguinte, Cuba foi expulsa da Organização dos Estados Americanos (OEA), sob acusação de professar o credo marxista.²⁵⁰ O **Jornal do Brasil**, na década posterior, acrescentaria mais um argumento para a expulsão: “Na verdade, Washington não tinha objetivo específico a expulsão de Cuba da OEA, mas desejava que fossem afastados do JID – Junta Interamericana de Defesa, onde teriam acesso à moderna tecnologia militar norte-americana e poderiam passá-la facilmente aos soviéticos”.²⁵¹

Fidel Castro obteve, com o fracasso da invasão americana, um grande triunfo e o fortalecimento da sua revolução, pois embora a população pudesse ressentir-se do crescente caráter autoritário do regime uniu-se em torno da causa revolucionária: “[...] a invasão da Baía dos Porcos, em 1961, foi uma dádiva dos deuses para que Fidel consolidasse seu poder”.²⁵² E os Estados Unidos acabaram admitindo uma Cuba comunista em sua soleira, que, isolada pelo bloqueio que lhe impuseram, cada vez mais dependia de Moscou.²⁵³

A concretização da suspeita

A revista **Seleções**, que até então vinha noticiando os fatos que aconteciam em Cuba dentro de uma perspectiva de “suposição” de que o regime cubano estaria se encaminhando para o comunismo, deparou-se com a concretização da suspeita, confirmada pelo pronunciamento de Castro após a invasão de Cuba e reforçada, segundo a revista, em

²⁴⁸ BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973, p. 404-408.

²⁴⁹ THOMAS. H. Op. Cit. p. 2612.

²⁵⁰ Em janeiro de 1962, durante a reunião da OEA, realizada em Punta Del Este, Cuba foi excluída da Organização, conforme argumento dos EUA, em razão de sua adesão ao marxismo-leninista, doutrina incompatível com o sistema interamericano. A proposta obteve apenas a maioria necessária de dois terços dos votos, sendo quatorze deles obtidos através de barganhas econômicas. Argentina, Brasil, Bolívia, Chile e Equador se abstiveram. Ver. SAMORAL, M. L. Op. Cit. p. 464.

²⁵¹ CUBA: o perdão sem volta. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 03 nov. 1974, p. 3.

²⁵² SKIDMORE, Thomas. In: BANDEIRA, Moniz. **De Martí a Fidel: a Revolução Cubana e a América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 2.

²⁵³ HOBBSBAWN, E. Op.Cit. p. 427.

discurso televisivo proferido por Fidel, no final de 1961: “Fidel Castro concluiu que havia chegado o momento de acabar com a mascarada e aparecer diante de Cuba e do mundo com a sua verdadeira cor: o vermelho [...] êle afirmou orgulhosamente: Sou marxista-leninista e serei marxista-leninista até o último dia da minha vida”.²⁵⁴ Em edição anterior, em agosto de 1961, comentava os acontecimentos e as expectativas frustradas:

A convicção de que cubano era sinônimo de anticomunista e de que o povo cubano estava apenas à espera do momento oportuno para levantar-se em fúria, tinham-na também aparentemente os exilados cubanos, que organizaram uma invasão, ridiculamente reduzida, contra as pesadas forças armadas do Primeiro Ministro Fidel Castro. Deve ter sido esta convicção das autoridades dos Estados Unidos que concordaram com os planos de invasão e os assessoraram. [...] a marcha triunfante para Havana em janeiro de 1959 e das multidões que o aclamavam, constituídas não apenas de camponeses e operários, mas também de proprietários da classe média e até de alguns milionários. Afirmou (Castro) que se rira intimamente desses “pseudo-revolucionários” porque eles não sabiam o destino que os esperava [...] Quando Castro revelou a sua hipocrisia em dezembro do ano passado, Cuba estava nas garras do serviço secreto do seu exército, o qual tinha direitos absolutos de busca e apreensão indiscriminadas. O Partido Popular Socialista ou Comunista, cuja disciplina da organização foi posta a serviço do governo de Castro [...] o próprio Movimento 26 de Julho de Fidel Castro foi deixado à morte, dêle só ficando o nome.²⁵⁵

No desenrolar da campanha anticomunista, coube à grande imprensa um papel relevante. A imprensa foi participativa, influenciando, pressionando e, muitas vezes, reclamando mesmo uma presença mais efetiva do Estado para alterar o rumo dos acontecimentos.²⁵⁶ A revista **Seleções** não agiu de forma diversa. No artigo escrito em maio de 1962, deixava transparecer a desconfiança na capacidade do “jovem presidente” Kennedy na condução da Guerra Fria, reforçada pela famigerada invasão da Baía dos Porcos. Em tom de reprimenda, a revista critica sua atuação e pede mais amadurecimento, arrojo e determinação em suas ações na presidência de tão importante nação:

Houve, primeiro, a arrogância do homem nôvo no cargo. Em seguida, depois da desastrosa invasão de Cuba apoiada pelos Estados Unidos, a qual poderia ter arruinado alguns

²⁵⁴ COMO o Kremlin Conquistou Cuba: a história secreta de uma grande cilada. **Seleções**. Tomo XLIII, nº 254, mar. 1963, p. 158.

²⁵⁵ FRANKEL, Max. Cuba – um Histórico da Dominação Comunista.[Condensado do “Times” de Nova York]. **Seleções**. Tomo XXXIX, nº 235, ago. 1961, p. 79.

²⁵⁶ MOTTA. R. P. T. Op. Cit. p. 211.

presidentes²⁵⁷, houve a desilusão. Foi uma tragédia [...] a derrota foi um abalo violento, e o presidente o demonstrou. Nas semanas seguintes pareceu inseguro e disposto a tentar quase tudo para reconstituir a situação anterior a Cuba. [...] a grande prova com que se depara o mais jovem Presidente [...] é enfrentar e combater as forças de pilhagem do comunismo em todas as frentes, em todos os pontos do mundo.²⁵⁸

Naquele conturbado início de década, esta revista noticiava os fatos em evidência e relacionados aos embates da Guerra Fria. Despontavam as primeiras observações sobre a Guerra do Vietnã: “A guerra que já dura dois anos no Vietname está custando, segundo se avalia, 1.000 vidas por mês. Ameaça sujeitar todo Sueste da Ásia ao domínio comunista e poderá colocar os Estados Unidos em choque direto com os vermelhos chineses[...] É um gênero especial de guerra [...] ‘guerrilha’. A tarefa é árdua; as perspectivas não são nada risonhas”.²⁵⁹ A preocupação com a corrida espacial: “Cresce a convicção de que os Estados Unidos não só atingirão sua meta de enviar homens à Lua, mas que o farão antes da União Soviética”.²⁶⁰ Reforçava outro artigo: “O prestígio decorrente de sermos pioneiros nessa viagem será incalculável. Não importa o custo, *temos* que chegar à Lua antes dos russos!”²⁶¹ A crise em torno do Muro de Berlim, erguido para dividir a cidade, e que colheu os americanos de surpresa, era noticiada pela revista como mais uma prova da “perversidade dos vermelhos”: “Desde que foi levantado o Muro de Berlim, em agosto de 1961, pequenos grupos de habitantes da Alemanha Oriental, desesperadamente decididos, vêm tentando todos os meios de fuga”.²⁶²

Preocupados com sua imagem, em muitas oportunidades artigos eram publicados em **Seleções** “justificando” atitudes dos norte-americanos, vistos como imperialistas, materialistas, etc. Neste texto de março de 1963, um escritor francês, André Maurois, membro da Academia Francesa de Letras, vinha em auxílio dos EUA, e mesmo reconhecendo um certo “complexo de superioridade” dos americanos: “A questão é que os americanos pensam que tudo o que deu certo no país deles, dará fatalmente certo na

²⁵⁷ Segundo o artigo, Richard Nixon, que disputou a presidência dos EUA com Kennedy, teria comentado: “Se eu chegasse a ser responsável pela omissão de uma importante decisão sobre o caso cubano, capaz de assegurar a vitória, teria sofrido um processo de *impeachment*”.

²⁵⁸ O TESTE de um Presidente. [Condensado de “Time”]. **Seleções**. Tomo XLI, nº 244, maio, 1962, p. 118.

²⁵⁹ GUERRILHAS Contra Guerrilhas no Vietname. [Condensado de “Newsweek”]. **Seleções**. Tomo XLII, nº 247, ago. 1962, p. 141.

²⁶⁰ DIAMOND, Edwin. Quem Irá Primeiro à Lua. **Seleções**. Tomo XLII, nº 247, ago. 1962, p. 37.

²⁶¹ DRAKE, Francis Vivian. [Redator Militar do Reader’s Digest]. A Ameaça que Vem do Espaço Interior. **Seleções**. Tomo XLIII, nº 251, out. 1963, p. 56.

²⁶² BERNIE, William. Vinte Metros Para a Liberdade. **Seleções**. Tomo XLIII, nº 252, jan. 1963, p. 21.

Europa, Ásia ou África”, e rebatia críticas, como aquelas dirigidas ao Plano Marshall, escrevendo: “A verdade é que o Plano Marshall foi generoso, eficiente e desinteressado”. E concluía: “Os americanos, longe de serem materialistas, são idealistas incorrigíveis, os Dom Quixotes de nosso tempo”.²⁶³

Mais adiante, em junho de 1965, a revista reproduzia a opinião de um diplomata mexicano: “Os norte-americanos são tão generosos que por isso são mal interpretados e muitas vezes encarados com desconfiança pelo resto do mundo”.²⁶⁴ Outro artigo, ainda de 1965, reforçava a preocupação dos americanos com a opinião pública mundial, em razão de sua posição de liderança no Ocidente: “A essência da liderança é saber quando se deve desprezar a opinião, quando se deve ouvi-la, quando se deve conduzi-la. [...] Em consequência, grande parte do tempo do Govêrno Americano é gasto em sondar, responder e tentar influenciar a opinião mundial. [...] Os americanos ainda têm muito que aprender sôbre os meios de manejar essa fôrça nebulosa.”²⁶⁵

O segundo semestre de 1962 presenciou uma das maiores crises da década, a “Crise dos Mísseis”.²⁶⁶ Com a intenção de proteger Cuba de uma nova invasão dos EUA, ou como demonstração de seu poderio nuclear, a URSS instalou mísseis balísticos de alcance médio na ilha, apontados para alvos norte-americanos.²⁶⁷ Este acontecimento colocaria o mundo na iminência da Terceira Guerra Mundial, com a agravante da disponibilidade de armas nucleares de ambos os lados. **Seleções** também ponderava: “Pela primeira vez na História uma grande potência nuclear se preparava para fazer um desafio direto à outra”.²⁶⁸ A revista concedeu grande destaque a mais este ato da “perfídia” soviética: “Gromyko mentiu como verdadeiro comunista: A Rússia ‘nunca se envolveria na criação de qualquer

²⁶³ MAUROIS, André. Como os europeus vêem os Estados Unidos. **Seleções**. Tomo XLIII, nº 254, mar. 1963, p. 105.

²⁶⁴ O LADO Bom dos Estados Unidos. [Condensado de “U.S. News & World Report”]. **Seleções**. Tomo XLVII, nº 281, jun. 1965, p. 167.

²⁶⁵ OS ESTADOS UNIDOS e a Opinião Mundial. [Condensado de “Time”]. **Seleções**. Tomo XLVIII, nº 286, nov. 1965, p. 123.

²⁶⁶ Para sobrevivência de sua revolução, Fidel Castro buscou a “proteção” soviética. Para os russos, era a oportunidade de “penetrar no coração da América”. De junho a agosto de 1962, Nikita Krushchev enviou secretamente a Cuba 44,5 mil soldados, combustível e equipamento para construção de uma base de lançamentos de mísseis. Ver: Revista **Aventuras na História**. nº 10. São Paulo : Ed. Abril, 2004, p. 24-31.

²⁶⁷ THOMAS, H. Op. Cit. p. 2612.

²⁶⁸ DANIEL, James; HUBBELL, John G. Enquanto a América dormia. **Seleções**. Tomo XLIII, nº 255 abril, 1963, p. 160.

capacidade militar ofensiva em Cuba”²⁶⁹. Publicações ilustraram o acontecimento, respectivamente, nos meses de fevereiro, março e abril de 1963, com os sugestivos títulos: “*Anatomia de uma Decisão Sobre Cuba*”; “*Como o Kremlin Conquistou Cuba*”; “*Nem a Morte Nem o Comunismo*”; “*Enquanto a América Dormia*”.

O primeiro artigo pondera as implicações de uma invasão à Cuba, provavelmente rebatendo pressões internas, ligadas a determinados grupos, que não haviam “digerido” a derrota anterior (Baía dos Porcos): “A invasão direta de Cuba foi posta de lado... temporariamente. Assim também o foi um bombardeio de surpresa às posições de mísseis. Ambos métodos poderiam levar Krushchev a reagir instintivamente e lançar o mundo numa guerra termonuclear”. De acordo com o impresso, em outubro de 1962, após longas conversações entre Kennedy, o Secretário de Defesa, Robert McNamara, o Secretário de Estado, Dean Rusk, o Diretor da Agência Central de Informação, John McCone e outras importantes autoridades civis e militares, foi posta de lado a alternativa de invasão e determinado um bloqueio²⁷⁰ naval em torno da ilha. Esta decisão foi anunciada pelo presidente Kennedy à nação: “Os EUA inteiros parecem que ficaram observando Kennedy na TV [...] a tensão cresceu até se tornar insuportável nas horas seguintes. Que aconteceria? Krushev apertaria o botão termonuclear?” Conforme o texto, os russos, intimidados, recuaram²⁷¹, mas não sem antes Krushev deixar claro “que a Rússia continuaria a auxiliar Cuba, o que talvez, indique que ainda alimenta esperança de utilizar a ilha como base para penetração comunista na América Latina”.²⁷²

Devido a importância do episódio da “Crise dos Mísseis”, conforme palavras dos editores, a **Reader’s Digest** designou uma “força-tarefa”, composta por um grupo de seus redatores, para levar a cabo “um estudo profundo das etapas da conquista soviética da Cuba de Castro, entre os anos de 1959-1962”. Tal empenho resultou em um livro, que,

²⁶⁹ Idem. p.186.

²⁷⁰ O embargo comercial norte-americano contra Cuba intensificou-se em outubro de 1962, com o bloqueio marítimo decretado por Kennedy, em represália à instalação dos mísseis russos na Ilha. Os navios que chegavam aos portos cubanos eram automaticamente excluídos do comércio com os EUA, como também era retirada a ajuda econômica aos países que insistissem em comercializar com Cuba. O bloqueio só foi revogado em julho de 1975, após deliberação dos países membros da OEA. Ver. SAMORAL.M. L. Op. Cit. p.463-465.

²⁷¹ O recuo soviético aconteceu com a ameaça de guerra, em troca da retirada de mísseis americanos na Turquia e o comprometimento americano de respeitar a soberania da Ilha. Ver: HOBBSAWN. E. Op. Cit. p. 227. **Seleções** classificava a negociação como “cínica barganha” dos russos.

²⁷² ANATOMIA da Decisão Sobre Cuba. [Condensado de “Time”]. **Seleções**. Tomo XLIII, nº 253, fev. 1963, p.123.

condensado pela revista e apresentado na edição de março de 1963, afirmava em destaque: “E é assim que acontecerá em outras partes se não abirmos os olhos para os ardis e as realidades da conspiração comunista”.²⁷³

Para a revista, este grave incidente era a comprovação do processo de “sovietização” de Cuba, iniciado logo após a tomada do poder por Fidel Castro. Era a prova que faltava: “Pela primeira vez havia prova positiva de que Cuba era um Estado soviético, uma arma apontada para o coração da América”²⁷⁴. Em outro artigo, ainda sobre o episódio, comentava: “Era a êsse risco que os Estados Unidos estavam expostos nesse momento. Resistir implicava num risco de guerra [...] Não resistir equivaleria a rendição [...] A guerra fria teria terminado. A Rússia teria vencido”.²⁷⁵

A relevância dada ao desempenho de Kennedy durante a crise prendia-se às críticas que lhe foram endereçadas pelo fiasco da invasão da Baía dos Porcos: “Êsse insucesso do princípio da administração Kennedy [...] que fêz o Govêrno Americano deixar de levar até o fim a derrubada de Castro que havia secretamente planejado. [...] alguns dos mais firmes aliados dos EUA ficaram (extra-oficialmente) mais alarmados com sua demonstração de falta de ânimo”.²⁷⁶ No entender do articulista, o fracasso da missão militar era debitado à inexperiência e indecisão do jovem presidente: “A história do triste fracasso da invasão é demasiado conhecido [...] o dúbio papel dos EUA na operação. [...] O imperialismo ianque sofreu outra estrondosa derrota... O mito da invencibilidade ianque foi destruído por Fidel Castro!”²⁷⁷ Portanto, o sucesso da operação, com o recuo soviético, redimia e elevava o conceito do Presidente e o moral da nação.

A também chamada “Crise de Outubro” repercutiu e mereceu destaque na grande imprensa. Aqui, no Brasil, a revista **Manchete**, em sua edição de outubro de 1963, dava notoriedade ao fato e tecia suas considerações:

²⁷³ COMO o Kremlin Conquistou Cuba: a história secreta de uma grande cilada. **Seleções**. Tomo XLIII, nº 254, mar. 1963, p. 158.

²⁷⁴ Idem. p.159.

²⁷⁵ DANIEL, James ; HUBBELL, John G. *Enquanto a América dormia*. **Seleções**. Tomo XLIII, nº 255, abr. 1963, p. 160.

²⁷⁶ OS ESTADOS UNIDOS e a Opinião Mundial. [Condensado de “Time”]. **Seleções**. Tomo XLVIII, nº 286, nov. 1965, p. 127.

²⁷⁷ COMO o Kremlin Conquistou Cuba: a história secreta de uma grande cilada. **Seleções**. Tomo XLIII, nº 254, mar. 1963, p. 184.

Uma notícia divulgada em Moscou teve o efeito de uma brutal revelação para os Estados Unidos. Segundo essa notícia, Cuba a Ilha de Fidel Castro, a apenas 150 Km da Costa dos EUA, está rapidamente se transformando numa verdadeira base militar soviética. A proximidade contribui para produzir um arrepio na sensibilidade norte-americana. Na verdade, sabem os técnicos que, com sua vastidão territorial os EUA poderão ser atingidos se falharem ou forem superados os numerosos dispositivos de defesa, instalados para deter os foguetes e aviões - foguetes inimigos. Os dois blocos adversos, EUA e URSS, fazem esforços cada vez mais intensos, no sentido de conquistar a supremacia absoluta.²⁷⁸

Com Fidel Castro rezando pela cartilha socialista a Guerra Fria ganhava contornos dramáticos. A adesão formal de Cuba ao Bloco Socialista e a sua proximidade geográfica com a costa estadunidense deixava os norte-americanos vulneráveis a um ataque soviético que partisse da Ilha. Sem contar com o desejo expresso por Che Guevara de propagar sua revolução através do continente americano. Estes acontecimentos exerceram forte influência sobre o imaginário anticomunista já existente e levou a revista **Seleções** a intensificar sua campanha de denúncia contra Fidel e seus asseclas: “Temos que agir pronta e decisivamente para eliminar [...] o sinistro risco de que a subversão comunista seja assestada contra nós, partindo da infortunada Ilha de Cuba. O govêrno satélite soviético de Fidel Castro em Cuba deve ser derrubado e substituído por um govêrno democrático e que na verdade represente o seu povo”.²⁷⁹

Não podemos esquecer que estava em curso a “revolucionária década de sessenta”. Revolucionária em todos os sentidos: no campo político, econômico, social e, acentuadamente, cultural, influenciando em mudanças de costumes e comportamentos de uma forma irreversível. John Steinbeck, escritor americano, ganhador do prêmio Pulitzer e do Nobel de Literatura, procurava e apontava “causas” para o que ele chamava de “período confuso da mudança”. **Seleções** transcrevia suas considerações na edição de janeiro de 1967:

[...] a agitação racial, a alucinada colcha de retalhos emocional que arrasta o nosso povo para os psiquiatras, a rebeldia dos nossos filhos e jovens contra a política nuclear, contra a freqüência aos estudos e contra a aceitação das suas

²⁷⁸ CUBA a Ilha Explosiva. **Manchete**. Rio de Janeiro. nº 544. 22 out. 1963, p. 101.

²⁷⁹ FACIO, Gonzalo J. Fidel Castro Deve Sair. [Embaixador de Costa Rica nos EUA e Pres. do Conselho da OEA]. **Seleções**. Tomo XLV, nº 267, abr. 1964, p. 85.

responsabilidades, a corrida para as drogas, tanto estimulantes como hipnóticas, o advento dos cultos estreitos, horrendos e vingativos de tôdas as espécies, a desconfiança e a revolta diante de tôda a autoridade – penso que tôdas essas coisas são manifestações de uma mesma causa: **as regras desapareceram.**²⁸⁰

A moral, as idéias e os conceitos, eram questionados e as certezas destruídas. Era preciso reconstruir o político e o social, criar algo revolucionário. Era a esperança de uma sociedade mais livre. A perplexidade que causava estas transformações ficava espelhada nos artigos redigidos pela revista: “[...] há uma sociedade em transição, uma sociedade que perdeu as suas convicções sobre problemas cruciais, tais como a castidade pré-matrimonial e o celibato dos sacerdotes; uma sociedade que não consegue chegar a um acôrdo sôbre padrões de conduta”.²⁸¹ Críticas eram dirigidas aos jovens norte-americanos “engajados”: “A Juventude americana faz manifestações diante da Casa Branca para demonstrar solidariedade com o negro americano e com o camponês vietnamita. Fêz passeatas de apoio a Fidel Castro e tem dado alguns dos melhores anos de sua vida aos povos da África e da América Latina”.²⁸²

Fidel Castro e sua Revolução representavam a possibilidade concreta de mudanças. Os jovens integrantes de movimento cubano eram um exemplo para uma “esquerda revolucionária”, para uma certa intelectualidade militante e também encantava uma romântica, desprendida e heróica liderança estudantil em toda parte e, principalmente, na América Latina. Nesta galeria de “heróis símbolos”, além de Fidel e Guevara, cabia espaço para outros, como Trotski ou Mao Tsé-tung.²⁸³

Diante desta realidade, era mister desmistificar estes ídolos. **Seleções** dava sua contribuição, publicando depoimentos de jovens ativistas comunistas “arrepentidos”, que mostravam como foram “ludibriados” por sua própria inexperiência e ingenuidade: “Ninguém pode exagerar a influência da Cuba Vermelha sôbre espíritos imaturos e arrebatados. Fidel Castro e Che Guevara eram para nós o que Lenine e Trotsky foram para outros em suas épocas. Eles eram a ação, o colorido, a nossa própria classe no poder – e no

²⁸⁰ STEINBECK, John. Que Está acontecendo com os Estados Unidos? **Seleções**. Tomo LI, nº 300, jan. 1967, p. 125.

²⁸¹ PARA ONDE Vai a Sociedade “Vale-Tudo”? [Condensado de “Newsweek”]. **Seleções**. Tomo LIIII, nº 316, maio. 1968, p. 123.

²⁸² BAKER, Russell. O Eterno Injustiçado. **Seleções**. Tomo LVI, nº 334, nov. 1969, p. 96.

²⁸³ HOBSBAWN, E. Op. Cit. p. 427-428.

caso de Fidel Castro, apenas a 150 quilômetros dos poderosos ianques. Era Davi desafiando Golias”.²⁸⁴

Na sua linguagem convencional, **Seleções** dava continuidade às representações negativas, já cristalizadas ao longo do tempo, sobre o “mal” comunista e o sofrimento que impingiam aos povos “conquistados”. Como órgão de imprensa e no seu papel de disseminadora do discurso anticomunista norte-americano, a revista cumpria seu dever de alertar sobre os perigos a que estavam expostos os “incautos” admiradores de movimentos revolucionários de tendência esquerdista, como o de Fidel Castro. Pretendia, com seus relatos, mostrar a verdadeira face do inimigo, na tentativa de conter a disseminação da ideologia comunista.

O modelo comunista cubano

Com o objetivo de desconstruir possíveis ilusões a respeito de êxitos obtidos por Fidel e sua Revolução, esta revista relatava em seus artigos as contradições e desacertos do governo cubano, as “perversidades” às quais submetiam a população e o desrespeito aos valores básicos da sociedade, como liberdade, propriedade, religião e família. Uma das representações utilizadas para “malignizar” os comunistas era mostrá-los como desagregadores da família, o que poderá ser observado neste trecho, onde encontra-se reproduzido o diálogo entre um dissidente do regime cubano e sua filha:

- Papai – perguntou ela – quem foi que disse: “Dêem-me as crianças e garanto que o comunismo durará para sempre”.²⁸⁵
- Santamarina sobressaltou-se. Não conhecia a citação, mas sua implicação o fez pensar, horrorizado, em seus netos.
- Não sei – admitiu – mas por que pergunta?

²⁸⁴ LUCE, Phillip Abbott. Por que Abandonei o Comunismo. **Seleções**. Tomo LI, nº 303, abr. 1967, p. 68.

²⁸⁵ Em nota de rodapé, os autores do artigo explicavam que Lênin dissera: “Dêem-me as crianças por quatro anos, e as sementes que semeei não mais serão arrancadas”. A interpretação dada à citação de Lênin seria de que, separadas da família e sob os cuidados do Estado comunista, as crianças seriam controladas e doutrinadas dentro dos preceitos da doutrina comunista, com o intuito de perpetuar e disseminar a ideologia marxista.

- Porque as palavras são verdadeiras – disse ela. Papai, vou pegar as crianças e deixar Cuba. Suas vidas, seu futuro, talvez suas almas imortais, estão em perigo.²⁸⁶

Os articulistas afirmavam que um verdadeiro “êxodo” ocorrera em Cuba, em virtude de uma informação clandestina de que uma nova lei estaria prestes a ser aprovada: “Pátria Potestad” (Custódia Estatal). Esta lei determinava que crianças entre três e dez anos deveriam ser colocadas em *Círculos Infantis*²⁸⁷, ou internatos revolucionários, e teriam a permissão de ver os pais apenas duas vezes por mês. Depois dos dez anos seriam levadas para localidades distantes, onde não lhes seria mais permitido vê-los. No caso de entrar em vigor tal lei, nenhum menor poderia deixar Cuba sem licença do Estado.²⁸⁸ Para Fidel Castro e Che Guevara estas acusações eram falsas e fariam parte do arsenal de propaganda anti-castrista, mencionava a revista.

Para os anticomunistas isto significava que, semelhante aos comunistas soviéticos, o novo regime cubano queria destruir a família, “pilar da sociedade que constituía a base da instituição religiosa e da própria sociedade”.²⁸⁹ Ao instalar creches e liberar a mulher para o trabalho externo, os comunistas tiravam das mulheres sua função primária de educar e proteger sua prole, delegando-a ao Estado, que se encarregaria de sua educação e “doutrinação”. Portanto, as crianças seriam as maiores vítimas do comunismo. Arrebatadas do convívio familiar e entregues aos cuidados do Estado comunista, restava-lhes um destino terrível. Se os comunistas eram capazes de tamanhas “atrocidades” com inocentes crianças, quem hesitaria em classificá-los como perversos?²⁹⁰

Liberadas dos cuidados aos filhos, outras tarefas mais importantes estariam destinadas às mulheres cubanas, conforme frisavam os autores do artigo. Che Guevara, em seu manual, *Táticas de Guerrilhas*, escrevera: “As mulheres podem representar um papel extraordinariamente importante no processo revolucionário”. De acordo com a revista, os

²⁸⁶ COMO O KREMLIN Conquistou Cuba: a história secreta de uma grande cilada. **Seleções**. Tomo XLIII, nº 254, mar. 1963, p.185.

²⁸⁷ Segundo Fernando Moraes, os *Círculos Infantis*, dirigidos pela Federação das Mulheres Cubanas, tinham como objetivo liberar a mão-de-obra feminina. Com esta finalidade, o governo cubano criara creches gratuitas para crianças a partir dos 45 dias de vida até os seis anos de idade, com direito a acompanhamento pedagógico e médico. Havia a opção de creches para a criança passar a semana inteira, em regime de semi-internato. A única exigência era que a mãe trabalhasse. Ver: MORAIS, F. Op. Cit. p. 82.

²⁸⁸ COMO O KREMLIN Conquistou Cuba: a história secreta de uma grande cilada. **Seleções**. Tomo XLIII, nº 254, mar. 1963, p.186.

²⁸⁹ MOTTA, R. P. S. Op. Cit. p.62.

²⁹⁰ MOTTA, R. P. S. Op. Cit. p. 72-73.

depoimentos colhidos em Cuba indicavam o contrário. No ano de 1961, proclamado por Fidel como o “Ano da Educação”, poderia ter-se chamado o “Ano da Maternidade”. Muitos professores teriam aderido ao trabalho voluntário de alfabetização, entre estes, muitas mulheres. Em meio à “imoralidade e promiscuidade” dos acampamentos destinados para este fim: “Qualquer rapaz e môça que quisessem passar a noite juntos, podiam fazê-lo, e com a aprovação do comandante do acampamento”, muitas moças engravidaram. Se fossem menores de 15 anos, procediam ao aborto. Acima desta idade, poderiam optar entre o aborto ou o bebê.²⁹¹ Este “relaxamento moral” fazia parte do feixe de representações criadas para “desqualificar” os comunistas, como uma suposta e inverossímil “socialização das mulheres”. Para os anticomunistas, a tão decantada “libertação feminina” não passaria de mais uma astuta mentira comunista.²⁹²

Outro “atentado” estaria sendo planejado pelos comunistas cubanos, tendo como alvo a Igreja Católica. O objetivo era “enfraquecer a Igreja e degradar sua imagem”, denunciava a revista. Para este fim, circulava em Cuba um panfleto, impresso em Pequim, intitulado “A Igreja Católica em Cuba”, que continha o “programa das táticas que usamos com sucesso na República Popular da China para libertar os chineses da influência dos imperialistas de Roma”. Mas a reação popular viera em seguida, através do “Movimento da Juventude Católica”, e deixara clara a posição dos católicos cubanos diante da revolução: “Justiça Social, Sim! Comunismo, Não! [...] Cuba Sim! Rússia, Não! Foi o primeiro grito popular contra o comunismo em Cuba.” Em represália, Castro declarara guerra aberta à Igreja, perseguindo devotos, profanando templos e conventos, prendendo bispos e padres, ou deportando-os. Segundo **Seleções**, a Igreja em Cuba ficara “Semelhante aos primeiros dias das perseguições romanas, a igreja de Cristo encontra-se nas catacumbas”.²⁹³

Mas o problema maior não era conviver com uma Cuba comunista em solo da América. O temor era de que Castro transformasse a ilha numa base revolucionária, centro propagador do comunismo pelo continente americano, como advertia **Seleções** na continuidade do artigo:

²⁹¹ COMO O KREMLIN Conquistou Cuba: a história secreta de uma grande cilada **Seleções**. Tomo XLIII, nº 254, mar. 1963, p.187-188.

²⁹² MOTTA, R. P. S. Op. Cit. p. 67-75.

²⁹³ COMO O KREMLIN Conquistou Cuba: a história secreta de uma grande cilada **Seleções**. Tomo XLIII, nº 254, mar. 1963, p. 190-192.

Em 26 de julho de 1960, Fidel Castro vangloriou-se: “Prometemos continuar fazendo de Cuba o exemplo que poderá converter a Cordilheira dos Andes na Sierra Maestra do Continente americano. [...] quantas nações do Hemisfério Ocidental, tanto seus povos como seus governos, perceberam o significado real, a mais séria ameaça, da revolução de Castro. Significava mais do que comunismo em Cuba; o objetivo final era a sovietação do hemisfério”.²⁹⁴

Para tanto, anunciava a revista, Fidel Castro construíra escolas especializadas em treinamento para revolucionários latino-americanos. Conforme relatórios confidenciais, Cuba abrigava e treinava centenas de comunistas latino-americanos, que, depois de “formados”, retornavam para “operar” em seu país. Um desses locais seria a “Casa das Américas”²⁹⁵, afirmava: “sede em Havana do indigno Instituto de Amizade do Povo, que é onde se preparam em Cuba os terroristas latino-americanos”.²⁹⁶ Outro artigo, publicado em fevereiro de 1965, relatava o depoimento de um ex-guerrilheiro venezuelano, treinado em uma destas “Escolas de Terrorismo” :

O objetivo delas é treinar, em subversão, sabotagem, luta de guerrilha, jovens revolucionários das 20 repúblicas americanas [...] dêles saem anualmente de cinco a seis mil comunistas revolucionários treinados [...] instrutores eram na sua maioria tchecos e russos [...] Aprendíamos a provocar arruaças, a incitar a população [...] ali se ensina também a chantagem política, como roubar bancos e verbas para pagamento de pessoal, a sabotar a indústria, a destruir recursos naturais, fomentar greves, matar policiais – em suma, como provocar o colapso de um govêrno. [...] Marxistas confessos, vindos de diversos pontos da América Latina, vinham de sindicatos, ligas camponesas, associações de professores, ou de imprensa, do rádio e da televisão. Quase todos confessavam lealdade, acima de tudo a União Soviética.²⁹⁷

A imprensa em geral também noticiava sobre estes fatos, como podemos observar neste trecho extraído do **Jornal do Brasil** de outubro de 1965: “É evidente, portanto, que Cuba continua sendo usada como base de adestramento e de irradiação do comunismo na

²⁹⁴ Idem. p.192-196.

²⁹⁵ Local destinado por Fidel Castro para conagração dos povos latino-americanos.

²⁹⁶ GILMORE, Kenneth . O Atrevido Plano de Subversão de Cuba. **Seleções**. Tomo XLVIII, nº 286, nov. 1965, p. 152.

²⁹⁷ MARIN, Juan DeDios. Cursei uma Escola de Terrorismo de Fidel Castro. **Seleções**. Tomo XLVII, nº 277, fev. 1965, p. 3.

América, o que se torna mais fácil devido à falta de medidas adequadas e de cooperação entre os países americanos”.²⁹⁸

Em nota bastante significativa, em agosto de 1960, **Seleções** comentava o discurso que fizera, em 1959, o ainda candidato à presidência dos EUA, senador John F. Kennedy. Na ocasião, Kennedy fizera previsões nada animadoras em relação à turbulenta década que se avizinhava: “Os próximos anos serão os mais difíceis na longa história dos Estados Unidos. Seus inimigos do Oriente submeterão o país a tôdas as provas, a tôdas as tribulações”.²⁹⁹ Entre reveses sofridos na disputa pela hegemonia mundial, um acontecimento chocou os norte-americanos e o mundo. A revista, consternada, noticiava, na edição de janeiro de 1964, o trágico assassinato do jovem presidente, ocorrido em 22 de novembro de 1963, em Dallas: “Não só o mundo perde um grande líder – um homem dedicado à paz e ao progresso humano – mas todos os americanos se encontram diante da negação do ideal democrático que eles outrora amaram mais do que a própria vida”.³⁰⁰

Kennedy, em depoimento, publicado na edição de janeiro de 1963, confessava-se leitor assíduo do **Digest**, exaltando a defesa que o periódico realizava em favor da democracia: “Meu profundo interesse por assuntos internacionais me levou a compreender que a contribuição do Digest é tão grande nesta esfera quanto no âmbito nacional, porque é uma das vozes mais eficazes da democracia a alcançar muitas terras em muitos idiomas”.³⁰¹

Uma certa estabilidade parecia despontar no cenário mundial depois da crise cubana, embora a revista afirmasse que “até o presente momento não houve *détente*, não houve paz, nem coexistência – salvo no sentido soviético dêesses termos”, pois, apesar da dissimulação soviética, o que os comunistas almejavam era a destruição do mundo livre. Para um melhor entendimento dos embates entre soviéticos e norte-americanos, na edição de maio de 1965, a revista reproduzia trecho do “histórico” discurso de Kennedy, depois do desastre da Baía dos Porcos. Nesta ocasião, Kennedy teria definido o “verdadeiro” sentido da Guerra Fria:

²⁹⁸ CONFERÊNCIA do Rio de Janeiro debaterá infiltração comunista. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 1º Caderno 24 out. 1965, p. 14.

²⁹⁹ POR QUE Morreu o Presidente Kennedy? [Um manifesto dos redatores do Reader’s Digest].. **Seleções**. Tomo XLV, nº 264, jan. 1964, p. 25.

³⁰⁰ Idem. 21.

³⁰¹ **Seleções** [contracapa]. Tomo XLIII, nº 252, jan. 1963, p. 21.

“É mais claro do que nunca” disse o Presidente, “que enfrentamos uma luta sem quartel em todos os cantos do globo, a qual consiste em muito mais do que no choque de exércitos ou até de armamentos nucleares. Há exércitos e são numerosos. Há armamentos nucleares. Mas servem principalmente de escudo, por trás do qual a subversão, a infiltração e uma infinidade de outras táticas avançam sem parar, escolhendo um a um dos pontos vulneráveis em condições que não nos permitem a intervenção armada. A característica dessa ofensiva é a força – a força, a disciplina e a falsidade”³⁰²

Paralelo ao temor do comunismo russo, **Seleções** advertia para o crescente poderio da China Vermelha, agora rompida com Moscou. A notícia de que os chineses também dominavam a tecnologia atômica foi divulgada em 1964, depois da explosão de seu primeiro artefato nuclear: “Até agora, quase todo o raciocínio norte-americano sobre a intimidação nuclear tem sido feito em função da União Soviética. [...] E se Mao provocar a guerra nuclear nos próximos três ou quatro anos?”³⁰³

A revista afirmava que a presença dos EUA no Vietnã tinha a finalidade de conter a expansão comunista chinesa na Ásia: “O ponto básico atual da política norte-americana, e a bem dizer, de todo o problema de resistência ao expansionismo mundial dos chineses, é a ação do Vietname do Sul”.³⁰⁴ Notícias sobre a campanha norte-americana na Ásia tornavam-se amiúdes na segunda metade de década de sessenta. **Seleções** divulgava em suas páginas as justificativas para a intervenção. “Aqui está uma afirmação clara do motivo pelo qual os americanos estão no Vietname. Não é por sua vontade, mas a pedido e em virtude de tratados, obrigações e compromissos”.³⁰⁵ Em outro texto fundamentavam: “O Vietname representa a pedra de toque do mundo livre na Ásia, o fêcho do arco, o dedo que tapa o rombo no dique. A Birmânia, a Tailândia, a Índia, o Japão, as Filipinas e, evidentemente, o Laos e o Camboja estariam ameaçados se a maré vermelha do comunismo transbordasse para o Vietname”.³⁰⁶

Uma derrota no Vietnã significava para os norte-americanos o avanço do comunismo, não só na Ásia, mas também na América Latina. Comprovada a eficácia das

³⁰² DODD, Tomas J. [Senador americano]. Os comunistas Nunca Desistem. **Seleções**. Tomo XLVII, nº 280, maio 1965, p. 51.

³⁰³ LAPP, Ralph. Dr. [Físico Nuclear e Professor da Universidade de Chicago]. Que significa a Bomba nas Mãos dos Chineses? [Condensado de “Life”]. **Seleções**. Tomo XLVIII, nº 286, nov. 1965, p. 45.

³⁰⁴ É PRECISO Deter a China Comunista. **Seleções**. Tomo XLVII, nº 279, abr. 1965, p. 56.

³⁰⁵ HUMPHREY, Hubert. H. [Vice-Presidente dos EUA]. Por que a Longa Luta no Vietname? **Seleções**. Tomo L, nº 296, set. 1966, p. 50.

³⁰⁶ LYONS, Eugene. Vietname: as acusações e os fatos. **Seleções**. Tomo LIII, nº 313, fev. 1968, p. 81.

táticas de guerrilha, conferia ao Terceiro Mundo uma “arma poderosa” para sublevar-se contra intervenções de potências estrangeiras, e, assim, poder determinar seus próprios rumos ideológicos, políticos e econômicos, como já fizera Fidel Castro com sua Revolução. Podemos acompanhar esta argumentação no excerto retirado da edição de abril de 1968:

O que mais preocupa os conhecedores da América Latina é a probabilidade de que um revés norte-americano no Vietname reanime o moral vacilante dos revolucionários castristas do hemisfério e de tal modo lhes aumente a força que uma “guerra de libertação nacional” na América Latina se torne uma possibilidade real dentro de um decênio. Uma guerra dessas poderia facilmente determinar um choque nuclear, visto que os russos sofreriam grande pressão para aumentarem os seus esforços revolucionários na América Latina caso os vietnamitas demonstrassem que os Estados Unidos podem ser batidos em guerras de guerrilha.³⁰⁷

Cuba permanecia em evidência nas páginas da referida revista. Críticas à falta de liberdade continuavam sendo atribuídas ao regime cubano: “A fantasia do Irmão Grande no 1984, de George Orwell, é realidade atualmente em Cuba. Em cada quarteirão da cidade ou em cada povoação há um Comitê de Defesa da Revolução. O Governo de Castro já declarou que dois milhões de cubanos servem nesse sistema complexo de vigilância”.³⁰⁸

Como fechando um ciclo, **Seleções** deu grande destaque em sua edição de maio de 1968, à morte de “Che” Guevara na selva boliviana, ao mesmo tempo em que fazia um retrospecto de sua vida de guerrilheiro. Para o articulista, “Che” Guevara “principal lugar-tenente do ditador cubano Fidel Castro, considerado por muitos o maior de todos os guerrilheiros comunistas”, queria subverter o hemisfério. Como já havia afirmado o periódico em outras oportunidades, Guevara estava na Bolívia tentando transformar aquele país em “outro Vietname”.³⁰⁹ Para tanto, já teria toda ação planejada e pormenorizada num livro de sua autoria sobre guerra de guerrilhas, “um manual do tipo faça você mesmo”, que teria se tornado *best-seller* mundial. Guevara não teria escolhido por acaso a Bolívia para dar início a sua revolução continental:

³⁰⁷ DRAKE, Francis Vivian. [Redator militar do Reader's Digest]. Por que Lutar na África? **Seleções**. Tomo XLVIII, nº 287, dez. 1965, p. 69.

³⁰⁸ REED, David. Os Últimos Dias de Che Guevara. **Seleções**. Tomo LIII, nº 316, maio, 1968, p. 50.

³⁰⁹ Em seu livro, **Guerra de Guerrilhas**, Guevara afirmava que a experiência cubana modificara o conceito de estratégia revolucionária para o hemisfério, Mostrava, primeiramente, que um exército popular poderia derrotar um exército regular. Como também um reduzido grupo guerrilheiro podia preparar um país para a revolução, mesmo em condições não propícias. Concluía que quando ocorresse a revolução na América Latina esta viria do campo. Ver: THOMAS, H. Op. Cit. p. 2616.

A Bolívia faz fronteira com cinco outros países que, juntos, compreendem 80% da América do Sul. Assim, serviria como um trampolim para insurreições nos Estados vizinhos, especialmente a Argentina e o Peru. A esperança era arrastar os Estados Unidos a “dois ou três Vietnâmes” que desgastariam a sua resistência e deixariam o comunismo propagar-se por todo o continente. Castro estava convicto de que a América do Sul tinha amadurecido para a revolução.³¹⁰

O texto também evidenciava que Guevara, em sua luta na Bolívia, estava acompanhado de “um primeiro time de cubanos” e contava com auxílio extra de amigos de outras nacionalidades, como o francês Régis Debray.³¹¹ “filho mimado e arrogante de uma abastada família parisiense. Depois de uma temporada como *playboy* e em seguida como brilhante estudante de Filosofia, Debray fôra a Cuba e ficara fascinado pelos jovens comunistas da ilha. Escrevera um livro chamado *Revolução Dentro da Revolução*, que pregava a guerrilha violenta em toda a América Latina”.³¹²

A revista narrava a busca por *Che* na selva boliviana e o êxito em tal missão. Com a mensagem “*Tenemos Papa*” dava-se por encerrada a missão de captura. No dia 9 de outubro de 1967, Ernesto “Che” Guevara foi executado a tiros por integrantes de um pelotão boliviano, treinado pelos *Boinas Verdes*, como frisava a reportagem. **Seleções** proclamava: “A destruição desse bando de guerrilheiros foi o pior revés que Castro já sofreu”. Para a revista, a sua morte abalava os comunistas latinos de forma indelével, refreando eficazmente o alastramento do comunismo na América Latina:

Enquanto permanecer no poder, o ditador cubano sem dúvida promoverá outros movimentos de guerrilhas. A agitação revolucionária continuará a oferecer oportunidades. Mas os mitos da “invencibilidade” da guerrilha e do quanto é “irresistível” a revolução comunista – alimentados por Guevara e em que até alguns de seus inimigos chegaram a acreditar – foram destruídos. O significado desse fato é profundo. Animará em toda a parte as pessoas em sua crença de que os comunistas

³¹⁰ REED, David. Os Últimos Dias de Che Guevara. **Seleções**. Tomo LIII, nº 316, maio, 1968, p. 56.

³¹¹ Debray teorizou o modelo revolucionário castrista, que ficou conhecido como “foquismo”. Ao contrário do modelo leninista, que priorizava a estratégia política, este se diferenciava pela prioridade absoluta dada a luta armada. “Esta seria iniciada por um pequeno grupo (vanguarda militar), cujas ações deveriam criar as condições objetivas para a tomada do poder. Portanto, o castrismo consistia em começar a revolução com um *foco* guerrilheiro, que, gradualmente, ampliaria seu raio de ação”.

<<http://www.culturabrasil.pro.br/revoluçãocubana.htm>>. (Acesso em: 07 set. 2004).

³¹² REED, David. Os Últimos Dias de Che Guevara. **Seleções**. Tomo LIII, nº 316, maio, 1968, p. 53.

não têm nenhum monopólio sobre o futuro, que ainda é possível resolver os tremendos problemas da América Latina sem recorrer a métodos totalitários.³¹³

O tema “Cuba”, embora já menos freqüente no final da década de sessenta, continuou presente na revista, paralelo à permanência no poder da “indesejável” figura de Fidel Castro.

Procuramos apontar, neste capítulo, como a revista **Seleções** vai compondo em suas páginas o imaginário a respeito de Fidel Castro e da Revolução Cubana. A partir de suas narrativas e representações acerca dos acontecimentos em Cuba, sobressaía uma séria preocupação com o alastramento do comunismo no continente americano. Em razão deste temor, a revista dará grande visibilidade à América Latina, propugnando, com insistência, a necessidade de uma postura mais ativa dos Estados Unidos e seus aliados como forma de combater o “perigo vermelho” nesta região. As implicações da Revolução Cubana para a América Latina na revista **Seleções do Reader’s Digest**, será o assunto que abordaremos no capítulo a seguir.

³¹³ Idem. p. 56.

CAPÍTULO 3

A REVOLUÇÃO CUBANA E A AMÉRICA LATINA EM SELEÇÕES DO READER'S DIGEST

*“A guerra fria não poderá ser vencida na
América Latina, mas ali poderá
ser perdida”³¹⁴*

A América Latina, desde o pós-guerra até o final da década de cinquenta, não era matéria tão presente nas páginas da revista **Seleções do Reader's Digest**. O foco de atenção da revista, no campo político, estava voltado para os desdobramentos da Guerra Fria na Europa e com os Estados pós-coloniais que se formavam no continente africano e asiático: “Até então a região era considerada teatro secundário pelas duas superpotências em luta, mais preocupadas com a Europa, Ásia e África”.³¹⁵ O perigo real do comunismo em nosso hemisfério parecia distante naqueles tempos, apesar de um artigo, editado em setembro de 1944, já advertir que “A organização social da América Latina é extremamente delicada. Não custará muito subvertê-la”.³¹⁶

Nossa intenção, neste capítulo, é mostrar como a América Latina vai ganhando projeção nas páginas da revista com o advento da Revolução Cubana. Acompanharemos, através de **Seleções**, a emergência de uma séria e real ameaça: o perigo de comunização do continente americano após a ascensão de Fidel Castro ao poder. Observaremos como estes acontecimentos redirecionarão a política externa norte-americana e irão repercutir na América Latina. Lembrando, como adverte Emir Sader, que a América Latina somos nós, apesar de estarmos condicionados a ver os latinos como os “outros” e, nós, brasileiros,

³¹⁴ MATTHEWS, Herbert L. [Ex-correspondente de Guerra; redator do “Times” de Nova York]. Aviso a Washington: a América Latina é Vital Para o Hemisfério. **Seleções**. Tomo XXXVI, nº 213, out. 1959, p. 47.

³¹⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o "perigo"** : o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo : Perspectiva, 2002. p. 231.

³¹⁶ PATTEE, Richard. Balanço da Política de Boa Vizinhança. [Condensado de “Columbia”]. **Seleções**. Tomo VI, nº 32, set. 1944, p. 1.

como um povo à parte deste continente.³¹⁷ Fundamentalmente, queremos mostrar como esta revista apoiou e representou os movimentos anticomunistas brasileiros, revelando, nesses momentos, sua importância e proximidade com o poder. Acompanharemos, através de jornais e revistas de circulação nacional, como estes temas estavam circulando e sendo apropriados pela mídia brasileira.

Analisando os artigos que se reportavam ao nosso continente na década de 1950, transparece a preocupação com o comunismo, mas longe da paranóia dedicada aos outros continentes. O conteúdo editorial de uma reportagem editada em fevereiro de 1951 já exortava as autoridades latino-americanas a promover melhorias no padrão de vida de suas populações, como forma de afastar o perigo comunista. Este tema será recorrente na revista **Seleções** na década de 1960: “Êste é o fato mais importante do fenômeno latino-americano: o crescimento de uma vigorosa classe média que tem a aspiração e a oportunidade para melhorar de sorte, de educar seus filhos e ser dona da sua parcela de terra. Só a ampla base de uma população assim pode sustentar o edifício de uma democracia pujante”.³¹⁸

Esta mesma edição de fevereiro de 1951, articulada por um jornalista especializado em assuntos da América Latina, tecia longas considerações sobre nosso continente, louvando, inicialmente, o progresso obtido pelos latinos: “Em dez anos de jornalismo especializado em assuntos latino-americanos, vi este continente avançar um século inteiro. Hoje é a parte do mundo que evolui rapidamente”. Ao mesmo tempo, o redator deixava registrado o *estereótipo* construído a respeito dos latinos: “Bem podem os estrangeiros abandonar a concepção cinematográfica de que a América Latina é uma terra de indolentes caboclos e lânguidos violões e inércia geral”. Continuando suas reflexões, chamava a atenção para o fato de que “O número de mal vestidos, mal alimentados e mal alojados é maior que os privilegiados”. Mesmo assim antevia um futuro glorioso para nosso hemisfério, sendo o Brasil citado como exemplo:

O que está ocorrendo na América Latina é de importância mundial. Pode significar o nascimento de fortes nações modernas e um novo deslocamento do poderio mundial para este lado do atlântico. A classe média dos proprietários industriais e um operariado bem remunerado representam uma linha de defesa mais eficaz contra o comunismo internacional

³¹⁷ SADER, Emir. A América Latina Somos Nós. **Caros Amigos**. São Paulo. Ano VI, nº 72, mar. 2003, p. 29.

³¹⁸ SCULLY, Michel. Dez Anos de Progresso na América Latina. **Seleções**. Tomo XIX, nº 109, fev. 1951, p. 109.

que medra com a miséria das massas. [...] “oferece ao homem a maior oportunidade de construir uma civilização avançada nos trópicos, e os brasileiros a estão construindo.” [...] Volta Redonda, no meio do mato, siderurgia, [...] São Paulo a única cosmópole da América do Sul, dínamo industrial [...] Rio de Janeiro com a beleza das praias e sua arquitetura apreciada e estudada na Europa e EUA.³¹⁹

Identificamos, em trechos deste artigo, o imaginário norte-americano a respeito da América Latina, representada como terra inóspita e selvagem, com grandes extensões de terras a serem desbravadas. Falando mais especificamente sobre o Brasil, a revista fazia uma analogia com a história dos EUA, sendo que nosso país era visto como a “*terra prometida*” a ser conquistada e com enorme potencial a ser explorado [...] até agora, prejudicado por obstáculos que os norte-americanos nunca tiveram de vencer: a topografia de montanhas, selvas e desertos [...] Mas êsses obstáculos desapareceram (com o progresso) [...] O avião e o rádio riem-se das montanhas”.³²⁰

Rompendo com uma postura moderada, em janeiro de 1954, a revista deu relevante destaque aos acontecimentos na Guatemala. Acusava o Coronel Jacobo Arbenz Guzmán³²¹ de chefiar um governo acentuadamente pró-comunista e ser cúmplice de manobras do Kremlin, que visavam a apropriação do capital norte-americano aplicado na América Latina e no mundo inteiro.³²² Em abril de 1955, já com Arbenz deposto, outro artigo denunciava que “O crime fundamental de Arbenz foi vender a sua pátria ao comunismo”, ao mesmo tempo em que estimulava um sentimento antiamericano no continente. Para **Seleções**, neste procedimento antevia-se a “trama complexa de Moscou para a América Latina”, trama esta que, Iniciada na Guatemala, visaria outros países como o Brasil, Chile e

³¹⁹ SCULLY, Michel. Dez Anos de Progresso na América Latina. **Seleções**. Tomo XIX, nº 109, fev. 1951, p. 104.

³²⁰ Idem. p. 106.

³²¹ O Coronel Arbenz, um militar nacionalista, tomou posse da presidência da Guatemala, em 15 de março de 1951, com a intenção de promover reformas políticas e sociais, priorizando a reforma agrária e buscando um desenvolvimento nacional independente. Acabou ferindo interesses, principalmente de companhias norte-americanas proprietárias de grandes extensões de terras neste território, como a *United Fruit Company*. No contexto da Guerra Fria, o movimento guatemalteco se amoldava à versão leninista das etapas necessárias para implantação do comunismo: “que haja primeiro capitalismo para poder destruí-lo”. Com a participação da CIA, em 1954, foi planejada a queda de Arbenz. VER: RAMPINELLI, Waldir José. O primeiro grande êxito da Agência Central de Inteligência (CIA) na América Latina. **Revista Catarinense de História**. Nº 3. SC : Insular Ltda, 1995. p.75-76.

³²² SCULLY, Michel. Guatemala: Ensaio de Dominação Comunista. **Seleções**. Tomo XXV, nº 144, jan. 1954, 144.

Bolívia.³²³ Conforme o texto, naquele mesmo ano de 1955, o então Vice-Presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, empreendera viagem de “confraternização” pela América Latina, onde fora alvo de explícitas manifestações de repúdio.³²⁴ Suas impressões de viagem, pesem “investidas comunistas na região”, concluíam: “Estou convencido de que o comunismo atingiu o máximo que poderá atingir na América Latina”.³²⁵

Outros países latinos eram mencionados nas publicações da revista, nessa mesma década, como a Argentina, citada na edição de março de 1956. O alvo era Juan Domingo Perón, “o mais espantoso ditador da América Latina moderna”, deposto em 17 de outubro de 1955 e exilado no Uruguai. Aos “Peróns” eram atribuídos desmandos, corrupção, dilapidação de bens públicos, o que teria levado à destruição da economia Argentina: “Nenhum deles entendia patavina de economia”.³²⁶ Artigos foram escritos sobre o grande desenvolvimento mexicano, auxiliado pelo capital americano. Outro texto sobre o Brasil, de abril de 1959, polemizava a construção da nova capital e a mudança do governo para Brasília no ano seguinte: “Os que se opõem ao projeto acham que o dinheiro devia, em vez disso, ser gasto no combate ao analfabetismo no Brasil”.³²⁷

Embora a presença soturna do fantasma comunista estivesse a rondar os “democráticos” países latino-americanos, este não parecia suficientemente ameaçador para que o **Digest** se ocupasse em denunciá-lo na sua habitual linguagem alarmista. Mas, em 1959, um fato novo vai mobilizar a revista e será tema constante em suas páginas na década seguinte: a Revolução Cubana, comandada por Fidel Castro. A vitória de Fidel, Che Guevara e seus guerrilheiros de Sierra Maestra resultaria na implantação da primeira República Socialista das Américas - território sob “jurisdição” dos Estados Unidos,

³²³ SCULLY, Michel. Guatemala: Ensaio de Dominação Comunista. **Seleções**. Tomo XXV, nº 144, jan. 1954, p. 49.

³²⁴ O governo Eisenhower ficara chocado com as “agressões pessoalmente sofridas pelo vice-presidente Nixon” quando de sua viagem à Colômbia e Venezuela. Depois deste episódio e, mais adiante, com a Revolução Cubana, o governo americano passaria a ficar “mais sensível” aos problemas da América latina. Ver: GORDON, Lincoln. **A segunda chance do Brasil** : a caminho do Primeiro Mundo. São Paulo : Editora SENAC São Paulo, 2002, p. 278.

³²⁵ NIXON, Richard. Fala o Vice-Presidente dos Estados Unidos. [Condensado de “This week”]. Tomo XXVIII, nº 165, out. 1955. p. 68.

³²⁶ SCULLY, Michel. Quanto custou Perón à Argentina . **Seleções**. Tomo XXIX, nº 170, mar. 1956, p. 29.

³²⁷ PASSOS, John dos. Brasília: uma Capital Surge no Sertão. **Seleções**. Tomo XXXV, nº 207, abr. 1959, p. 33.

abalando os alicerces do imperialismo norte-americano e expondo o continente latino ao perigo da infiltração comunista.³²⁸

Até então, a América Latina, “relegada a segundo plano pela diplomacia norte-americana”, conforme afirmação da revista, começava a tomar importância, como podemos observar no título do artigo publicado em outubro de 1959: “Aviso a Washington: a América Latina é Vital Para o Hemisfério”, onde é pedida maior atenção nas relações com este continente:

Compreendeu-se que a América Latina é de vital importância para que se prossiga a existência dos Estados Unidos como nação próspera, e que sem um espírito de mútuo respeito e amizade os países latino-americanos poderiam afastar-se para o neutralismo, a americanofobia – **ou pior ainda** (grifos meus) [...] A América Latina é, também, a mais importante área de comércio e investimentos dos Estados Unidos. Cerca de um quarto de todas as exportações norte-americanas e um terço de todas as importações dos Estados Unidos vêm de lá. [...] Seja qual for o aspecto que se considere, só se pode dizer que os Estados Unidos não tivessem a América Latina ao seu lado, a sua situação seria desesperadora.³²⁹

Sobressaem-se nos artigos referentes à América Latina, publicados por **Seleções** na década de 1960, críticas explícitas à política externa norte-americana em relação ao continente americano, notadamente no caso de Cuba: “visto o caso de Cuba que poderia ter sido evitado [...] se tivesse havido uma diplomacia mais competente em Havana no período de 1957 a 1958”.³³⁰ Outro texto acusava: “Quando uma explosão semelhante se estava processando na Cuba anterior a Fidel Castro, Washington ‘não ouvia o mal, não via o mal’. Afinal das contas, Batista mantinha a ordem... e era amigo dos Estados Unidos. A mesma atitude tem presidido às relações dos estados Unidos com os Somozas, Franklin D. Roosevelt certa vez disse do velho General: ‘É um patife, mas é *nosso* patife.’”³³¹

Na edição de **Seleções** de maio de 1965, o ex-secretário de Estado norte-americano, Dean Acheson, pregava a necessidade de “uma política externa prática” e questionava: “É moral abster-se do emprego da força em todas circunstâncias?”. Para ele, a “abstenção”

³²⁸ BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**: dois séculos de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973, p.390.

³²⁹ MATTHEWS, Herbert L. [Ex-correspondente de Guerra; redator do *Times* de Nova York]. Aviso a Washington: a América Latina é Vital Para o Hemisfério. **Seleções**. Tomo XXXVI, nº 213, out. 1959, p. 47.

³³⁰ Idem. p. 49.

³³¹ VELIE, Lester. Nova Bomba-Relógio na América Central. **Seleções**. Tomo XLI, nº 242, mar. 1962, p. 115.

levada a cabo pelos EUA parecia uma política não apenas errônea, mas também “estúpida e imoral”, já que seus adversários não a empregavam, colocando os EUA em desvantagem. Justificando sua posição, resumia: “O fim procurado pela política externa dos Estados Unidos é proteger e alimentar um ambiente favorável às sociedades livres. A política e as ações dos Estados Unidos devem ser auferidas pelo sucesso ou fracasso na consecução desse fim”.³³² O que leva a entender que “os fins justificam os meios”.

Ainda no ano de 1959, enquanto Castro consolidava seu poder em Cuba, e a socialização do regime não passava de suspeita, conforme palavras da revista, **Seleções** assestava suas baterias contra os soviéticos: “Os russos na sua maioria são anti-soviéticos. Podem considerar-se comunistas, porque não conhecem outro sistema, mas odeiam o regime. [...] O russo médio está interessado nos Estados Unidos, inveja o padrão de vida americano e tem medo inequívoco do poder de represália dos Estados Unidos”.³³³

Na medida em que o regime cubano implantava reformas econômicas, que feriam interesses dos Estados Unidos, como a Lei de Reforma Agrária e nacionalização de empresas norte-americanas, a revista publicava artigos onde condenava a política de “não-intervenção”, que estaria favorecendo a propagação do comunismo: “Para vencer a guerra contra o comunismo, as democracias devem abandonar o ‘refreamento’, rejeitar a idéia da ‘coexistência pacífica’, e adotar uma política ativa de libertação”. Este artigo, escrito em dezembro de 1960, incitava o Ocidente a abandonar a política de neutralidade e assumir uma posição firme e agressiva para conter a expansão comunista: “Quando se acredita na inevitabilidade, isto é, quando se acredita que não é possível influir nos acontecimentos... *então já se é um marxista*. Porque Marx, Lenine e Krushchev sustentam – e Krushchev repete-os todos os dias – que as leis férreas da História são precisamente tais que, aconteça o que acontecer, o comunismo ficará em posição dominante”.³³⁴

Do ponto de vista da revista, os russos estariam utilizando o argumento da “coexistência pacífica” - cujo significado para o Ocidente era “intercâmbio permanente e amistoso como o que existe entre vizinhos”, quando para os comunistas seria “etapa não

³³² ACHESON, Dean. [Ex-Secretário de Estado Americano]. Da Necessidade de uma Política Externa Prática. **Seleções**. Tomo XLVII, nº 280, maio. 1965, p. 56.

³³³ RAYMOND, Ellsworth. O Que os Russos me Contaram. **Seleções**. Tomo XXXV, nº 204, jan. 1959, p. 32.

³³⁴ MALIK, Charles. É Tarde Para Vencer o Comunismo? [Ex-presidente da Assembléia-Geral das Nações Unidas]. **Seleções**. Tomo XXXVIII, nº 227, dez. 1960, p. 64.

militar da guerra de conquista”³³⁵ para, sorrateira e insidiosamente, dominarem o mundo: “o movimento comunista internacional quer derrubar todos os governos, regimes, sistemas econômicos, religiões e filosofias que existem e ter o mundo inteiro – todos os pensamentos, aspirações, ações e organizações humanas – sob o seu controle absoluto, *com ou sem guerra*”. Para atingir tal intento, dissimuladamente, estariam incentivando as táticas de guerrilha: “A estratégia de Khrushchev é, portanto, uma fórmula para propagar o comunismo por meio de lutas limitadas de guerrilhas, à sombra de impasse nuclear”.³³⁶ Diante de tal ameaça, o Ocidente era chamado a reagir e assumir uma posição firme para sustar qualquer nova expansão comunista:

O Ocidente tem receio de ser revolucionário. Não quer escandalizar nem desafiar. É civilizado; receia ofender. [...] A civilização em cujo coração pulsam Aristóteles, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Dante, Newton, Shakespeare, Pascal, Kant e Lincoln, a civilização que foi abençoada por Cristo, precisa apenas de uma vigorosa mão para sacudi-la do seu torpor. E, uma vez sacudida, uma vez realmente desperta para as responsabilidades mundiais que ela e só ela pode assumir, não há nada que não possa ousar ou fazer.³³⁷

A revista **Seleções** mantinha a América Latina em evidência em suas publicações, descrevendo-a como “um turbulento continente à procura de um futuro”, para não dizer “à deriva” e à mercê da influência da propaganda maciça comunista, ora da Rússia, ora da China Vermelha, que procuravam “convencer as Américas de que Castro e o comunismo são a solução para as necessidades”.³³⁸ Era preciso manter constante vigilância, advertia o periódico: “Neste preciso instante, em alguma capital da América Latina um diplomata soviético está entregando dinheiro a um líder comunista local”.³³⁹

A revista alertava, repetidamente, para uma campanha maciça de subversão que estaria em curso na América do Sul. Porém, o ímpeto de tal campanha não estava sendo

³³⁵ EASTMAN, Max. Por que os Comunistas Estão Vencendo. [Condensado do livro “Protracted Conflit). **Seleções**. Tomo XXXIX, nº 233, jun. 1961, p. 153.

³³⁶ ALSOP, Stewart. Grande Estratégia de Kennedy. [Condensado de “The Saturday Evening Post”]. **Seleções**. Tomo XLII, nº 249, out. 1962, p. 45.

³³⁷ MALIK, Charles. É Tarde Para Vencer o Comunismo? [Ex-presidente da Assembléia-Geral das Nações Unidas]. **Seleções**. Tomo XXXVIII, nº 227, dez. 1960, p. 68-69.

³³⁸ VELIE, Lester. O Latino-Americano a Quem os Comunistas Mais Temem. **Seleções**. Tomo XXXIX, nº 230, mar. 1961, p. 75.

³³⁹ EASTMAN, Max. Já começou a Terceira Guerra Mundial. [Condensado do livro “Protected Conflit”]. **Seleções**. Tomo XXXIX, nº 230, mar. 1961, p. 27.

atribuído aos russos, mas sim aos chineses, que, ainda mais agressivos, contavam com o apoio cubano. Exportando seu modelo, as Ligas Camponesas³⁴⁰, semelhantes aos centros revolucionários rurais que os comunistas implantaram na China, estariam sendo organizadas no Nordeste brasileiro, sob a liderança de Francisco Julião: “Em novembro de 1960 o chefe das Ligas Camponesas do Brasil visitou a China Comunista, provavelmente para receber instruções”. O articulista finalizava o artigo com uma indagação: “Que se pode fazer diante da crescente ameaça comunista na América Latina?” A resposta já estava sinalizada em seu texto: “Os êxitos comunistas na América Latina foram em grande parte conseguidos por omissão”.³⁴¹ A crítica, portanto, tinha endereço certo: os partidários da política de “não-intervenção”.³⁴²

Por uma política intervencionista na América Latina

Diferentes discursos circulam sobre este período. Na versão de Manuel Lucerna Samoral³⁴³, autor espanhol que lançou interessante e abrangente livro sobre as relações entre Estados Unidos e América Latina, a política externa norte-americana em relação ao continente americano, em suas diferentes épocas e denominações, foi uma política de caráter intervencionista. Fundamentada nas teorias da Doutrina Monroe e do Destino Manifesto, criava-se a idéia de Hemisfério Ocidental, liderado e protegido pelos Estados Unidos, onde a “incapacidade” de um governo justificava o direito dos EUA de intervir para manter a ordem no continente, afastando assim, o perigo de intervenção das nações européias. Entre 1905 e 1930, os Estados Unidos exerceram uma política expansionista apoiada em intervenções militares (the big stick) e pelos investimentos financeiros (política

³⁴⁰ As Ligas Camponesas surgiram no breve período de legalidade do PCB (1945-1947), quando José Aires dos Prazeres, líder camponês e membro fundador do PCB, organizou trabalhadores agrícolas nos arredores de Recife. Proscritas juntamente com o PCB, reapareceram numa nova etapa do movimento, sob a liderança de Francisco Julião. Os “Julianistas” inspiravam-se no modelo cubano, pregando “uma revolução socialista armada”, pois viam semelhança na situação vivida pelos trabalhadores de cana-de-açúcar nordestinos e cubanos. Ver: AUED, Bernadete W. **A Vitória dos Vencidos** : Partido Comunista Brasileiro e Ligas Camponesas. 1955-64. Florianópolis : Editora da UFSC, 1986.

³⁴¹ VELIE, Lester. A China Ameaça a América Latina. **Seleções**. Tomo XXXIX, nº 232, maio. 1961, p. 155.

³⁴² O Senador republicano, Irving M. Ives, chamava a atenção para o fato de que a América Latina poderia cair sob o domínio dos comunistas se os EUA continuassem a agir como *estúpidas avestruzes*, seguindo uma política de neo-isolacionismo. Ver: BANDEIRA, M. Op. Cit. 1973, p. 379.

³⁴³ O livro deste autor, lançado em 1988, faz um estudo das relações dos EUA com os diferentes países latinos.

do dólar).³⁴⁴ Este intervencionismo, na forma de ajuda econômica, estabelecer-se-á como um traço da política externa norte-americana para América Latina, marcadamente na década de sessenta, com o lançamento da Aliança Para o Progresso, como veremos mais adiante. Tais políticas visavam a expansão econômica dos Estados Unidos, como também estabilizar, democratizar e “americanizar”³⁴⁵ os países do continente, o que reverteria, como era recorrente, em benefício próprio.³⁴⁶

Fundamentada na idéia de pan-americanismo, a política externa estadunidense apoiava-se numa concreta realidade: sua vizinhança. Assim, em seu discurso de posse, em 1933, o presidente recém-eleito, Franklin Delano Roosevelt, propôs e esboçou os princípios de uma nova política externa para a América Latina, ou melhor, uma mudança na forma de intervencionismo. Segundo Roosevelt, uma política que daria um novo matiz às relações interamericanas: *a política de boa-vizinhança*, alicerçada na confiança mútua e sedimentada na compreensão, igualdade e fraternidade. Afirmava que a Doutrina Monroe era dirigida contra a Europa e não contra a América Latina. Encontramos, em **Seleções**, um artigo datado de setembro de 1944, “Balanço da Política de Boa Vizinhança”, escrito por um professor de História ibero-americana e ex-membro do Ministério das Relações Exteriores dos EUA. Este artigo nos dá um apanhado das questões que envolviam as relações políticas entre os Estados Unidos e os países latino-americanos, ainda presentes no período abarcado por nossa pesquisa:

O que há de mais impressionante na política de Boa Vizinhança dos Estados Unidos é o fato de que ela existe. É uma completa reviravolta, em política exterior, sobretudo envolvendo a confissão de pecados cometidos, e é coisa que raramente se terá ouvido falar [...] No caso, porém, da política de Boa Vizinhança, foi resultado da reflexão de que a lisura e o respeito devem pagar maiores dividendos do que a força, a má vontade, a violência e a pressão. Não há interesse em repetir a longa história, nada lisonjeira, tratos e relações dos Estados Unidos com as repúblicas latino-americanas: A terminologia, no caso, é muito

³⁴⁴ O Hemisfério Ocidental (idéia de pan-americanismo) era entendido como uma zona que se diferenciava claramente da Europa e um território que, pela localização geográfica, estaria naturalmente sob influência e liderança americana. Como resultado deste período expansionista, iniciado por Theodore Roosevelt, cuja máxima era “não fale muito, use o porrete”, cinco Estados latinos foram convertidos em protetorados estadunidenses: Cuba, Panamá, Nicarágua, Honduras e Guatemala. Ver: SAMORAL, Manuel Lucerna et alli. **História de Ibero América**. Ediciones Cátedra S.A. Madrid, 1988, Tomo III, p. 427-429.

³⁴⁵ Significaria a assimilação dos valores americanos, como a idéia de progresso material, o que propiciaria a inclusão dos países latinos na esfera do capitalismo “redentor”, cujo modelo era fundamentado nos Estados Unidos. Ver: TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo : Companhia da Letras, 2000, p. 37.

³⁴⁶ Idem. p. 431-433.

conhecida *Destino Manifesto*, *Diplomacia do Dólar*, *Colosso do Norte*, *Imperialismo Ianque*. [...] Em 1933, na Conferência de Montevideu, deram os Estados Unidos um enorme passo adiante, sustentando publicamente, com a não-intervenção, a igualdade dos Estados, sem quaisquer restrições decorrentes do seu tamanho ou importância. Essa atitude, indiscutivelmente, marcou o início de nova era nas relações interamericanas. Queria ela dizer, não só que os Estados Unidos evitariam intervir nos negócios internos de outros países, mas, ao mesmo tempo, que a ameaça de intervenção militar, por motivos que a América Latina jamais admitiu como bons e válidos, ficava de todo afastada. Quanto ao aspecto econômico da política de Boa Vizinhança [...] O Banco Interamericano, criado em 1940 pôs em prática um vasto programa de injeção de fundos nas correntes sanguíneas, não raro anêmicas, da América Latina [...] há sempre que ser considerado o perigo que esta bem intencionada política, se levada longe demais, conduza a uma definida situação dominante dos Estados Unidos diante de uma série de países cuja ordem econômica será pouco melhor que a de colônias. [...] Perguntemo-nos, antes de tudo: será necessariamente desejável admitir como certo que o chamado padrão de vida norte-americano deve ser aplicado ou estendido a todos, e em toda parte? [...] Atribuindo-nos a nós mesmos, como povo, a missão de melhorar a vida do mundo inteiro, incorremos em confusão, procurando exportar o que está, e o que não está no desejo ou na necessidade de outros povos. [...] muitos latino-americanos andam a perguntar a si mesmos se toda essa nova e exagerada atenção, para com as repúblicas irmãs, não será unicamente uma repetição, em novos moldes, da mesma velha e tradicional política, em uma palavra, da força.³⁴⁷

Embora o propósito de tal política fosse melhorar a imagem dos Estados Unidos, vistos como imperialistas, e tendo por trás interesses econômicos e estratégicos, a “*Good Neighbor Policy*” foi entendida por alguns setores daqui como o primeiro estágio de uma sincera aproximação com os EUA”.³⁴⁸ Mas outras razões teriam motivado o lançamento da política da boa vizinhança. As intervenções militares freqüentes tornaram-se demasiado caras, não esquecendo que os americanos ainda se ressentiam da crise da bolsa de 1929. Portanto, eram necessários um maior *avizinhamento* e colaboração dos Estados latinos para o reerguimento da economia americana. Sem contar que, a partir de 1933, começou a ocorrer uma aproximação entre a Europa e América Latina, tendo em vista os países do eixo necessitarem de matérias-primas para se prepararem para a guerra, fortalecendo, deste modo, o comércio e a autoconfiança dos países latino-americanos. Os norte-americanos, temendo perder sua área de influência, seus aliados e seu mercado, deram-se conta de que tinham que ganhar sua confiança, antes que estes se afastassem ou se voltassem contra eles.

³⁴⁷ PATTEE, Richard. Balanço da Política de Boa Vizinhança. (Condensado de Columbia). **Seleções**. Tomo VI, nº 32, set. 1944, p. 1.

³⁴⁸ TOTA, A. P. Op. Cit. p. 35.

De certa forma, ao formular a política de boa vizinhança, o governo Roosevelt transformou uma “necessidade” em uma virtude. Os Estados Unidos continuaram reservando-se o direito de intervir, mas de uma forma mais sutil, como fica exemplificado na mudança em seu discurso, ao substituir o termo “*to intervene*” por “*to interpose*”. Mas um fato é evidente e necessário se faz ressaltar: o traço característico e objetivo primordial da política da boa vizinhança consistia na “não-intervenção”.³⁴⁹ É justamente contra este pensamento “não-intervencionista”, presente na política externa estadunidense³⁵⁰, que **Seleções** se voltará em várias oportunidades, como neste artigo de novembro de 1965, acusando-o de facilitar a penetração comunista na América Latina: “Uma solução, há muito protelada, é a de que a OEA modernize as suas regras e mecanismos para que seja possível agir prontamente contra as “intervenções” comunistas. Caso contrário, os países latino-americanos devem aceitar a pronta ação dos EUA quando a vida e a liberdade das nações estiverem em jogo, como a da República Dominicana.”³⁵¹

A Conferência do Rio, encontro que ocorria periodicamente nesta cidade, e onde se reuniam os representantes dos países membros da OEA, o tema da pauta na chamada extraordinária, no ano de 1965, foram os “reflexos” da Revolução Cubana para a América Latina. Noticiado pelo **Jornal do Brasil**, em sua edição de 24 de outubro do mesmo ano, podemos perceber como estes temas estavam reverberando junto à grande imprensa:

Os reflexos retardados da Revolução Cubana, contidos nos últimos informes da OEA, deverão revigorar, na II Conferência Interamericana Extraordinária, convocada para 17 de novembro próximo, no Rio, os debates sobre a infiltração comunista na América Latina. O documento da OEA, prevendo clima político do hemisfério durante a conferência, afirma que o mundo, “sobretudo a América Latina” continua virtualmente em guerra, pois a paz no continente tem sido uma continuação da guerra subterrânea de sublevação que expõe as democracias ao comunismo internacional”. [...] Dentro do princípio de que a revolução cubana, ocorrida há seis anos, é um processo que se desdobra em muitos estágios, a II Conferência Internacional Extraordinária, no Hotel Glória, debaterá reflexos do regime castrista, que o informe da OEA situa como base central da subversão no continente. [...] a manutenção do regime cubano, permitindo a ação subversiva do comunismo na América, propaga o marxismo em todos os países membros da OEA. [...] concomitantemente à

³⁴⁹ Alguns países, como Argentina, Brasil, México, Chile e Colômbia estavam revisando e modificando a política econômica, fomentando o desenvolvimento interno, empenhados em diminuir sua dependência dos EUA e diversificar suas relações comerciais e políticas. No caso do Brasil, durante os mandatos de Getúlio Vargas, houve um grande incentivo para o crescimento do setor industrial e uma enérgica intervenção do Estado na economia. Ver: SAMORAL, M. L. Op. Cit. p. 441.

³⁵⁰ SAMORAL, M. L. Op. Cit. p. 439-442.

³⁵¹ GILMORE, Kenneth . O Atrevido Plano de Subversão de Cuba. **Seleções**. Tomo XLVIII, nº 286, nov. 1965, p. 143.

preparação de agentes, ainda hoje em Cuba uma série de reuniões, conferências e congressos com o objetivo de discutir planos e fixar metas e diretivas que devem ser seguidas durante a ação comunista na América Latina.. [...] sobre os reflexos que a revolução cubana ainda produz, admite-se que a maioria dos países membros, através de normas de ação, tentará impedir a marcha subversiva no Hemisfério.³⁵²

Não eram somente os anticomunistas americanos que contestavam a política externa norte-americana vigente. O mesmo acontecia com uma certa elite latino-americana, como podemos observar na fala do ex-presidente da Costa Rica, José Figueres, na edição de **Seleções** de novembro de 1961:

Hoje com Cuba sólidamente no campo comunista, fico desolado ao ver que os norte-americanos perguntam apenas: “Que podemos fazer para derrubar Castro?” [...] Em vez disso, a pergunta deveria ser: “Como poderemos, juntos, americanos dos Estados Unidos e americanos da América Latina, salvar todo hemisfério[...] Só a América Latina pode rapidamente fazer pender a balança do poder para um lado ou para o outro. Aqui, talvez durante os próximos dez anos, se ferirá a batalha decisiva da guerra fria. A América latina é um vasto vácuo do poder. A Europa prostrada no pós-guerra também era um vácuo. Vocês o encheram ajudando a lançar um renascimento democrático europeu. As suas recompensas foram aliadas fortes e mercados ricos para exportações. Essa realização deve ser repetida no nosso hemisfério [...] Ajudem-nos! Através de toda a América Latina a necessidade de mudança social está criando pequenos movimentos agressivos, cujos líderes querem, mas que não sabem para que lado se voltar: se para o socialismo, para o comunismo ou para a economia mista [...] a nossa principal esperança está no povo dos Estados Unidos”³⁵³

Continuando seu artigo, Figueres clamava por auxílio, lembrando que, esquecidos e ressentidos, os latino-americanos acusavam os norte-americanos de exploração e de tratarem suas nações como meras colônias de nações industrializadas.³⁵⁴ Encerrando suas considerações, insistia: “Compartilhem conosco a sua democracia e nós compartilharemos com vocês o seu destino”.³⁵⁵

³⁵² CONFERÊNCIA do Rio de Janeiro debaterá infiltração comunista. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 1º Caderno 24.10.65 p. 14.

³⁵³ FIGUERES, José. [Ex-presidente da Costa Rica]. Estados Unidos e América Latina. **Seleções**. Tomo XXXIX, nº 238, nov. 1961, p. 47.

³⁵⁴ O Governo dos EUA eram acusados de tratar os países latino-americanos como “um rebanho submisso, sem vontade ou autonomia”. O secretário de Estado Foster Dulles, nos anos cinquenta, reunia os Embaixadores latinos, não para debater problemas, mas para comunicar decisões já tomadas pelas autoridades norte-americanas. Ver: BANDEIRA. M. Op. Cit. 1973, p. 377.

³⁵⁵ FIGUERES, José. [Ex-presidente da Costa Rica]. Estados Unidos e América Latina. **Seleções**. Tomo XXXIX, nº 238, nov. 1961, p. 54.

A revista **Seleções** publicou abundante material, notadamente na primeira metade da década de sessenta, denunciando o perigo comunista que ameaçava a América Latina, ameaça esta intrinsecamente ligada aos desdobramentos da Revolução Cubana. Na edição de dezembro de 1961, a revista discorria sobre os problemas e alternativas propostas para melhorar o padrão de vida dos latino-americanos, haja vista que: “Muito mais da metade nada possui além da roupa do corpo e uns miseráveis cacarecos domésticos”. Era preciso evitar que populações em tão precárias condições se deixassem seduzir pelas propostas socialistas: “Para gente doente e faminta, que vive na sua maioria em condições de grave injustiça, podem ser tentadoras as promessas comunistas fidelistas. A verdade é que o preço de tais promessas é a sua liberdade [...]”.³⁵⁶ A lista de problemas a serem enfrentados era longa e a solução demorada:

A procriação sem limites, que agrava tantos dos outros problemas [...] O analfabetismo e a pobreza em grande escala, o desgoverno generalizado, as animosidades de raça e de classe, o crescente ressentimento contra os Estados Unidos, o apaixonado faccionismo político, o gosto pela intriga e pela violência, pelo lucro fácil e pela ostentação, tudo isto incongruentemente misturado a lamúrias e com tendência para pôr a culpa nos outros – estas coisas não vão mudar da noite para o dia, e algumas delas nem mesmo em geração.³⁵⁷

Seleções apontava dificuldades na execução de mudanças em nosso continente, qualificando os latinos como “nacionalistas revoltados”, que “mostram-se supersuscetíveis no tocante a seus direitos e dignidade nacional, intolerantes às objeções, irritáveis ante as frustrações e, geralmente, um tanto insensatos”. Apesar de todos esses atributos negativos, o articulista “compreendia” que estavam querendo mostrar ao mundo que não eram povos retrógrados e nem suas nações, países de segunda classe. Ressaltava que somente neste intenso anseio por melhoria social e soberania política e econômica poderia se compreender melhor a importância de Fidel Castro: “Na América Latina, Castro é um símbolo”. Dizia não acreditar nas possibilidades de uma revolução do tipo cubano tomar conta da América Latina, no sentido literal, pois o orgulho nacional existente não consentiria que “um líder político conquiste posição simplesmente como discípulo de um

³⁵⁶ MARIN, Luiz Muñoz. [Gov de Porto Rico]. Como a América Latina Pode Salvar-se do Castrismo. [Condensado do “This Week”]. **Seleções**. Tomo XLI, nº 245, jun. 1962, p. 40.

³⁵⁷ COUGHLAN, Robert. A Hora da América Latina. [Condensado de “Life”]. **Seleções**. Tomo XXXIX, nº 239, dez. 1961, p. 43.

estrangeiro”, referindo-se a Fidel. Mas o grande significado de Castro e sua Revolução para a América Latina eram de que “Castro fêz as revoluções parecerem exeqüíveis. Estimulados por seu exemplo, os ‘reformadores’ se animam agora a declarar que não bastam mais simples reformas, que se impõe ‘uma solução radical’”.³⁵⁸ Portanto eram necessárias providências urgentes para evitar o caos. Os latino-americanos encontravam-se numa encruzilhada: “Uma estrada poderá levá-los ao castrismo e o fim de tôdas as suas liberdades. Pela outra estrada poderão encaminhar-se de maneira pacífica e democrática para a prosperidade, a saúde e a esperança. Do resultado da sua luta depende o destino da liberdade neste hemisfério”.³⁵⁹

Outro texto editado pelo periódico ressaltava que estas preocupações não eram infundadas, pois, no dia 6 de janeiro de 1961, Nikita kruschev proferira longo discurso no qual esboçara seus planos e estratégias para alcançar seu objetivo: a vitória final do comunismo: “Khrushchev deixou claro que a maneira de alcançá-lo *não* é a guerra nuclear. [...] Mas outras espécie de guerras ‘levantes nacionais’ e ‘guerras de libertação nacional’ devem ser incentivadas de tôdas maneiras. Como exemplo dessas guerras desejáveis, Khrushchev citou a campanha de guerrilhas do Vietname e a revolução de Castro em Cuba”.³⁶⁰ Assim, Fidel Castro, em conluio com os soviéticos e através das táticas de guerrilha, estaria planejando converter o continente americano ao comunismo. Nestes escritos de junho de 1962, podemos acompanhar o temor que o assunto gerava:

Uma preocupação de qualquer pessoa ponderada hoje em dia é a de como poderia sustar-se o alastramento de uma revolução do tipo cubano pela América Latina. O que preocupa não é o fato de haver uma revolução em Cuba. A revolução já era há muito necessária. O mal é a maneira pela qual Fidel Castro lançou sem necessidade a revolução aos pés do totalitarismo soviético. É evidente agora que os agentes de Havana e de Moscou estão agindo de comum acôrdo para subverter tôdas as outras nações latino-americanas.³⁶¹

³⁵⁸ COUGHLAN, Robert. A Hora da América Latina. [Condensado de “Life”]. **Seleções**. Tomo XXXIX, nº 239, dez. 1961, p. 45.

³⁵⁹ MARIN, Luiz Muñoz. Como a América Latina Pode Salvar-se do Castrismo. [Gov de Porto Rico]. **Seleções**. Tomo XLI, nº 245, jun. 1962, p. 42.

³⁶⁰ ALSOP, Stewart. Grande Estratégia de Kennedy. [Condensado de “The Saturday Evening Post”]. **Seleções**. Tomo XLII, nº 249, out. 1962, p. 45.

³⁶¹ Como a América Latina Pode Salvar-se do Castrismo. **Seleções**. Tomo XLI, nº 245, jun. 1962, p. 39.

Na edição de **Seleções** de março de 1962, um professor de História escrevia a respeito da América Latina, assinalando que a causa da democracia estava sendo, marcadamente, desservida neste continente. Medidas eram necessárias para reverter este quadro:

Cuba é apenas um exemplo. A história recente de Vargas, de Perón atesta a fraqueza das instituições democráticas em importantes países como o Brasil e a Argentina. A democracia não se limita a fazer exigências psicológicas aos que a praticam; requer também para a sua sobrevivência condições econômicas especiais. Se selecionarmos os países com padrão de vida mais alto, a coincidência entre as nações e as democracias estáveis será imediatamente visível. De fato, a democracia precisa de riqueza como condição da sua sobrevivência. A disputa social pelo pão e pela casa deve ser facilitada; do contrário, os pobres e deserdados sentirão a tentação de levantar-se para atenuar sua pobreza contra o homem que está de cima.³⁶²

Robert McNamara, em visita ao Brasil, em outubro de 1968, ocupando então o cargo de presidente do Banco Mundial, falava à revista **Veja** sobre a necessidade de estabelecer programas de desenvolvimento econômico que proporcionassem aumento da renda *per capita*. Para McNamara, estes programas resultariam em melhorias no nível de vida da população, fator que ajudaria a afastar o perigo comunista: “No campo democrático, entre 27 nações com renda *per capita* acima de 2900 dólares, apenas uma sofreu insurreição violenta entre 1958 e 1966. Nos países com renda inferior houve 148 insurreições, das quais 58 com participação de comunistas. [...] Colaborando com o desenvolvimento das nações pobres, as nações ricas estarão garantindo sua própria segurança”.³⁶³

Para a revista **Seleções**, o Brasil ocupava posição de destaque e liderança na América Latina, “imbuindo-se de um *destino manifesto*, quase como o dos Estados Unidos na década de 1840”. No âmbito geral, a América Latina estaria dominada pelo atraso, pobreza, fome, superpopulação, analfabetismo, ressentimentos sociais, latifúndios improdutivos, concentração de renda, emprego ilícito do dinheiro público, etc. Em suas considerações, o redator assinalava no artigo publicado, em dezembro de 1961:

³⁶² DEGLER, Carl N. [Professor adjunto de História do Vassar College] Confiaremos demais na democracia? [Condensado do “times” Nova York]. **Seleções**. Tomo XLI, nº 242, mar. 1962, p. 33.

³⁶³ CRESCER e Multiplicar, Dividir Como? **Veja**. São Paulo. .nº 8, 30 out.1968, p. 22.

[...] que o corolário principal era de que os Estados Unidos deveriam tentar influir nos acontecimento [...] Ainda que os EUA devam evitar qualquer resquício da obsoleta ‘política de intervenção’, não poderiam ficar indiferentes aos riscos que corria a ‘democracia’ e alertava: [...] evidente é que são prováveis as revoluções em muitos países da América Latina, provocadas por esquerdistas radicais contrários aos Estados Unidos e adeptos da União Soviética, a menos que sejam tomadas providências no sentido de aplacar os ressentimentos”.³⁶⁴

A Aliança Para o Progresso – O Plano anti-Castro

Seleções anunciava, em sua edição de junho de 1962, que, felizmente, estava em marcha um movimento deliberado para promover a revolução pacífica na América Latina, a única alternativa para evitar a revolução violenta: “A Aliança Para o Progresso, assinada em Punta Del Este, no Uruguai, a 17 de agosto de 1961, empenha os Estados Unidos e a América Latina com o apoio financeiro e a cooperação técnica dos Estados Unidos”. Os recursos concedidos pela Aliança seriam investidos em Reforma Agrária, Reforma Tributária, Água e Energia Elétrica, habitação, Industrialização e saúde pública. Esta era a forma de promover o desenvolvimento das nações latinas e aquietar as preocupações concernentes à propagação do comunismo no continente americano:

Em essência, *ela* é a política dos Estados Unidos. Seus conceitos básicos são, realmente, os pilares da “Aliança Para o Progresso” do governo Kennedy. Os ministros de economia americanos e latino-americanos que se reuniram no Uruguai em agosto de 1961 puseram sua máquina a funcionar. A economia é o eixo em torno do qual gira tudo o mais. [...] A finalidade do plano, segundo as palavras do Presidente Kennedy, é “demonstrar ao mundo inteiro que as aspirações humanas de progresso econômico e justiça social poderão ser bem mais satisfeitas por homens livres trabalhando dentro de uma estrutura de instituições democráticas. [...] Para desfrutar dos benefícios do plano, cada governo deve, inicialmente, estar disposto “as reformas sociais, inclusive a reforma agrária e a de tributação” [...] o povo latino-americano precisa saber que os Estados Unidos harmonizaram sua política oficial com suas próprias aspirações. No fim, a despeito de tudo, bem pode acontecer que o plano não tenha êxito. Os obstáculos são enormes. Mas vale muito a pena tentar fazê-lo funcionar, porque as consequências de seu fracasso podem representar um desastre político e humano em escala tão grande como o Hemisfério Ocidental.”³⁶⁵

³⁶⁴ COUGHLAN, Robert. A Hora da América Latina. [Condensado de “Life”]. **Seleções**. Tomo XXXIX, nº 239, dez. 1961, p. 47.

³⁶⁵ Idem. p. 47-48.

A Aliança Para o Progresso, também conhecida como *Plano Castro*³⁶⁶, lançada por Kennedy, em 1961, já era uma aspiração de Dwight Eisenhower e continuou com Lyndon Johnson. As autoridades políticas americanas acreditavam que, com uma ajuda externa eficaz, as nações pobres ingressariam no rol dos países desenvolvidos, afastando assim o perigo comunista.³⁶⁷ Na reunião extraordinária convocada pela OEA e realizada em Punta Del Este, Uruguai, em agosto de 1961, foi instituída a Aliança Para o Progresso. Dentre as deliberações deste encontro, sobressaíam medidas de apoio a operações que contra-atacassem “insurreições” e lutas de guerrilha. Nesta mesma ocasião, Cuba foi expulsa da OEA³⁶⁸. Em suma: a Aliança Para o Progresso foi a resposta norte-americana à Revolução Cubana³⁶⁹ e a “fórmula” encontrada para conter a expansão comunista.

Inspirado no Plano Marshall, este programa teria por finalidade promover uma distribuição de renda mais justa, que juntamente com reformas agrária e fiscal, melhorias no campo da educação e saneamento básico, investimento em moradias populares, compensaria o atraso e aliviaria o problema social do continente latino. Em suma, seria: um modo de “revolução desde cima” com o propósito de abortar as “revoluções desde abaixo”. As propostas contidas neste plano harmonizavam-se com os preceitos de colaboração estabelecidos na política da *boa vizinhança*³⁷⁰, dentro do espírito de *pan-americanismo*.³⁷¹

O lançamento da Aliança Para o Progresso, encabeçada pelos Estados Unidos e contando com a cooperação de países europeus ocidentais, teve ampla repercussão na imprensa, como pudemos apurar nas leituras dos jornais e revistas da época. Pela importância do acontecimento, o jornal **O Globo**, no ano de 1962, concedeu amplo espaço, em seu suplemento dominical, para explicar que o programa consistia “um vasto esforço

³⁶⁶ Como foi batizada, ironicamente, a Aliança Para o Progresso, por alguns americanos. Ver: BANDEIRA. M. Op. Cit. 1973, p. 422.

³⁶⁷ GORDON, L. Op. Cit. p. 36.

³⁶⁸ O México opô-se à expulsão de Cuba. O Brasil, também contrário à expulsão, apresentou uma proposta intermediária, através de seu ministro do Exterior, San Tiago Dantas: censurá-la, considerando “incompatível” o regime cubano e os princípios que regiam a OEA. Por considerar que Dantas estaria protegendo os cubanos, o senador Hickenlooper, integrante da delegação americana, apelida-o de “Santiago de Cuba”, Ver: GORDON, L. Op. Cit. p. 320.

³⁶⁹ FONSECA Sobrinho, Délcio da. **Estado e População**: uma história do planejamento familiar no Brasil. Rio de Janeiro. Rosa dos Tempos : FNUAP, 1993, p. 84.

³⁷⁰ SAMORAL, M. L. Op. Cit. p. 457.

³⁷¹ Jucelino Kubitschek se empenhara em desenvolver a Operação Pan-Americana (OPA). Em conversações com autoridades norte-americanas, argumentava que, ao invés de medidas de repressão, deveriam dar prioridade à luta contra o subdesenvolvimento, que gerava miséria e instabilidade política, se quisessem assegurar a democracia na América Latina. Para os EUA era a alternativa de combater o comunismo através de medidas econômicas e não militares. Ver: BANDEIRA. M. Op. Cit. 1973, p.382-389.

para propiciar vida melhor a todos os habitantes do continente”. Em virtude da virulência das críticas que o plano estava recebendo, o diário argumentava: “Se a América Latina tem entendido a Aliança Para o Progresso apenas como uma política que os Estados Unidos lhe ‘oferecem’, é porque faltou conhecimento íntimo que nosso trato se efetua, realmente, em pé de igualdade”. Da longa matéria publicada, reproduzimos alguns pontos das propostas contidas no programa:

- É a idéia inicial, proposta pelo presidente John F. Kennedy, em discurso pronunciado na Casa Branca, a 13 de março de 1961, perante representantes diplomáticos da América Latina, inspirou-se nos princípios consagrados na Carta da Organização dos Estados Americanos, na operação Pan-americana, proposta pelo Presidente Jucelino Kubitschek, e na convicção que só a liberdade e as instituições democráticas podem assegurar condições reais para a solução do problema de desenvolvimento econômico e progresso social sem ferir os direitos dos homens, a soberania das nações e a autodeterminação dos povos.
- Embora apoiada em grande parte, na capacidade atual dos Estados Unidos de ajudar cada programa social, a Aliança para o Progresso não é um programa norte-americano. É um programa proposto pelo presidente dos Estados Unidos para toda a América Latina e por esta, com exceção de Cuba, entusiasticamente aceito.
- Convidamos nossos amigos da América Latina a contribuírem para o enriquecimento da vida e cultura dos Estados Unidos. Precisamos de professores versados em literatura, História³⁷² e tradições latino-americanas, precisamos de oportunidade para que nossos jovens possam estudar nas universidades latino-americanas; precisamos de acesso à música, à arte, e aos grandes filósofos da América Latina. Porque sabemos que temos muito a aprender [...] e contribuir para aumentar a compreensão e o respeito mútuo entre todas as nações do hemisfério.³⁷³

A Aliança Para o Progresso se apresentava como o maior programa de ajuda externa concedida até então. Num primeiro momento, pareceu infundado o receio das nações latinas de que fosse mais um instrumento de controle, dando continuidade à política hegemônica norte-americana. Porém, na aplicação dos recursos, voltaram a surgir os velhos problemas que dificultavam as relações comerciais entre Estados Unidos e América Latina. Apesar das inúmeras declarações sobre o anseio dos EUA pelo desenvolvimento do

³⁷² José Honório Rodrigues, historiador e membro da Academia Brasileira de Letras, comentava, em 1975, que as bibliotecas públicas e universitárias americanas possuíam riquíssimo acervo sobre a América Latina, porém pouco pesquisado até o final da década de 50. Centralizado na Biblioteca do Congresso, numa demonstração de inteligência política (o Congresso representa um grande papel no governo norte-americano), reunia a maior e melhor informação sobre a América Latina. A partir de 1960, intensificaram-se os estudos sobre este continente. E foi também a partir de 1960 que ocorreu o impulso que favoreceu a formação, na década de 60/70, de 600 *brazilianists*. *Os estudos brasileiros e os “brazilianists”*. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 21 dez.1975, p. 6.

³⁷³ Esta matéria foi publicada em suplemento especial (avulso) do jornal **O Globo** e encontra-se arquivado no Museu da Imagem e do Som de Porto Alegre. Somente foi possível ler “ano de 1962, página 13”.

continente, continuaram a impor barreiras à entrada de produtos latinos no mercado americano. Os países latinos não tiveram autonomia para aplicação dos recursos disponibilizados, o que poderia ter sido de valiosa ajuda para seu desenvolvimento. As liberações de verbas estavam condicionadas a imposições e interesses dos Estados Unidos.³⁷⁴ A Aliança não alcançou os objetivos propostos e acabou representando mais uma forma de intervenção indireta nos assuntos internos das nações da América Latina. Os Estados Unidos, premidos pela ameaça comunista, acabaram utilizando, mais uma vez, sua supremacia econômica como um meio de controlar, desde fora, o cenário social e econômico do nosso continente.³⁷⁵

Lincoln Gordon, nomeado por Kennedy para o cargo de embaixador no Brasil, no período de 1961 a 1966, fala em seu livro, *A Segunda Chance do Brasil*, que sua missão tinha como principal objetivo acompanhar e desenvolver o projeto da Aliança em nosso país. Gordon afirma que sua maior motivação e interesse eram “fazer do Brasil um exemplo de sucesso da Aliança para o Progresso, cabendo ao Brasil um lugar de destaque e liderança na aplicação do plano”.³⁷⁶ De acordo com suas palavras, uma das decepções de Kennedy seria o pouco entusiasmo³⁷⁷ que demonstrava o governo brasileiro³⁷⁸ diante de projeto de tamanha envergadura, que visava ajudar a América Latina a enfrentar seus graves problemas sociais e econômicos e não impor o modo de vida americano, como alardeavam os adversários. Cabe ainda destacar, conforme indica o livro, que no período de rivalidades, marcado pela Guerra Fria, o Brasil representava um prêmio de especial importância para os competidores.³⁷⁹ Destacava o autor que Kruchev, “com sapatadas na

³⁷⁴ A maior parte do dinheiro recebido através da Aliança Para o Progresso tinha que ser destinado, obrigatoriamente, para a compra de produtos americanos. Muitas vezes estes produtos se encontravam de 50 a 100% mais caros que no mercado internacional. Sem mencionar que muitos, já obsoletos para os americanos, somente tinham saída no mercado latino. Para o transporte dessas mercadorias, no mais das vezes, era exigência a utilização de barcos norte-americanos e o seguro dos produtos feito por companhias da mesma nacionalidade. Ver: SAMORAL, M. L. Op. Cit. p. 458.

³⁷⁵ SAMORAL, M. L. Op. Cit. p. 458-468.

³⁷⁶ GORDON, L. Op. Cit. p. 315.

³⁷⁷ Roberto Campos, que ocupava o cargo de Embaixador em Washington, divulgou nota refutando as acusações do governo americano de malversação dos empréstimos concedidos ao Brasil, mostrando que a ajuda estava muito aquém do prometido e a liberação condicionada à aquisição de bens e serviços americanos, ocupando, assim, a capacidade ociosa de suas indústrias. Ver: BANDEIRA.M. Op. Cit. 1973, p. 436

³⁷⁸ Embora continuassem as divergências sobre a aplicação dos recursos, com a chegada dos militares ao poder, o Brasil tornou-se o maior tomador de empréstimos do Banco Mundial e dos Estados Unidos, através da Aliança Para o Progresso. Ver: GORDON, L. Op. Cit. p. 281.

³⁷⁹ Idem. p. 20

mesa, nas Nações Unidas”, ameaçara: “enterraremos vocês”. Com Cuba sob o domínio comunista, os soviéticos estariam tentando consolidar sua influência sobre o Brasil para “a partir da localização estratégica do país” expandi-la por todo hemisfério.³⁸⁰

O Brasil em Seleções

O Brasil também era destaque nas publicações da revista **Seleções**, quer em forma de artigos ou de referências em suas publicações. Em setembro de 1961, o periódico dedicou extenso artigo sobre o Brasil de Jânio Quadros, evidenciando a importância, ou a preocupação que o tema inspirava: “Um dos maiores pontos de interrogação na América Latina atualmente é a grande e cada vez mais poderosa nação brasileira – o Brasil de Jânio Quadros”. O texto destacava que Jânio chegara ao poder com a maior votação popular da história brasileira: “irrompeu no mundo como o próprio Brasil – temperamental, erigido de independência, perseguido pela pobreza, lutando para aprender, ávido de grandeza”. Prometia varrer a corrupção e a ineficiência governamental, livrar o país do atraso social e econômico e lutar contra “os incômodos sentimentos de inferioridade latino-americanos em face ao mundo”. E Jânio deixava bem claro: “Só o assassinato me fará parar”.³⁸¹

Da leitura do texto depreende-se a preocupação norte-americana quanto aos rumos da política externa “independente” de Quadros, que, ao contrário dos governos anteriores, parecia discordar de muitas das decisões dos Estados Unidos em relação à América Latina:

Essa aliança fiel não está absolutamente assegurada durante o govêrno de Jânio Quadros. Logo depois de sua posse em janeiro, Adolfo A. Berle, chefe da força-tarefa latino-americana do Presidente Kennedy, tomou o avião para Brasília, em busca da cooperação ou, ao menos, da abstenção do Brasil nos esforços dos Estados Unidos para derrubar Castro. “O Brasil”, respondeu prontamente Jânio Quadros, “opõe-se a intervenção em qualquer nação e sob qualquer forma – intervenção política, intervenção econômica, intervenção militar.”³⁸²

Na continuidade do artigo, **Seleções** reproduzia a opinião “do jornal independente do Rio, *O Globo*”, que escrevera quando da posse de Jânio: “Não será facilmente

³⁸⁰ GORDON, L. Op. Cit. p. 363.

³⁸¹ Jânio: Nova Era Para o Brasil. [Condensado do “Time”]. **Seleções**. Tomo XL, nº. 236, set. 1961, p. 39.

³⁸² GORDON, L. Op. Cit. p. 40.

influenciado por ninguém. Poderá ser um grande Presidente. Mas não será por certo um Presidente Fácil”. Segundo a revista, para “derreter um pouco o gelo”, os Estados Unidos haviam oferecido um empréstimo imediato de 100 milhões de dólares, recusados por Jânio, que negociava empréstimos com a Cortina de Ferro. Além deste rompante, falava em reatar relações com a União Soviética, rompidas há 14 anos e acenava para a China Vermelha. Mesmo assim, o governo americano “prodigalizava” para Jânio o maior fluxo de ajuda para uma nação latino-americana: algo em torno de um bilhão de dólares. Alegando que não havia alternativa, a revista ponderava: “Um Brasil forte e sadio não assegura a democracia na América Latina, mas é certo que, se o Brasil não der tal segurança, pouco serão os outros países que a darão. [...] Se os Estados Unidos perderem a Guatemala, Costa Rica e a Ilha de Cuba, não serão tão graves as conseqüências. Mas se perderem o Brasil, perderão o equilíbrio das fôrças na América Latina”.³⁸³

Para o periódico, Jânio, em muitas oportunidades, apresentava um comportamento excêntrico e ambíguo. Quando de sua campanha à presidência “obra prima de política fora das regras”, além de desaparecer num cargueiro que o levava ao Japão, o candidato à presidência corria o mundo, “posando ao lado de Hiroíto, Nehru, Bem Gurion, o Papa João XXIII, Tito, Khrushchev – em suma, com todo mundo, exceto o Presidente Eisenhower”. Mesmo assim apostavam no espírito democrático de Quadros: “Na sua marcha impetuosa, Jânio aceitou o auxílio de todos, inclusive dos comunistas, que o consideravam um ‘inocente útil’. Ele, porém, se jactava: ‘Não são eles que se servem de mim, e, sim, eu deles’”.³⁸⁴

Porém, **Seleções** alertava que focos de subversão surgiam no Nordeste brasileiro, pedindo a atenção e providências do recém-eleito presidente: “Já estão acesas as fogueiras nos Estados do Nordeste flagelados pela sêca, onde as Ligas Camponesas do discípulo de Castro, Francisco Julião, atacam propriedades e fazem distúrbios nas cidades”. Agitadores promoviam desordens na conturbada cidade de Recife: “Estudantes esquerdistas promoveram distúrbios no Recife em conseqüência da recusa pela universidade de deixar que Célia, a mãe de ‘Che’ Guevara, fizesse um discurso fidelista, o Presidente mandou para lá a Marinha e os fuzileiros. Espalhando-se pelo inflamado Nordeste, invadiram baluartes

³⁸³ Jânio: Nova Era Para o Brasil. [Condensado do “Time”]. **Seleções**. Tomo XL, nº. 236, set. 1961, p. 40-41.

³⁸⁴ Idem. p. 43-44.

das Ligas Camponesas para apreender propaganda e armas contrabandeadas de Cuba”. Jânio também estaria empenhado em eliminar a forte infiltração comunista no trabalhismo brasileiro.³⁸⁵

Por estas atitudes, concluí, em depoimento à revista, um tarimbado diplomata americano no Rio de Janeiro, em depoimento a revista, seria pouco duradouro o “namoro” de Jânio com os países da Cortina de Ferro: “Se, Khrushchev pensa que pode embrulhar Jânio Quadros, está muito enganado”. E no que se referia à Cuba, o novo governo estaria usando de uma estratégia, aclarava um diplomata brasileiro: “Não poderemos aceitar o comunismo em Cuba permanentemente. Mas se tomarmos partido muito cedo, perderemos toda a influência. Não mais poderemos agir eficazmente para realizar nosso objetivo principal, que é o mesmo de vocês: restaurar Cuba para a comunidade das Américas”.

Ao finalizar a reportagem, o articulista enfatizava que Jânio estava empenhado em tornar o Brasil uma grande potência independente “que não receba sugestões de ninguém”. Este sentimento de independência valorizaria o Brasil e Jânio: “Os brasileiros alegam que isso também será benéfico para os Estados Unidos e para o hemisfério. O Brasil poderá ser melhor aliado dos Estados Unidos, sendo uma democracia forte e independente tratando em pé de igualdade”. Mas não deixava de registrar a discordância dos EUA quanto a política externa adotada por Quadros: “Pode ser que não nos agrade o fato de haver o Brasil adotado o que o Presidente Jânio Quadros chama de política externa independente e que nós poderíamos chamar de neutralista”, mas era aceitável na medida que o Brasil se mantivesse um país democrático e amigo.³⁸⁶

Segundo Moniz Bandeira, Fidel Castro e Jânio Quadros eram as duas personalidades latino-americanas que mais despertavam interesse em Kennedy. O primeiro, por ter desafiado os Estados Unidos com sua revolução, e o segundo, como possível aliado, que, eleito dentro de um sistema democrático, despontava como um líder corajoso e inovador, podendo constituir-se uma alternativa ao modelo fidelista para as nações do continente.³⁸⁷ Porém, a política “independente”³⁸⁸ adotada por Jânio Quadros estava sendo

³⁸⁵ Jânio: Nova Era Para o Brasil. [Condensado do “Time”]. **Seleções**. Tomo XL, nº. 236, set. 1961, p. 45.

³⁸⁶ Idem. p. 46.

³⁸⁷ BANDEIRA, M. Op. Cit. 1973, p. 405.

³⁸⁸ Esta política externa independente teve continuidade no governo de João Goulart. Tendo a frente San Tiago Dantas, restabeleceu relações diplomáticas com a URSS e continuou a rechaçar as tentativas dos EUA

interpretada como “antiamericanismo mal disfarçado”, que acabava favorecendo as relações com os países comunistas e do Terceiro Mundo “em lugar da associação tradicional do Brasil com os Estados Unidos”.³⁸⁹

Inúmeras acusações eram dirigidas a Jânio Quadros: enviara seu vice, João Goulart, em missão oficial à China Popular;³⁹⁰ condecorara os participantes da Missão da Boa Vontade da União Soviética e o astronauta Yuri Gagarin; escrevera a Krushev queixando-se da insuficiência da ajuda Ocidental e, num gesto de afronta, concedera a mais importante distinção brasileira, a Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul, ao Ministro da Economia de Cuba, Ernesto “Che” Guevara, que visitava o país. Este gesto provocou indignação entre Generais, Almirantes e Brigadeiros, que ameaçaram devolver as medalhas que já haviam recebido³⁹¹. Jânio também se mostrava favorável ao reatamento diplomático com a URSS, pelo reconhecimento da China Popular e pela legalidade do PCB.³⁹²

Simpático à Revolução Cubana, e ainda em campanha eleitoral, Quadros visitara Cuba em abril de 1960, a convite de Castro. Num golpe de publicidade que teve ampla repercussão, a revista **Manchete**, em sua edição de 16 de abril de 1960, noticiava a visita. Na ocasião, o deputado Francisco Julião, um dos integrantes da numerosa comitiva, “apresentou as saudações e os cumprimentos das Ligas Camponesas do Brasil” a Fidel Castro. Destacamos abaixo parte do diálogo entre Jânio e Fidel:³⁹³

Jânio – Venho ao seu encontro para ver de perto a obra de sua revolução. É uma honra para mim visitá-lo.

Fidel – A honra é minha. Espero que seus dias em meu país sejam os mais agradáveis possíveis.

Jânio – Vim também com o objetivo de poder depois explicar aos brasileiros o sentido de sua revolução, que é hoje a admiração do mundo.³⁹⁴

para que o Brasil aprovasse sanções contra Cuba, sob a cobertura da OEA. Ver: BANDEIRA, M. Op. Cit. 1973, p. 420.

³⁸⁹ GORDON, L. Op. Cit. p. 93.

³⁹⁰ Corriam boatos na época que Jânio Quadros acreditava que o êxito soviético com o lançamento do *sputnik*, passando a frente dos norte-americanos na conquista do espaço, colocava os russos como vencedores da Guerra Fria. Ver: GORDON, L. Op. Cit. p. 280.

³⁹¹ BANDEIRA, M. Op. Cit. 1973. p. 413.

³⁹² Idem. p. 403.

³⁹³ A embaixada brasileira em Havana recepcionou o encontro entre Jânio, sua comitiva e Fidel Castro. Para constrangimento da delegação brasileira e aborrecimento de Fidel, antes de iniciar a entrevista, sumiu o revolver de estimação que Castro havia deixado sobre a mesa. Chapeado em ouro e tendo seu nome gravado, fora presenteado por Che Guevara. **Manchete**. Rio de Janeiro. nº 407, 16. abr. 1960, p. 6.

³⁹⁴ VASSOURA e Sierra Maestra na Base da Rumba. **Manchete**. Rio de Janeiro. nº 407, 16.abr.1960, p. 6.

Em 25 de agosto de 1961, com menos de sete meses no cargo, Jânio surpreendeu os brasileiros, e, particularmente, o governo dos Estados Unidos, renunciando à presidência do país.³⁹⁵ Tal episódio levou os anticomunistas ao desespero, pois seu vice, João Goulart, que assumiria a presidência, era conhecido como um político com articulações e trânsito entre a esquerda.³⁹⁶ Este acontecimento acabou desencadeando um dos maiores movimentos anticomunistas e que culminou no golpe militar de 31 de março de 1964,³⁹⁷ golpe este “que foi um dos episódios mais importantes da ‘guerra fria’ na América Latina”,³⁹⁸ continente que ainda estava sob o impacto da Revolução Cubana.

Foi em consequência do golpe que derrubou João Goulart que o Brasil voltou a ser destaque nas páginas da revista **Seleções**, merecendo um longo e minucioso “artigo especial”. Com o título “A Nação Que se Salvou a Si Mesma”, publicado em forma de encarte³⁹⁹ na edição de novembro de 1964, a revista se propunha a contar: “A história inspiradora de como um povo se rebelou e impediu os comunistas de tomarem conta de seu país”. Podemos verificar na narrativa desta revista, e com os desdobramentos resultantes da publicação deste artigo, a evidente proximidade entre a imprensa e o poder instituído. E, como lembra Rodrigo Motta, os órgãos de imprensa acabaram exercendo grande influência na difusão das representações anticomunistas, muitas vezes se antecipando ou secundando ao Estado nestas campanhas.⁴⁰⁰ Como foi possível verificar no decorrer da investigação, a revista obteve do novo governo, chefiado pelo Marechal Humberto Castelo Branco, “merecido reconhecimento” pelo seu empenho e explícito apoio à “causa democrática brasileira”. **Seleções** reafirmava sua posição ideológica e explicitava o objetivo de seu artigo:

Desde o seu primeiro número, um tema constante em *Seleções do Reader’s Digest* tem sido a ameaça que o comunismo representa para o nosso estilo democrático de vida. Nossa revista tem informado sobre a luta do comunismo internacional contra o mundo livre –

³⁹⁵ GORDON, L. Op. Cit. p.89.

³⁹⁶ MOTTA, R. P. S. Op. Cit. p. 234.

³⁹⁷ Idem. p. 31.

³⁹⁸ Idem. p. 277.

³⁹⁹ Parecia ser usual, na época, que periódicos conservadores fizessem uso de propaganda suplementar em forma de encartes e fascículos, com o objetivo de dar mais ênfase e obter maior alcance na campanha de denúncia sobre o perigo comunista. Ver: MOTTA, R. P. S. Op. Cit. p. 248. No caso deste encarte de **Seleções**, era oferecida a possibilidade de compra avulsa por reembolso postal.

⁴⁰⁰ MOTTA, R. P. S. Op. Cit. p. XXVII. (introdução)

desde Cuba à Coréia – mas não tinha tido ainda oportunidade de tratar de uma vitória tão significativa para a Democracia como a da revolução brasileira. Por isso decidimos dispensar a êste artigo um tratamento especial, publicando-o como livreto destacável da revista, para que, depois de lido, os leitores possam passá-lo aos amigos. Queremos também que você saiba, leitor patricio, que a publicação de *A Nação que se Salvou a si Mesma* será feita em 13 idiomas – entre os quais o japonês, o árabe e as principais línguas européias – em um total de mais de 25 milhões de pessoas do mundo inteiro terão oportunidade de meditar sôbre os motivos que levaram os brasileiros à revolução de 30 de março de 1964 – e compreender um acontecimento da mais alta importância para os destinos do homem.⁴⁰¹

Para a revista, raras nações estiveram tão próximas do desastre e alteraram um desfecho que já estava praticamente definido: “Nos calendários dos chefes vermelhos do Brasil – assim como de Moscou, Havana e Pequim – as etapas para a conquista do poder estavam marcadas com um círculo vermelho, primeiro, o caos; depois, guerra civil; por fim, o domínio comunista total”. Mas, para surpresa dos comunistas, o povo brasileiro defendeu corajosamente sua liberdade: “A rendição total parecia iminente... e então o povo disse: *Não!*”. Para o articulista, havia muito tempo que os “vermelhos” olhavam com cobiça para nosso país, pois, além de ser uma nação rica em recursos naturais, por sua localização geográfica tornava-se um ponto chave, tanto para contenção como a disseminação do comunismo. Excetuando-se o Chile e Equador, o Brasil faz fronteira com os demais 10 países da América do Sul: “[...] seu domínio direto ou indireto pelos comunistas oferecia excelentes oportunidades para subverter um vizinho após o outro. A captura dêste fabuloso potencial mudaria desastrosamente o equilíbrio de forças contra o Ocidente. Comparada com isso, a comunização de Cuba era insignificante”.⁴⁰²

As razões que motivaram o golpe, segundo **Seleções**, estavam ligadas à inflação galopante, à corrupção endêmica, levando ao caos econômico e social, solo fértil para uma insurreição comunista: “[...] a maioria concordava em que a explosão que viria seria sangrenta, comandada pela esquerda e com um elenco acentuadamente castrista. [...] O país estava realmente maduro para a colheita”. Mas, contrariando previsões, inesperadamente e sem violência, uma contra-revolução instaurou-se, arruinando os planos comunistas: “A sofrida classe média brasileira, sublevando-se em força bem organizada e poder completamente inesperado, fez sua própria revolução – e salvou o Brasil”.⁴⁰³ Em inúmeras

⁴⁰¹ HALL. Clarence W. *A Nação que se Salvou a si Mesma*. (Artigo Especial). **Seleções**. Tomo XLVI, nº 274, nov. 1964, p. 120.

⁴⁰² Idem. p. 95-96.

⁴⁰³ Idem. p. 96-97.

oportunidades no decorrer do texto, a revista reafirmava a importância da classe média na execução do golpe e na abertura de um novo caminho para o Brasil.

Lincoln Gordon, embaixador dos Estados Unidos no Brasil no período de 1961 a 1966, e que ficou conhecido como o “embaixador do Golpe”⁴⁰⁴, declarava para a revista: “Os futuros historiadores é bem possível que registrem a revolução brasileira como a mais decisiva vitória pela liberdade em meados do século XX. Esta foi uma revolução doméstica, feita com as próprias mãos, tanto na concepção como na execução. Nem um só dólar ou cérebro norte-americano foi empenhado nela!”⁴⁰⁵

A revista fazia um retrospecto dos anos que antecederam ao Golpe, como a renúncia de Jânio e a posse de seu vice, Goulart, “de tendências esquerdistas, mal chegado da China Vermelha”. Para o redator, Jango não era um comunista. Pensava estar se utilizando deles em proveito de sua ambição para perpetuar-se no poder. Porém, com esta conduta, abria as portas para a infiltração comunista no país.

Alarmados com o rumo dos acontecimentos e na tentativa de evitar o caos, alguns homens de negócios e profissionais liberais reuniram-se no Rio de Janeiro no final de 1961, e mais tarde em São Paulo, para propor uma ação conjunta a fim de afastar o “desastre” enquanto era tempo e “não quando os vermelhos já tiverem o controle completo do nosso governo!”. Dessas reuniões teria nascido o Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais (IPES), que, juntamente com outras Associações já existentes, procurava “descobrir como funcionava no Brasil o aparelho subterrâneo treinado por Moscou. O IPES formou seu próprio serviço de informações, uma força-tarefa de investigadores (vários dentro do próprio governo) para reunir, classificar e correlacionar informes sobre a extensão da infiltração vermelha no Brasil”.⁴⁰⁶ Como resultado destas investigações, descobrira-se

⁴⁰⁴ Gordon afirma em seu livro que não tomou conhecimento sobre uma possível participação dos EUA no Golpe de 64, como também nada sabia o embaixador americano no Chile quando do golpe que derrubou Allende, em 1973. Assegura que a derrubada de Jango foi obra dos militares brasileiros, “sem assistência ou aconselhamento dos EUA”, embora não negasse a disposição de apoiarem elementos que estivessem dispostos a evitar que o Brasil caísse sob o jugo de uma ditadura de esquerda, sob orientação comunista. Portanto, no seu entender, apoiavam, mas não intervinham, mantendo coerência com a política de “não intervenção”. Ver: GORDON, L. Op. Cit. p. 109-115.

⁴⁰⁵ HALL. Clarence W. A Nação que se Salvou a si Mesma. (Artigo Especial). **Seleções**. Tomo XLVI, nº 274, nov. 1964, p. 97.

⁴⁰⁶ A criação do IPES, assim como do Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), teria a participação de um outro grupo de empresários estrangeiros: *empresários americanos*, que pretendiam aumentar sua influência nos destinos da política nacional. Tal intento contou com a colaboração, experiência e verbas da CIA. O IPES contratou militares reformados para criar um aparelho de inteligência, com a finalidade de

muitos comunistas disfarçados “plantados” em postos chaves de órgãos governamentais e da administração federal.⁴⁰⁷

O texto acusava o Ministério da Educação de ser o “ninho” da subversão e seu Ministro, Darcy Ribeiro, íntimo de Goulart, de distribuir cartilhas cujo conteúdo serviria para disseminar o “ódio de classes marxista” entre os analfabetos. Outra Entidade “corrompida” era a União Nacional dos Estudantes (UNE), que, subsidiada pelo governo e sem necessidade de prestar contas, usava parte da verba para “financiar excursões à Cuba Vermelha e visitas a grupos irmãos de estudantes comunistas em outros países da América Latina”, além de distribuir impressos subversivos pró-Castro e panfletos inflamados de antiamericanismos. Nas sedes das organizações trabalhistas e na UNE fora encontrada enorme quantidade de filmes e impressos da Rússia, China Vermelha e Cuba, assim como posters de Castro, Khrushchev e Mao Tse-Tung, para distribuição como propaganda.⁴⁰⁸

Diversos assessores de Goulart eram acusados de comunistas, como Evandro de Lins e Silva, Procurador Geral da República, “eminente advogado, há muito defensor das causas comunistas”. Mas o principal problema era Brizola, cunhado de Goulart: “Ultranacionalista, odiando os Estados Unidos, Brizola era classificado como um homem temerariamente mais radical do que o próprio chefe vermelho, Luiz Carlos Prestes”. Conforme investigação dos peritos do IPES, Goulart e seus extremistas de esquerda imputavam aos “exploradores e sanguessugas norte-americanos” a causa das dificuldades pelas quais o Brasil estava passando. Esclarecia o redator, que era gente do Governo que estava desviando dinheiro público, inclusive as contribuições da Aliança Para o Progresso”. O principal acusado de malversação do dinheiro público era o próprio Goulart: “Enquanto Goulart insistia no confisco das propriedades dos latifundiários e na distribuição da terra aos camponeses, os registros de imóveis demonstram que ele rapidamente somava imensas propriedades às que já tinha”. Brizola⁴⁰⁹ era outro que enganava o povo. Enquanto nos seus discursos mostrava-se como um homem sem posses e defensor dos oprimidos, fora

colher dados sobre suposta infiltração comunista no governo Goulart. Ver: BANDEIRA.M.Op. Cit. 1973, p. 426.

⁴⁰⁷ HALL. Clarence W. A Nação que se Salvou a si Mesma. (Artigo Especial). **Seleções**. Tomo XLVI, nº 274, nov. 1964, p. 98.

⁴⁰⁸ Idem. p.115.

⁴⁰⁹ O radicalismo de Brizola atraiu a desconfiança dos anticomunistas, que o viam como um provável “Fidel” brasileiro e advertiam: “Fidel Castro só se declarou marxista-leninista depois de estar no poder. Antes, ele havia conseguido iludir até os americanos”. CALMON, S. In: MOTTA, R. P. S. Op. Cit. p.253.

encontrado e apreendido em sua “luxuosa residência de 20 cômodos”, em Porto Alegre, “várias centenas de milhões de cruzeiros e também documentos cuidadosamente preparados pondo outros bens d’ele em nome de terceiros”.⁴¹⁰

Reforçando a importância da “classe média brasileira” para o sucesso da “contra-revolução pacífica”, a revista mostrava a ousadia e o empenho de muitos empresários que organizavam reuniões em suas fábricas, convocando seus empregados e militantes anticomunistas para discutirem a gravidade da situação, traçarem planos de ação, como a intensiva panfletagem, necessária para a conscientização da gravidade da situação.

Um livrinho barato, escrito por André Gama, dono de uma pequena fábrica de Petrópolis, e intitulado “Nossos Males e Seus Remédios”, teve uma circulação superior a um milhão de exemplares. Outro documento, escrito em linguagem simples, explicava como o sistema democrático funciona melhor do que outro qualquer, detalhava as tragédias da Hungria e de Cuba, e avisava: “Está acontecendo aqui!”. A distribuição desse e de outros materiais anticomunistas a princípio foi clandestina, depois tornou-se ostensiva. Os lojistas punham os folhetos denunciadores dentro de embrulhos e sacos de compras. Os ascensoristas davam-nos aos passageiros que se queixavam da situação. Os barbeiros punham-nos dentro das revistas que eram lidas pelos fregueses que esperavam a vez. Um tipógrafo do Rio imprimiu secretamente 50 000 cartazes com caricaturas de Fidel Castro fustigando seu povo e a legenda: “Você quer viver sob a chibata dos comunistas?”⁴¹¹

A revista enfatizava a importância da “imprensa destemida” na preparação da contra-ofensiva revolucionária, ressaltando o empenho dos principais jornais brasileiros, entre eles **O Globo** e o **Jornal do Brasil**, do Rio de Janeiro, **O Estado de São Paulo**, da capital paulista, e o **Correio do Povo**, de Porto Alegre, que, por conta própria, empreenderam “cerrada fuzilaria editorial”. Por seu “destemor”, os jornais brasileiros sofreram represálias por parte das autoridades: “Por publicar uma narração corajosa e reveladora do que viu durante a visita que fez a Rússia em 1963, o dono do *Jornal do Brasil*, M. F. do Nascimento Brito, viu seu jornal incorrer nas iras do Governo, que mais tarde, no dia 31 de março, ordenou a invasão por elementos do Corpo de Fuzileiros Navais”.⁴¹²

⁴¹⁰ MOTTA, R. P. S. Op. Cit. p. 101-102.

⁴¹¹ HALL, Clarence W. A Nação que se Salvou a si Mesma. (Artigo Especial). **Seleções**. Tomo XLVI, nº 274, nov. 1964, p. 102.

⁴¹² Idem. p. 103.

Dentre o elenco de atores que tomaram parte ativamente na preparação do golpe, **Seleções** destacava a participação das mulheres: “Mas é às mulheres do Brasil que cabe uma enorme parcela de crédito pela aniquilação da planejada conquista vermelha. [...] ‘Sem as mulheres’, diz um líder da classe média da contra-revolução, ‘nunca teríamos podido sustar a tempo o mergulho do Brasil em direção à ditadura’”. Conforme revelava o artigo, coube a Dona Amélia Molina Bastos, ex-professora carioca, esposa de um general reformado, “a vela da ignição e a fôrça propulsora do levante das mulheres”. Tendo tomado conhecimento da ameaça que se agigantava, após reunião realizada em sua casa entre seu marido e alguns líderes anticomunistas, decidiu, no dia seguinte, reunir várias amigas e vizinhas para juntas empreenderem a luta contra a tirania que ameaçava instalar-se no país: “Naquela mesma noite foi formado o primeiro centro da CAMDE⁴¹³ – Campanha da Mulher Pela Democracia”. A primeira medida do grupo foi buscar apoio junto ao diretor do jornal **O Globo**, Roberto Marinho, para impedir “a nomeação por Goulart de seu avermelhado primeiro-ministro”.⁴¹⁴

Muitas outras ações foram empreendidas pelas mulheres da CAMDE⁴¹⁵, auxiliadas por novas aliadas, como a Liga das Mulheres Democráticas (LIMDE). Segundo o redator, a CAMDE dedicava-se à panfletagem, comícios de protestos públicos, pressão sobre congressistas “em prol da democracia”, ou sobre firmas comerciais para que retirassem sua publicidade da imprensa considerada de *esquerda*, como o caso do jornal **Última Hora**. O mais importante evento promovido pela CAMDE foi realizado no dia 19 de março de 1964, no centro da cidade de São Paulo, a “Marcha da Família com Deus Pela Liberdade”.⁴¹⁶ A revista acrescentava que, no transcurso da passeata, enquanto os participantes “apertavam livros de oração e rosários contra o peito”, os jornaleiros na calçada vendiam “centenas de

⁴¹³ A CAMDE, uma “subsidiária” do IBAD, também estaria amparada por recursos procedentes do estrangeiro. Ver: BANDEIRA. M. Op. Cit. 1973, p. 428.

⁴¹⁴ HALL. Clarence W. A Nação que se Salvou a si Mesma. (Artigo Especial). **Seleções**. Tomo XLVI, nº 274, nov. 1964, p. 104.

⁴¹⁵ A CAMDE foi atuante em Florianópolis e contou com o apoio e participação de senhoras da sociedade, casadas com importantes empresários, políticos e militares. Entre elas, citamos Kirana Lacerda, Hilda do Valle, Maria de Lurdes Aquino e a professora universitária Carolina Galotti Koerig, presidente da CAMDE local. Ver: MAY, Patrícia Zumblick Santos. Redes políticas. **Fronteiras : Revista de História**. Florianópolis, nº 6, p. 123-137, 1998.

⁴¹⁶ “A Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, também aconteceu em Florianópolis, mas pós-golpe, isto é, em 17 de abril de 1964. Idem. p. 123-137.

milhares de exemplares de jornais”, que continha um texto redigido pelas mulheres, de cujo conteúdo reproduzimos um pequeno trecho:

Esta nação que Deus nos deu, imensa e maravilhosa como é, está em extremo perigo. Permitimos que homens de ambição ilimitada, sem fé cristã nem escrúpulos, trouxessem para nosso povo a miséria, destruindo nossa economia, perturbando nossa paz social, criando ódio e desespero. Eles infiltraram nosso país, o nosso governo, as nossas Forças Armadas e até nossas igrejas com servidores do totalitarismo exótico para nós e que tudo destrói... Mãe de Deus, defendei-nos contra a sorte e o sofrimento das mulheres martirizadas de Cuba, da Polônia, da Hungria e de outras nações escravizadas!⁴¹⁷

Argumentava a revista que tal mobilização fora uma reação ao comício da Central do Brasil, realizado no dia 13 de março. Com o apoio dos “vermelhos”, munidos de cartazes com os desenhos da foice e do martelo, Goulart reafirmou sua disposição em levar em frente suas “mudanças radicais”. Entre as mudanças sugeridas estaria a legalização do Partido Comunista, o confisco de refinarias particulares e uma reforma agrária nos moldes implantados por Fidel Castro em Cuba: “O comício de 13 de março bem pode ser considerado como detonador da revolução preventiva. A classe média brasileira percebeu então que a sorte estava lançada: Goulart tinha ido além do ponto em que poderia arrepender-se. O Governo tinha entrado num caminho que só podia levar a uma sangrenta guerra civil, seguida da tomada do poder pelos comunistas”.⁴¹⁸

A importância dos militares na consecução do golpe foi evocada pela revista: “tradicionalmente, o Exército tem-se considerado o defensor da constituição, o guardião da legalidade”, embora os comunistas tivessem conseguido infiltrar-se em suas fileiras. Mas uma figura despontava nos meios militares, liderando uma “conspiração defensiva: o Chefe do Estado Maior do Exército, General Castelo Branco, que “gozava do tipo de respeito profundo desfrutado nos Estados Unidos pelos Generais George Marshall e Douglas MacArthur”. Como esclarecia a revista, e num desfecho por demais conhecido de todos, os militares, numa ação conjunta com grupos de direita⁴¹⁹, derrubaram o governo de João Goulart, em 31 de março de 1964. Conforme registrava o periódico, as militantes da

⁴¹⁷ HALL, Clarence W. A Nação que se Salvou a si Mesma. (Artigo Especial). **Seleções**. Tomo XLVI, nº 274, nov. 1964, p. 108.

⁴¹⁸ Idem. p. 107-108.

⁴¹⁹ A “união sagrada” contra o comunismo era formada por uma elite de empresários, militares, políticos, religiosos e as “classes médias”, atemorizadas pela possibilidade dos comunistas chegarem o poder. Ver: MOTTA, R. P. S. Op. Cit. p. 264

CAMDE organizaram, no dia 2 de abril, na cidade do Rio de Janeiro, a “marcha de ação de graças a Deus” por ter livrado o país do perigo do jugo comunista.⁴²⁰

Seleções tecia considerações sobre o grau de perigo a que estiveram expostos os brasileiros antes do desfecho do golpe: “Varejando antros da subversão, apressadamente abandonados, unidades do serviço militar de informação descobriram toneladas de publicações comunistas, manuais de guerrilha, arsenais de armas, planos meticulosos para a dominação vermelha, projetos estranhos para o massacre dos principais elementos anticomunistas”.⁴²¹ O artigo finalizava comentando a nova configuração do cenário político brasileiro. O General Humberto de Alencar Castelo Branco fora “eleito” Presidente pelo Congresso, no dia 15 de março de 1964, até o término de dois anos de mandato que restavam ao governante anterior. Goulart, Brizola, o embaixador de Cuba e outros “chefes graduados dos vermelhos” fugiram apressadamente para países vizinhos, Cuba, ou se esconderam em acolhedoras embaixadas de países da Cortina de Ferro”.⁴²² Sintetizava a importância que atribuía à revolução de 31 de março: “Uma vitória colossal para o próprio Brasil, ela foi ainda maior para todo o mundo livre”.

Alongamo-nos na análise deste artigo devido à repercussão que alcançou sua publicação. Em agradecimento ao apoio prestado pela revista **Seleções** à causa revolucionária, divulgando o “registro fiel dos acontecimentos políticos de 1964 em nosso país”, seu fundador, DeWitt Wallace, foi agraciado pelo governo brasileiro, recebendo do Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco a Ordem do Cruzeiro do Sul. Tal honraria (mesma que Jânio Quadros concedeu a Ernesto “Che” Guevara) foi noticiada com destaque pela revista, em sua edição de março de 1966, onde comentava, orgulhosamente, o encontro entre Castelo Branco e o jornalista Clarence Hall⁴²³, autor de “A Nação que se Salvou a Si Mesma”. Nesta ocasião, o jornalista entregou ao Presidente da República uma cópia

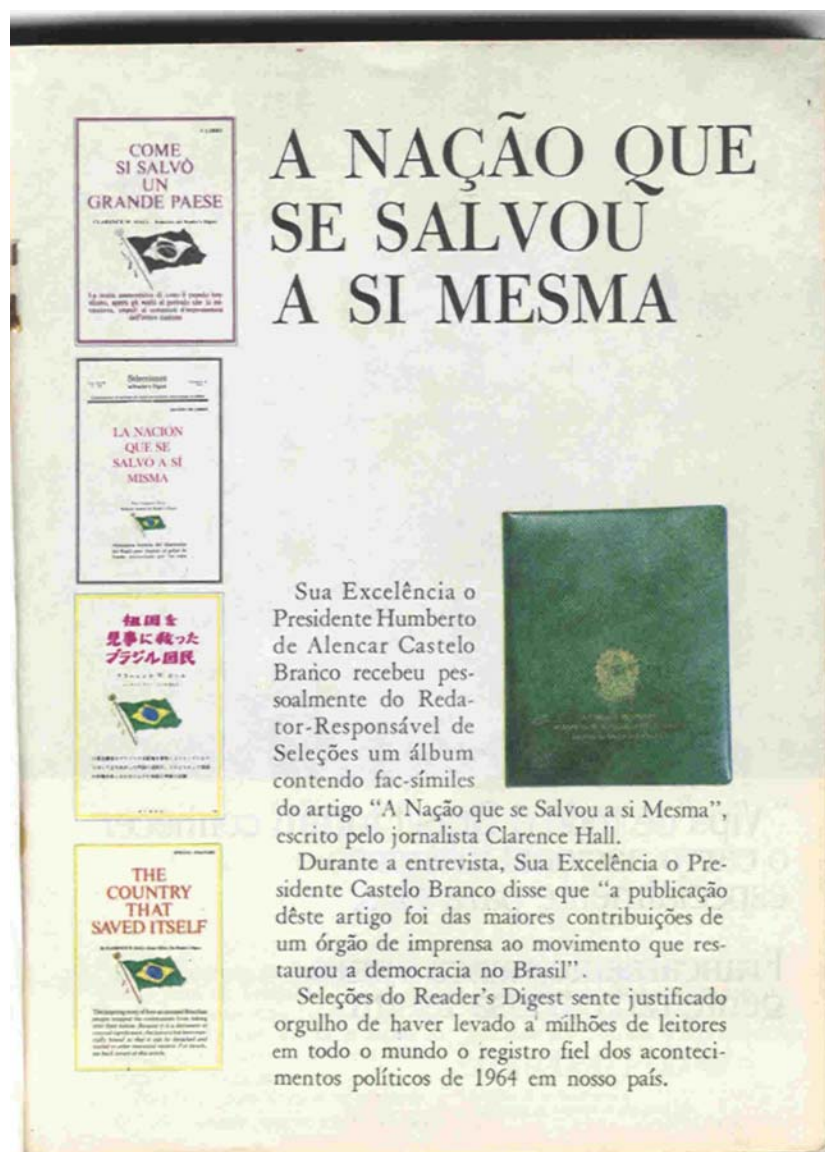
⁴²⁰ HALL, Clarence W. A Nação que se Salvou a si Mesma. (Artigo Especial). **Seleções**. Tomo XLVI, nº 274, nov. 1964, p. 119.

⁴²¹ Idem. p. 114.

⁴²² HALL, Clarence W. A Nação que se Salvou a si Mesma. (Artigo Especial). **Seleções**. Tomo XLVI, nº 274, nov. 1964, p. 113.

⁴²³ Clarence W. Hall, redator do **Reader’s Digest**, já havia trabalhado como redator-chefe do **Christian Herald**. Esteve no Brasil nas primeiras semanas logo após o golpe para escrever o artigo “Quando a revolução ainda estava viva na memória de todos”. Juntamente com outro redator do **Digest**, William L. White, “entrevistou demoradamente pessoas que tomaram parte nos acontecimentos, altos funcionários do Governo, militares e cidadãos de todas as classes”. Ver: HALL, Clarence W. A Nação que se Salvou a si Mesma. (Artigo Especial). **Seleções**. Tomo XLVI, nº 274, nov. 1964, p. 96.

encadernada do artigo. Castelo Branco ressaltou a importância do impresso, afirmando: “a publicação deste artigo foi uma das maiores contribuições de um órgão de imprensa ao movimento que restaurou a democracia no Brasil”.⁴²⁴ A revista reproduzia, nessa mesma página, a capa dos encartes editados em italiano, espanhol, japonês e inglês. Ao que parece, para mostrar a repercussão que atingiu tal matéria, como mostra a figura abaixo. (fig. 1)



⁴²⁴ HALL, Clarence W. A Nação que se Salvou a si Mesma. (Artigo Especial). *Seleções*. Tomo XLVI, nº 274, nov. 1964, p. 1.

A entrega desta “distinção” repercutiu junto a imprensa nacional, como fazia questão de sublinhar o periódico. **Seleções**, agradecida, dedicou uma página de sua edição de junho de 1965 à reprodução das principais manchetes publicadas pela imprensa nacional sobre a condecoração recebida por DeWitt Wallace. (fig. 2)

OK

FABIAN BACHRACH

O ato do Governo Brasileiro concedendo recentemente a Ordem do Cruzeiro do Sul ao fundador de **Seleções**, DeWitt Wallace, mereceu numerosos comentários e manchetes de grandes jornais em todo o país. Estampando alguns dos títulos dessas notícias, rendemos, nesta página, nossa sincera e reconhecida homenagem à Imprensa Brasileira por seu ato de coleguismo jornalístico.

12 - 1ª Cad., Jornal do Brasil, Sábado, 10-4-65

Homem que divulga o Brasil para o mundo receberá a Ordem do Cruzeiro do Sul

O interesse que um homem, o Sr. De Witt Wallace, tem demonstrado pelo Brasil durante 23 anos consecutivos, di-

NEO

O JORNAL — Sábado, 10 de

Agraciado por CB o diretor de “Seleções”

O presidente Castelo Branco concedeu a Ordem do Cruzeiro do Sul ao sr. De Witt Wal-

OK

Justo Reconhecimento a um Grande Amigo do Brasil

O GLOBO ☆ 12-4-65 ☆ Página 25

Cruzeiro do Sul a Seleções

O presidente Castelo Branco distinguiu com a Ordem do Cruzeiro do Sul o diretor-pro-

FOLHA DE S. PAULO — Quarta-feira, 3 de maio de 1965

Fundador de Seleções recebe a Ordem do Cruzeiro do Sul

O presidente Castelo Branco agraciou o sr. De Witt Wallace, fundador da revista

Manchete

De Witt Wallace na Ordem do Cruzeiro do Sul

A Ordem do Cruzeiro do Sul, a mais alta condecoração brasileira, acaba de ser concedida pelo Presidente

VISÃO, 26 DE ABRIL DE 1965

Em 14 idiomas

O Presidente Castelo Branco concedeu há pouco a Ordem do Cruzeiro do Sul a De

Rastreamos os jornais e revistas citados e transcrevemos abaixo trechos das matérias dedicadas a este acontecimento:

Revista **Manchete**: A Ordem do Cruzeiro do Sul, a mais alta condecoração brasileira, acaba de ser concedida pelo Presidente Castelo Branco ao norte-americano De Witt Wallace. [...] Wallace foi o criador e é o editor de um dos maiores empreendimentos jornalísticos do século : Seleções do Reader's Digest. [...] cujos dois últimos artigos, de maior sucesso foram a biografia de Pelé e **A Nação que se Salvou a Si Mesma**, texto esclarecedor da revolução brasileira de abril.⁴²⁵

Revista **Visão**: O Presidente Castello Branco concedeu há pouco a Ordem do Cruzeiro do Sul a DeWitt Wallace, fundador proprietário da revista "The Reader's Digest", "pelo muito que tem feito pelo Brasil, desde que começou a circular em português, em 1942".⁴²⁶

Jornal **O Globo**: Muito que sua revista - "Seleções do Reader's Digest" - tem feito pelo Brasil, desde que começou a circular em português, em 1942, valeu ao Sr. De Witt Wallace a Ordem do Cruzeiro do Sul, que acaba de lhe ser concedida pelo Presidente Castelo Branco [...] Em novembro de 64 saía "A nação que se salvou a si mesma" (The country that saved itself), do redator do Digest, Clarence W Hall. [...] O homem que inventou Seleções descobriu, também, um país para ser seu amigo. Este o motivo principal entre os que justificaram o direito que lhe foi conferido de usar a Ordem do Cruzeiro do Sul".⁴²⁷

Jornal do Brasil: "O interesse que um homem, o Sr. De Witt Wallace tem demonstrado pelo Brasil durante 23 anos consecutivos, divulgando-o através de 30 edições em 14 idiomas do Reader's Digest, foi uma das razões pelas quais o presidente Castelo Branco decidiu conceder-lhe a Ordem do Cruzeiro do Sul". [...] além de muitos outros assuntos brasileiros que foram focalizados por *Seleções*, como por exemplo "*A nação que se salvou a si mesma*", publicado em todas as suas edições.⁴²⁸

Encontramos referências sobre o golpe militar e o referido artigo em mais duas edições de **Seleções**, no ano de 1965, onde o Brasil era mostrado como um exemplo de resistência e vitória sobre o comunismo na América Latina: "No Brasil, o maior país da América Latina, os comunistas estavam a ponto de assumir o poder quando foram detidos por um levante popular apoiado pelo Exército", e indicavam a leitura: *(Ver "A Nação que se Salvou a Si Mesma").⁴²⁹ Na outra edição comentava: "Então, em abril de 1964, uma revolução no Brasil chefiada pelo General Humberto Castelo Branco, um firme

⁴²⁵ DeWITT Wallace na Ordem do Cruzeiro do Sul. **Manchete**. Rio de Janeiro. nº 680, 01 maio 1965, p. 37.

⁴²⁶ EM 14 idiomas. **Visão**. São Paulo. nº 15. 16 abr. 1965, p. 11.

⁴²⁷ "JUSTO Reconhecimento a um amigo do Brasil" . **O Globo**. Rio de Janeiro. 12 abr.1965, p. 25.

⁴²⁸ HOMEM que divulga o Brasil para o mundo receberá Ordem do Cruzeiro do Sul. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 10 abr. 1965. 1º Caderno. p.12.

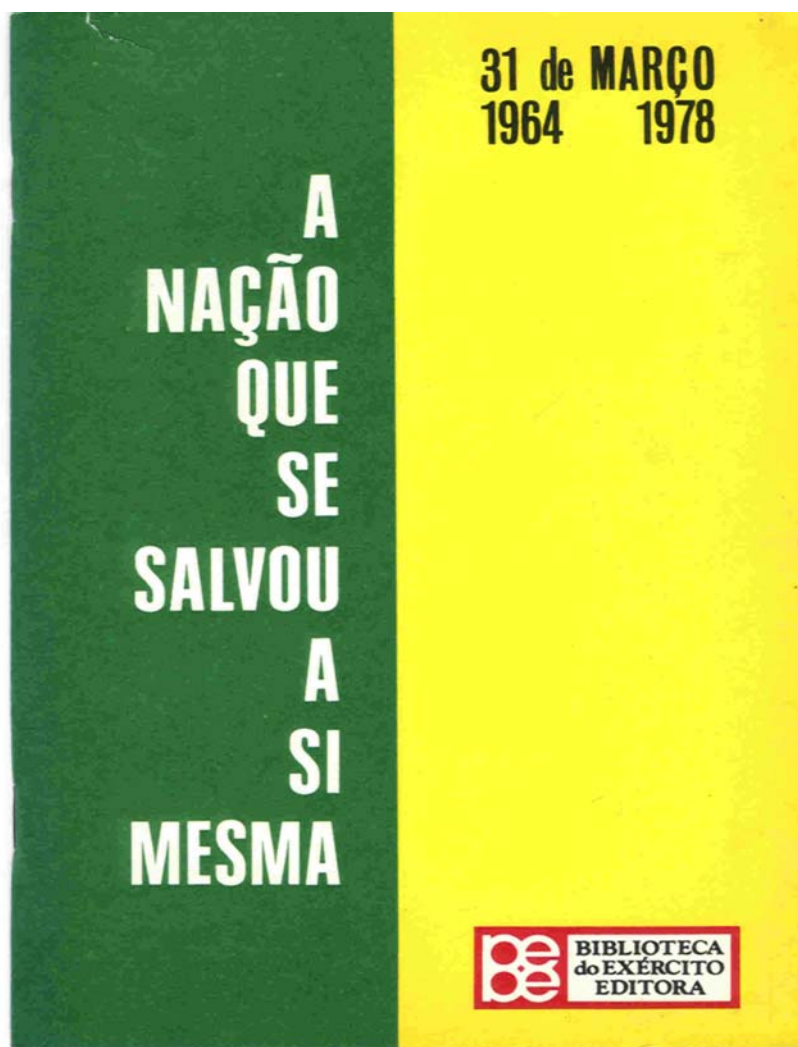
⁴²⁹ DODD, Tomas J. [Senador americano]. Os comunistas Nunca Desistem. **Seleções**. Tomo XLVII, nº 280, maio. 1965, p. 51.

anticastrista, depôs o Presidente João Goulart, de tendência esquerdista. E recomendavam novamente: *(Ver “A Nação que se Salvou a Si Mesma”).⁴³⁰ . (fig. 3).



⁴³⁰ GILMORE, Kenneth . O Atrevido Plano de Subversão de Cuba. **Seleções**. Tomo XLVIII, nº 286, nov. 1965, p. 143.

Mas o que nos deu a medida da dimensão alcançada por este artigo foi encontrá-lo publicado pela Editora Biblioteca do Exército, na íntegra, como uma espécie de “cartilha anticomunista”. Acrescido de um adendo onde comentava as “significativas” vitórias obtidas pelo governo militar no campo socioeconômico, também recomendava: “Por se tratar de documento de significação especial, mas editado em número reduzido, leia-o e faça-o chegar às mãos de outras pessoas”.⁴³¹ Reproduzimos na página anterior a capa do encarte de **Seleções** e abaixo a capa da cartilha editada pelo Exército, em 1978. Podemos observar os títulos idênticos e a semelhança no uso das cores, verde e amarela, simbolizando o “ato patriótico” que tal publicação representava. (fig. 4).



⁴³¹ A NAÇÃO Que se Salvou a Si Mesma: 31 de março 1964 – 1978. Rio de Janeiro : Editora Biblioteca do Exército. Este exemplar foi encontrado e cedido gentilmente, por empréstimo, pelo 63º Batalhão de Infantaria, sediado em Florianópolis.

Seleções, apoiada por órgãos oficiais, cumpria, mais uma vez, sua missão jornalística de “informar” e alertar sobre o perigo comunista. Contribuiu com seu trabalho na importante tarefa de convencimento da população de que o Brasil correu sério risco de comunização com o governo Goulart, ao mesmo tempo em que mostrava o golpe militar de 31 de março como a revolução redentora da democracia brasileira. Mantendo a tradição da imprensa anticomunista, reforçava a imagem deformada dos revolucionários, representados como seres violentos, sem moral ou escrúpulos. A intenção era passar para a sociedade uma imagem aterrorizante dos comunistas, com a finalidade de suscitar contra eles a indignação popular.⁴³²

As inúmeras referências encontradas ao longo do texto supracitado, bem como em outros artigos editados pela revista aludindo sobre a importância da “classe média”, ou sobre a necessidade de estimular o desenvolvimento de uma forte classe média, estavam vinculadas, basicamente, ao seguinte pensamento: o germe comunista não se instalaria em sociedades prósperas e desenvolvidas. Como esclarecia o periódico, o perigo estava entre a população pobre e desassistida: “Para gente doente e faminta, que vive na sua maioria em condições de grave injustiça, podem ser tentadoras as promessas comunistas fidelistas”.⁴³³ Fidel Castro já dissera: “o comunismo viaja em barrigas vazias”.⁴³⁴

Para a revista, a América Latina enviava para os Estados Unidos e seus aliados ocidentais do Primeiro Mundo um claro recado: “Aliviem minha pobreza, ou ajudarei os comunistas a instalarem novos Castros”.⁴³⁵ **Seleções** já alertava, na sua edição de novembro de 1956: “Mas a feia verdade é que a União Soviética *é forte precisamente porque o povo russo é pobre*. Foi essa a contribuição de Stálin para a moderna arte de governar: a descoberta de que a miséria do povo podia ser transformada na força do Estado”.⁴³⁶ Portanto, a preocupação com a imensa população pobre, não só da América Latina, mas da totalidade do Terceiro Mundo, estava relacionada ao “potencial subversivo da pobreza”. Retrocedendo ao final do século XVIII, encontramos este pensamento expresso na obra de

⁴³² MOTTA, R.P.S. Op. Cit. p. 276.

⁴³³ Como a América Latina Pode Salvar-se do Castrismo. [Gov de Porto Rico Luiz Muñoz Marin e Donald Robinson]. Condensado do “This Week”. **Seleções**. Tomo XLI, nº 245, jun. 1962, p. 39.

⁴³⁴ CHAPPELLE, Dickey. Cuba... Um Ano Depois. **Seleções**. Tomo XXXVIII, nº 218, mar. 1960, p. 100.

⁴³⁵ HILL, George W. [sociólogo norte-americano]. O Problema mais Explosivo da América Latina. **Seleções**. Tomo XLV, nº 273, out. 1964, p. 29.

⁴³⁶ ALSOP, Joseph e Stewart. A Corrida que a Rússia está ganhando. [Condensado de “The Saturday Evening Post”]. **Seleções**. Tomo XXX, nº 178, nov. 1956, p. 86.

Thomas Malthus, *Ensaio Sobre o Princípio da População*. Malthus⁴³⁷, que alertava sobre a ameaça que se constituía à pobre e volumosa população das capitais européias, que crescia assustadoramente em meio à Revolução Industrial: “Quando se respira miséria, fomes e outras angústias potencialmente desastrosas, as pressões revolucionárias abrem caminho e ninguém mais poderá detê-las”.⁴³⁸

As teorias malthusianas ressurgem no pós-guerra, no contexto da Guerra Fria, com a maioria dos países enfrentando dificuldades econômicas e tensões sociais, agravadas pelo vertiginoso crescimento da população mundial, notadamente nos países do Terceiro Mundo.⁴³⁹ Essas teorias foram encampadas por significativo segmento de autoridades de governos, economistas e cientistas, preocupados com a “bomba demográfica” que estava sendo armada nos países subdesenvolvidos, pobres e populosos: “Logo depois da bomba atômica, a força mais nefasta do mundo é a fecundidade irrestrita”.⁴⁴⁰ O medo da explosão demográfica, que perpassou as décadas de sessenta e setenta do século passado, estava intrinsecamente relacionado ao receio da expansão comunista e norteou toda uma política populacional, que, liderada pelos Estados Unidos, foi direcionada aos países do Terceiro Mundo.⁴⁴¹

A revista **Seleções** adotou e divulgou o discurso antinatalista, atrelando-o ao perigo da expansão comunista. Incorporando o discurso alarmista em voga, pregou a necessidade urgente de implantar políticas e práticas que limitassem a natalidade: “O padrão de vida das gerações de hoje é miseravelmente baixo. A menos que diminua o índice de natalidade, é quase certo que este padrão baixará ainda mais, até o ponto em que a miséria humana porá

⁴³⁷ Malthus defendia a tese de que a população mundial aumentava em porção geométrica, enquanto a produção de alimentos cresce apenas em proporção aritmética. Assim, o aumento populacional seria sempre mais elevado que os meios de subsistência.

⁴³⁸ MALTHUS, Thomas Robert. Todos Concordam Em Apenas um Ponto : A Família Deve Ser Planejada. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. 23 maio 1968, 2º Caderno. p. 5.

⁴³⁹ Um significativo crescimento demográfico começou a ocorrer no pós-guerra, o chamado “baby-boom”. Ao mesmo tempo, os avanços da ciência médica, como vacinas e antibióticos, alcançavam as regiões populosas do Terceiro Mundo, reduzindo a mortalidade e aumentando a expectativa de vida. A partir desta perspectiva, foi projetado um excesso populacional assustador para o final do século XX, com sérias implicações para o futuro da humanidade.

⁴⁴⁰ COOK, Robert. **Fertilidade Humana – o moderno dilema**: superpopulação ou fome? São Paulo : IBRASA, 1960, p. 4.

⁴⁴¹ Este foi o tema de meu Trabalho de Conclusão do Curso de História, que tomou o título: **Seleções do Reader’s Digest** e a questão demográfica : o discurso antinatalista no interior da Guerra Fria (1960-1970).

afinal um freio à procriação – provavelmente não antes de a democracia ter sido alijada em favor de uma forma qualquer de ditadura – muito possivelmente a ditadura comunista.”⁴⁴²

Humphrey Hubert, vice-presidente no governo Johnson, escrevia, na edição de março de 1966, e propunha o *american way of life* como contraponto à tentação do socialismo: “Os comunistas se aproximam dos camponeses e dos homens oprimidos pela pobreza em todo mundo e dizem: Venham conosco. Escutem-nos. Os americanos podem responder: “Vejam o padrão de vida de seu irmão americano, vejam-lhe a família sadia, o lar, a comunidade, a igreja, o carro e a conta no banco”.⁴⁴³

O Controle da Natalidade, tema controverso, causou polêmica e dividiu opiniões no Brasil. A relação entre controle populacional e a ameaça comunista também era veiculado pela imprensa nacional, como pode ser observado na matéria publicada em julho de 1967, pelo **Jornal da Tarde**: “A campanha que ora se faz contra o Planejamento Familiar no Brasil, interessa, sobretudo, ao comunismo internacional, que precisa de populações miseráveis, vivendo nas favelas da América do Sul, para realizar aqui sua revolução social”.⁴⁴⁴ Na revista **Seleções** transparecia a preocupação norte-americana: “Entretanto, para que os alvos da Aliança Para o Progresso sejam alcançados, as clínicas de planejamento da família na América Latina terão de aumentar em número num ritmo muito rápido [...] para inverter a maré de crescimento populacional que está, em muitas áreas, perpetuando – e até intensificando – a mais abjeta pobreza”.⁴⁴⁵

Seleções continuava com suas advertências sobre o perigo comunista que partia da ilha de Fidel e que era um pesadelo constante para o governo norte-americano. Neste artigo de novembro de 1965, contava “A história secreta da mais audaciosa tentativa de Fidel Castro para implantar o comunismo na América Latina”. Sua primeira investida seria na Venezuela, que, rica em petróleo tornar-se-ia, depois de conquistada, uma importante aliada: “deixaremos de ser uma ilha solitária no Caribe a enfrentar os imperialistas ianques”. Para tanto, Fidel contava com o apoio das Forças Armadas de Libertação Nacional da Venezuela (FALN), grupo de guerrilheiros comunistas treinados por Fidel

⁴⁴² GOUGHLAN, Robert. Gente Demais! Que fazer? [Condensando de “Life”]. **Seleções**. Tomo XXXVIII, nº 219, abr. 1960, p. 47.

⁴⁴³ HUBERT, Humphrey. [vice-presidente dos EUA]. A Grande História de Sucesso dos Estados Unidos. **Seleções**. Tomo XLIX, nº 292, mar. 1966, p. 117.

⁴⁴⁴ **Jornal da Tarde**. São Paulo. 06 jul.1967, p. 9.

⁴⁴⁵ MAISEL, Albert Q. Planejamento da Família e a América Latina. **Seleções**. Tomo XLVI, nº 274, nov. 1964, p. 45.

Castro. O articulista lamentava o posicionamento de vários países latino-americanos⁴⁴⁶ - México, Uruguai, Bolívia e Brasil – que discordavam sobre a imposição de medidas contra Cuba e continuavam mantendo relações diplomáticas, “apegando-se ao conceito antigo de não intervenção, que teve sua origem muitos anos antes do comunismo soviético se instalar no hemisfério”. O redator fazia uma ressalva quanto ao Brasil, que, logo após a “revolução de abril de 1964”, expulsou do país a delegação diplomática de Cuba: “Foi depois disso que os que procuravam a aplicação de medidas severas contra Castro sentiram que podiam contar com a maior nação do continente quando chegasse a hora de agir”.⁴⁴⁷

Finalmente, destacava a revista, em 26 de julho de 1964, dia em que Castro festeja todos os anos o início de seu “Movimento 26 de Julho”, a OEA aprovara novo pacote de sanções contra Cuba “estigmatizando um proscrito em seu meio”. Isolada, a Cuba de Fidel Castro não poderia exportar sua revolução para a América Latina, analisava a revista em sua edição de julho de 1968:

Mais convencidos do que nunca do perigo do comunismo cubano, os ministros da OEA apelaram em setembro para os outros Estados não-comunistas a fim de que “restringam o seu comércio e outras operações financeiras com Cuba... até que o Governo cubano cesse a sua política de intervenção e agressão.” [...] “a razão para a nossa política de isolamento de Cuba... não é o seu regime interno, mas a política de Castro de promover e dar assistência à subversão e ao terrorismo nos outros países do hemisfério”. Assim, embora talvez as restrições econômicas não derrubem o Governo de Castro, parece possível que um boicote efetivo faça Castro reprimir a flagrante agressão de Cuba aos seus vizinhos - o que é, afinal das contas, o objetivo do boicote.⁴⁴⁸

Meses depois, o Chile, a Bolívia e o Uruguai rompiam relações diplomáticas com Cuba. O artigo era finalizado com o pedido de “modernização” das regras da OEA para que fosse permitido agir prontamente contra as “intervensões comunistas”. Caso contrário, “os países latino-americanos devem aceitar a pronta ação dos Estados Unidos quando a

⁴⁴⁶ A determinada oposição do Brasil e do México, até 1964, impediu a intervenção militar em Cuba sob a cobertura da OEA, como pretendia os EUA. Ver: BANDEIRA, Moniz. **De Martí a Fidel** : A Revolução Cubana e a América Latina. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1998. p. 7.

⁴⁴⁷ GILMORE, Kenneth . O Atrevido Plano de Subversão de Cuba. **Seleções**. Tomo XLVIII, nº 286, nov. 1965, p. 155.

⁴⁴⁸ ROWAN, Carl T. As Razões Para Boicotar Cuba. [Ex-diretor da Agência de Informação dos EUA]. **Seleções**. Tomo LIV, nº 317, jul. 1968, p. 68.

vida e a liberdade das nações estiverem em jogo”, como ocorreu com a República Dominicana.⁴⁴⁹

Neste contexto da Guerra Fria, marcado pela incompatibilidade entre EUA e URSS e dominado pelo temor do comunismo, a década de 1960 ficou caracterizada como “a década da rebelião, da contestação, da imaginação”, onde o socialismo figurava como uma alternativa, na ânsia de construir uma sociedade diferente: mais justa e igualitária.⁴⁵⁰

Seleções acompanhava a “efervescência” dessa época, como os distúrbios raciais que varriam os Estados Unidos, relacionando-os à investida comunista. Neste artigo de novembro de 1967, a crítica era dirigida ao líder pacifista, Reverendo Martin Luther King, que, desde seu púlpito, teria dirigido violenta crítica à ação dos EUA no Vietnã. Conforme o redator: “uma hipótese mais sinistra, que fôra sussurrada em torno do Capitólio e nas redações dos jornais dos Estados Unidos havia mais de dois anos, segundo a qual os comunistas estavam exercendo influência sobre os atos e as palavras do jovem pastor”. A recomendação era para que sua luta se restringisse aos direitos civis e “não emitir palpites sobre questões da política externa norte-americana”.⁴⁵¹ Os partidários dos “Panteras Negras” também estariam sendo “Instruídos na ideologia marxista-leninista e nos ensinamentos de Mão Tse-tung”. Vários grupos da “Nova Esquerda” os estariam abastecendo com propaganda revolucionária vinda da China e de Cuba.⁴⁵²

A invasão da Tchecoslováquia, em agosto de 1968, foi alvo da indignação da revista. O artigo redigido em setembro de 1969, contava como o Kremlin, usando “a diplomacia do tanque”, transformara “um satélite próspero e progressista numa colônia falida”. E, não sem razão, escreviam: “A Primavera de Praga havia terminado... antes que pudesse fazer brotar uma única flor”.⁴⁵³

Outros fatos que marcaram os anos sessenta também desfilavam nas páginas de **Seleções**, como Mary Quant e sua mini-saia: “Em princípios da década de 1960, a juventude começou a fazer furor [...] Acredita Miss Quant que as transformações sociais

⁴⁴⁹ GILMORE, Kenneth . O Atrevido Plano de Subversão de Cuba. **Seleções**. Tomo XLVIII, nº 286, nov. 1965, p. 157.

⁴⁵⁰ PAES, Maria Helena Simões. **A Década de 60** : rebeldia, contestação e repressão política. São Paulo : Ática, 2001, p. 9.

⁴⁵¹ ROWAN, Carl. A Trágica Decisão de Martin Luther King. **Seleções**. Tomo LII, nº 310, nov. 1967, p. 31.

⁴⁵² SCHULZ, William. Os “Novos Revolucionários” da América Entram em Cena. **Seleções**. Tomo LVI, nº 335, dez. 1969, p. 91.

⁴⁵³ VELIE, Lester. O Outro Assalto à Tchecoslováquia. **Seleções**. Tomo LVI, nº 332, set. 1969, p. 85.

aparecem primeiro na moda [...] a moda reflete o que as pessoas andam pensando”.⁴⁵⁴ Os *hippies* mereceram a atenção do historiador Arnold Toynbee, que os descrevia como “um sinal vermelho de advertência ao tipo de vida norte-americano”.⁴⁵⁵ O Movimento Feminista era “ironizado” pelo humorista americano Art Buchwald: “Ao contrário da maioria dos maridos, eu me preocupo muito com os problemas da mulher moderna e com sua luta pela sua realização. Minha bíblia tem sido *A Mística Feminina* e ninguém admira mais sua autora, Betty Friedan, do que eu”.⁴⁵⁶

A corrida espacial, motivo de grande disputa entre americanos e soviéticos, foi amplamente noticiada e o ano de 1969 foi decretado pela revista como o “ano da lua”. A façanha dos astronautas da Apollo 11, Neil Armstrong, Michael Collins e Edwin E. Aldrin, “movimentou todas as sucursais do *Digest*”, que esperava pela repercussão do “feito memorável” que colocaria os norte-americanos na dianteira da conquista do espaço: “Completas gravações em *tape* foram feitas de tôdas as grandes coberturas de TV. Em Munique foi instalado um posto de escuta para captar material da Rádio Liberty (destinada à Rússia) e da Rádio Europa Livre”.⁴⁵⁷

Apesar desta significativa vitória, **Seleções** finalizava a década contabilizando reveses norte-americanos. As implicações de uma derrota dos EUA no Vietnã⁴⁵⁸ eram levantadas pela revista e expressas em artigos, como neste, de abril de 1968:

O que mais preocupa os conhecedores da América Latina é a probabilidade de que um revés norte-americano no Vietname reanime o moral vacilante dos revolucionários castristas do hemisfério e de tal modo lhes aumente a força que uma “guerra de libertação nacional” na América Latina se torne uma possibilidade real dentro de um decênio. Uma guerra dessas poderia facilmente determinar um choque nuclear, visto que os russos sofreriam grandes pressão para aumentarem os seus esforços revolucionários na América Latina caso os vietnamitas demonstrassem que os Estados Unidos podem ser batidos em guerras de guerrilha.⁴⁵⁹

⁴⁵⁴ CLEAVE, Maureen. Mary Quant Ltda. Mini-Saia e Outras Bossas. [Condensado do Suplemento Dominical do *Times*]. **Seleções**. Tomo LII, nº 306, ago. 1967, p. 45.

⁴⁵⁵ Os HIPPIES. [Condensado do *Time*]. **Seleções**. Tomo LII, nº 311, dez. 1967, p. 67.

⁴⁵⁶ BUCHWALD, Art.[humorista]. A Mística Feminina. [Condensado do *Ladie's Home Journal*]. **Seleções**. Tomo LII, nº 311, dez. 1967, p. 155.

⁴⁵⁷ NAS ENTRELINHAS. **Seleções**. Tomo LVI, nº 333, out. 1969, p. 27.

⁴⁵⁸ Os vietnamitas conseguiram, em janeiro de 1968, impor humilhante derrota a forças norte-americanas, dando início à retirada norte-americana de seu território. Mas a efetiva vitória Vietcong só aconteceu em 1975, com a tomada de Saigon. Ver: PAES, M. H. S. Op. Cit. p. 18.

⁴⁵⁹ CRISTOPHER, Robert. O Custo Global da Retirada. [condensado de *Newsweek*]. **Seleções**. Tomo LIII, nº 315, abr. 1968, p. 75.

Em Cuba, Fidel Castro continuava chefiando sua revolução, e consolidava a Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS). **Seleções** advertia que tal organismo tinha por finalidade planejar e dar apoio financeiro à guerra revolucionária através da América Latina, colocando o hemisfério ocidental “diante do mais grave perigo que já correu desde que a Rússia Soviética instalou mísseis atômicos em Cuba”.⁴⁶⁰

Os anos dourados do capitalismo, que iniciaram no pós-guerra, exauriam-se neste final de década, prenunciando dificuldades para os anos vindouros. Com a economia americana em declínio, esta revista publicava, em novembro de 1969:

Os Estados Unidos são uma nação frustrada. Mas nem tôda a culpa cabe à guerra do Vietname, à exacerbação racial, à violência estudantil e ao crime nas ruas. O govêrno, o empresariado e os consumidores estão profundamente perturbados com outra grande fonte de tensão nacional: o ritmo ascensional da inflação. [...] A inflação desfigurou tôda a economia americana. Forçou o govêrno a aumentar os impostos, diminuir as despesas com os programas sociais e reduzir o fornecimento de dinheiro.⁴⁶¹

Diante deste quadro, os recursos destinados à América Latina pela Aliança Para o Progresso, com a finalidade de combater a pobreza e evitar o comunismo, foram minguando, até cessarem na década seguinte. Apesar das dificuldades, a revista **Seleções** apostava no governo do republicano Richard Nixon, que assumira a presidência dos Estados Unidos, em 1968. Esperançosos, projetavam para a próxima década preços estáveis, baixo desemprego e firme crescimento econômico. Embora reconhecessem que “a prosperidade material e o emprego pleno da década de 1960 não produziram tranqüilidade nem felicidade para extensos setores da nação”.⁴⁶²

Este capítulo percorreu a década de 1960, nas páginas da revista **Seleções** do Reader's Digest, com a intenção de mostrar como a América Latina foi ganhando projeção neste periódico, depois do advento de Fidel Castro e a socialização de sua revolução. O temor de uma conspiração comunista, com a participação russa, chinesa e cubana, motivou a revista a insistir na necessidade de mudança da política externa norte-americana, com o objetivo de afastar o perigo comunista no continente americano. Pese os esforços da revista

⁴⁶⁰ STROTHER, Robert . Pesadelo na Guatemala. **Seleções**. Tomo LV, nº 326, mar. 1969. p. 84.

⁴⁶¹ INFLAÇÃO Estilo Americano. [Condensado de *Time*]. **Seleções**. Tomo LVI, nº 334, nov. 1969, p. 121.

⁴⁶² Idem. p. 123.

e dos norte-americanos, Fidel continuou inabalável no poder, desafiando o “Colosso do Norte” até os nossos dias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aportando em terras brasileiras, em fevereiro de 1942, a revista **Seleções do Reader's Digest**, além do objetivo de ampliar seu mercado editorial, trazia consigo o propósito de contribuir para uma aproximação maior entre os Estados Unidos e o Brasil, harmonizando com os princípios da *política da boa vizinhança* de Roosevelt. Com a Segunda Guerra Mundial em curso, os norte-americanos promoviam, através desta política, um maior *avizinhamento*, receosos com uma possível “germanização” da América Latina, o que poderia implicar a perda de influência e mercados. Com o término da Guerra e o perigo alemão afastado, os Estados Unidos voltaram seu interesse para o mercado europeu, caindo a América Latina para segundo plano no rol dos interesses da política externa norte-americana. Nesse contexto do pós-guerra, emergiu uma incipiente Guerra Fria, que passou a dominar o cenário mundial nas décadas seguintes, envolvendo os Estados Unidos e União Soviética na disputa pela liderança mundial. O temor ao “germanismo” deu lugar ao medo do comunismo, que “ameaçava” a Europa, a Ásia e a África.

Concomitante a essa “negligência” norte-americana em relação aos países latinos, também podemos observar uma certa *ausência* desse continente nas páginas de **Seleções**, nos anos de 1950. Mas, ainda no final dessa década, ocorreu um crescente interesse pelo nosso continente, na medida em que o Movimento cubano, liderado por Fidel Castro foi tomando projeção internacional. Simultaneamente, começaram a ser publicados artigos advertindo as autoridades norte-americanas sobre a importância da parceria com a América Latina. O início da década de 1960 marcou uma evidente mudança no discurso da revista. A ascensão de Fidel Castro ao poder fez voltar a atenção dos norte-americanos e da revista para o nosso hemisfério. A partir da socialização da Revolução Cubana, os Estados Unidos se deparam com um fato novo e assustador: a experiência socialista no continente americano, mais precisamente “no seu quintal”. A ameaça “real” de contaminação e

alastramento do comunismo nessa região redirecionou a política externa norte-americana para a América Latina e repercutiu no cenário econômico, social e político brasileiro.

Acompanhando a escalada de Fidel rumo ao poder e apoiando, inicialmente, sua luta que julgava moralizadora, **Seleções** passou a atacar sistematicamente as ações dos revolucionários cubanos. No seu papel convencional de “porta-voz” dos anticomunistas norte-americanos, empreendeu uma campanha de alerta e denúncia sobre o agravamento do perigo de uma dominação comunista global, em consequência do alinhamento de Cuba à União Soviética e posterior aproximação com a China Vermelha. Através de suas narrativas podemos acompanhar os embates travados no interior da Guerra Fria, pois este periódico tornou-se fonte privilegiada para ilustrar a cruzada anticomunista que percorreu o mundo do pós-guerra.

Levantando a bandeira do “anticomunismo” e assumindo o importante papel de veículo de comunicação de massa, **Seleções** investiu-se de autoridade e tomou para si a missão de esclarecer e alertar as populações sobre a verdadeira face do inimigo comunista: “É preciso que alguém lhes diga a verdade”, advertia. A grande acolhida e credibilidade que desfrutava junto a um vasto público leitor nos países onde circulava, facilitou a penetração e apreensão dessa pregação como uma “verdade”. A crítica dirigida ao regime soviético, chinês e cubano, explicitada em número expressivo de artigos, cumpria o dever de “denunciar os males do comunismo”. Numa época impregnada pelo temor comunista, a imprensa, e particularmente a revista, contribuíram para criar e disseminar uma atmosfera de apreensão, muitas vezes de pânico, quanto a uma provável dominação comunista. Colaborava para esse propósito o tom “apocalíptico” e a demonização do comunismo adotado pela grande imprensa, e particularmente pelo periódico, que transformava a luta ideológica entre o comunismo e o capitalismo na luta do bem contra o mal, o embate entre Deus e diabo.

O sucesso alcançado tornou-a, como seus editores anunciavam, a “revista mais lida do mundo” e levou suas edições, traduzidas em diversos idiomas, a circularem na maior parte dos países não comunistas. Longe de mostrar-se neutra ou descompromissada, tornou-se uma parceira valiosa para o governo norte-americano na sua luta contra o comunismo, que encontrou um canal privilegiado para divulgação de suas idéias, ao mesmo tempo em que justificava e avalizava as ações dos norte-americanos na defesa dos seus interesses. A

revista propugnou com insistência a necessidade de uma postura mais ativa dos Estados Unidos e seus aliados, para combater o “perigo vermelho” que ameaçava a América Latina. **Seleções** fazia a sua parte participando e dando apoio a importantes eventos políticos, como o caso do Golpe de Estado brasileiro de 1964.

A partir da leitura dos exemplares abarcados por nossa pesquisa (1950-1960), concluímos que os temas **Seleções**/anticomunismo/EUA entrelaçam-se a todo o momento. Através do *olhar* da revista, que é o *olhar* de uma “elite” norte-americana, este periódico permite não só acompanhar a construção do imaginário norte-americano, suas representações a respeito da Revolução Cubana e o perigo que representava para a América Latina, tema deste trabalho, como também analisar o contexto em que estavam envolvidos, dando visibilidade aos importantes acontecimentos que marcaram essas duas décadas.

Não foi nossa intenção neste trabalho aprofundar um estudo sobre a Guerra Fria, mas mostrar como a revista **Seleções do Reader’s Digest** representou em suas páginas os episódios que permearam este conflito, particularmente após a tomada do poder por Fidel Castro, quando o comunismo ameaçava infiltrar-se em território americano. Incorporando, defendendo e divulgando os valores do *american way of life*, tornou-se uma valiosa aliada, ou melhor, transformou-se numa importante “arma”, dentre o “arsenal” utilizado pelos norte-americanos, para enfrentar o “inimigo comunista”, com quem disputava a hegemonia mundial.

FONTE

Revista **Seleções do Reader's Digest**

Revistas

A História do Século 20

Aventuras na História

Caros Amigos

Manchete

Veja

Visão

Jornais

Jornal do Brasil

Jornal da Tarde

O Globo

Última Hora

Folha de São Paulo

Locais de pesquisa

Arquivo Edgard Leunroth - Campinas - SP

Arquivo do Estado de São Paulo – SP

Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa – Porto Al

Documentos eletrônicos

<http://www.observatôriodaimprensa.com.br>

<http://www.culturabrasil.pro.br/revoluçãocubana.htm>

BIBLIOGRAFIA

AUED, Bernadete W. **A Vitória dos Vencidos: Partido Comunista Brasileiro e Ligas Camponesas. 1955-64.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1986.

BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

_____. **De Martí a Fidel: A Revolução Cubana e a América Latina.** Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 1998.

BARROS, Edgard Luiz de. **A Guerra Fria.** São Paulo: Atual, 1992.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Cuba de Fidel: viagem à Ilha proibida.** São Paulo: Livraria Cultura Ed., 1978.

BRASIL, Exército Brasileiro. **A Nação que se salvou a si mesma: 31 de março 1964-1978.** Cartilha. Editora Biblioteca do Exército. Rio de Janeiro, 1978.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os Clássicos?** São Paulo: Cia das Letras, 1981.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime.** São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

_____. O Mundo como Representação. **Estudos Avançados.** 11(5), 1991.

CHARTIER, Roger; GOULEMOT, Jean Marie. 2 ed. **Práticas de Leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

COOK, Robert. **Fertilidade humana - o moderno dilema: superpopulação ou fome?** São Paulo : IBRASA, 1960.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette.** São Paulo: Cia das Letras, 1990.

DIAS Júnior, José Augusto; ROUBICEK, Rafael. **Guerra Fria : a era do medo.** São Paulo: Ática, 1996.

DORFMAN, Ariel. **Patos, elefantes y héroes: la infancia como subdesarrollo.** Buenos Aires: Siglo Veintiuno de Argentina Editores, 2002.

FERNANDES, Florestan. **Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana.** São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

FONSECA Sobrinho, Dêlcio da. **Estado e População: uma História do Planejamento Familiar no Brasil.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos – FNUAP, 1993.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** 5 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

GORDON, Lincoln. **A segunda chance do Brasil: a caminho do Primeiro Mundo.** São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2002.

HELLMAN, Lillian. **A Caça às Bruxas.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX. 1914-1991.** São Paulo: Cia das Letras, 1995.

JUNQUEIRA, Mary Anne. **Ao Sul do Rio Grande - imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970).** Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1992.

MALTHUS, Thomas Robert. **Ensaio Sobre o Princípio da População.** São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a Imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989).** Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP: UNICAMP, 1998.

MORAIS, Fernando. **A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro.** 21 ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1985.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho” : o anticomunismo no Brasil (1917 – 1964).** São Paulo: Perspectiva, 2002.

MUNHOZ, Sidnei. **Debatendo as Origens da Guerra Fria.** Inédito.

NORA, Pierre. Entre a Memória e a História: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História.** PUC/SP: Dezembro, 1993.

PAES, Maria Helena Simões. **A Década de 60: rebeldia, contestação e repressão política.** São Paulo: Ática, 2001.

RAMPINELLI, Waldir José. O primeiro grande êxito da Agência Central de Inteligência (CIA) na América Latina. **Revista Catarinense de História.** Nº 3. SC : Insular Ltda, 1995.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **Aventura socialista no século XX**. São Paulo: Atual, 1999.

RODEGHERO, Carla Simone *et alli*. **Contribuições para o estudo do anticomunismo sob o prisma da recepção**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

SAMORAL, Manuel Lucerna *et alli*. **Historia de Ibero América**. Madrid: Ediciones Cátedra S.A. Tomo III, 1988.

SANTOS, Patrícia Zumblick. Redes políticas. **Fronteiras** : Revista de História. Florianópolis, nº 6, p. 123-137, 1998.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. **A Escola e a Memória**. Bragança Paulista: IFANCDAPH. Ed. da Universidade São Francisco/EDUSF, 1999.

TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo Sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

WOOD, James Playsted. **Of Lasting Interest**: the story of The Rider's Digest. Garden City, New York: Doubleday & Company, 1967.

